

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
LUIZ GUSTAVO SANTOS TEIXEIRA

*SACRIFICIUM AMORIS*: Uma Análise Positiva da Dimensão Sacrificial da Eucaristia.

SÃO PAULO

2016

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
LUIZ GUSTAVO SANTOS TEIXEIRA

*SACRIFICIUM AMORIS*: Uma Análise Positiva da Dimensão Sacrificial da Eucaristia.

Dissertação apresentada como exigência para a obtenção do título de Mestre em Teologia no Programa de Pós-Graduação *stricto sensu*, Mestrado Acadêmico, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sob a orientação do Prof. Dr. Valeriano dos Santos Costa.

SÃO PAULO

2016

LUIZ GUSTAVO SANTOS TEIXEIRA

*SACRIFICIUM AMORIS*: Uma Análise Positiva da Dimensão Sacrificial da Eucaristia.

Dissertação apresentada como exigência para a obtenção do título de Mestre em Teologia no Programa de Pós-Graduação *stricto sensu*, Mestrado Acadêmico da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sob a orientação do Prof. Dr. Valeriano dos Santos Costa.

Banca: 08/ 12/ 2016

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2016.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Valeriano Costa dos Santos  
PUC-SP

---

Prof. Dr. Pedro Iwashita  
PUC-SP

---

Prof. Dr. Antônio Carlos Frizzo  
Faculdade Católica de São José dos Campos

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Freire da Silva - Suplente  
PUC-SP

---

Prof. Dr. José Adalberto Vanzella - Suplente  
Faculdade Dehoniana

Aos meus queridos e amados  
pais, Jorge e Fátima que, me  
ensinaram que quem ama se  
sacrifica, doa a vida e mesmo  
sem esperar nada em troca,  
colhe os frutos com alegria.

## **AGRADECIMENTO**

Primeiramente a Deus, Senhor da Vida, que, pelo mistério da Encarnação, mostrou o quanto ama cada um de nós. Na elaboração deste trabalho, pude experimentar a presença divina, transmitindo-me a segurança e o conforto para prosseguir meu caminho.

Aos meus pais, Fátima e Jorge, e ao meu irmão, Matheus. Enfrentei inúmeros obstáculos, e as decisões, a cada dia, foram difíceis. No entanto, venci e vencerei sempre, graças ao apoio de vocês. Neste pequeno e singelo espaço, mais do que render-lhes homenagens, meus queridos pais e meu irmão, é fundamental que saibam que estão comigo em todos os momentos.

Ao amigo Pe. Valeriano, companheiro na caminhada, pela sinceridade, pela seriedade, pela paciência e pela perseverança na orientação desta dissertação, mostrando que aquilo que é sólido precisa ser buscado, mesmo com as dificuldades e desafios porque liturgia é celebrar a vida e o amor de Deus em nossas vidas e na vida dos nossos irmãos e irmãs.

A professora Cláudia Lima pela dedicação em rever todo o trabalho e dar suas preciosas contribuições. Além de ser uma das grandes incentivadoras em continuar os estudos.

À Diocese de São José Campos, representada por dom Cesar, bispo, pelo apoio, pela compreensão e pela ajuda no decorrer de minha caminhada. Agradeço por acreditar em mim e permitir que a diocese arcasse com as despesas para realização do mestrado desde as mensalidades até a participação em congressos.

A dom Moacir Silva, arcebispo de Ribeirão Preto, primeiro incentivador para a realização de minha Pós-Graduação em Liturgia, a mais sincera homenagem e agradecimento pela confiança. Foi seu exemplo e zelo pela Sagrada Liturgia demonstrou-me que pela simplicidade das celebrações podemos experimentar o mistério de Deus.

Aos padres: Edinei, Rinaldo e Rogério Félix agradeço pelo incentivo a continuar os estudos e por ensinarem que só com sacrifícios verdadeiros podemos alcançar nossos sonhos, metas e objetivos.

Ao padre Fabiano, agradeço pelas caronas, pelas idas e vindas de São Paulo em 2015, pela ajuda, disposição e preocupação com os estudos e sempre, com alegria, mostrando que no fim todo o esforço é recompensado e que vale a pena.

À querida, Mariane Almeida, amiga dos corredores do tempo da Graduação em Teologia e depois amiga de Mestrado. Podemos dizer que a “Teologia nos uniu” muito obrigado pelo incentivo e ajuda para não desanimar. Sem dúvida, seu testemunho me ensinou a sempre a ter esperança de que é possível alcançar nossos sonhos e que, é possível uma renovação na vida litúrgica sem perder a essência e a experiência do mistério celebrado.

À minha amiga Patrícia Minari, você sem dúvida me ensinou no decorrer dos anos o valor de cada escolha e que cada uma delas tem suas consequências na vida. Agradeço por sempre ter acreditado em mim e ter ensinado, com fatos, que o sacrifício nos traz realização, felicidade e serenidade quando temos um sentido para vida.

Aos amigos Eloy, Michele, Helena, Heloisa, Elaine, Vanessa, Pablo, Elizete e Neide e aos padrinhos Ana Lúcia e Edson e Janete e Joaquim, obrigado por sempre estarem ao meu lado em todos os momentos e por me darem lições de doação e partilha de vida.

A Vanessa Malaquias e Maria Fernanda Paes pela presença, amizade e companheirismo de todas as horas. Amizades e afinidades verdadeiras, surgem quando menos se espera, ambas não se explicam, vivem-se.

Aos professores Elza Helena e Gabriel Frade, pela dedicação e pelo esforço para a formação da nova geração de liturgistas pelo apoio na pós-graduação do Centro de Liturgia dom Clemente Isnard e incentivo para continuar os estudos.

Aos professores do mestrado agradeço pela dedicação e pelo esforço para a formação dos futuros teólogos. O exemplo e empenho de cada um de vocês mostrou o valor de ser pesquisador e de não permitir que a reflexão teológica se perca com pensamentos sem consistência.

A vocês que me ensinaram a ser uma pessoa melhor e a assumir, a cada dia, a responsabilidade no seguimento de Jesus Cristo, obrigado por serem sinais vivos e presença de Deus na minha vida.

Não te causam prazer holocaustos. Se não tens prazer com os holocaustos, ficarás sem sacrifício? De modo algum. Sacrifício para Deus é o espírito contrito; o coração contrito e humilhado Deus não o despreza. Tens o que oferecer. Não examines o rebanho, não aprestes navios e não atraveses as mais longínquas regiões em busca de perfumes. Procura em teu coração aquilo que Deus gosta. O coração deve ser esmagado. Por que temes que o esmagado pereça? Lê-se aqui: Cria em mim, ó Deus um coração puro. Sintamos aborrecimento por nós mesmos quando pecamos, porque os pecados aborrecem a Deus. Já que não estamos sem pecado, ao menos nisto sejamos semelhantes a Deus: o que lhe desagrade, desagrade também a nós. Em parte, te unes à vontade de Deus, por te desagradar em ti aquilo mesmo que odeia aquele que te fez.

(Dos Sermões de Santo Agostinho)

## RESUMO

Após vários séculos com uma visão de sacrifício, revelação, relação com Deus, fé, liturgia e práxis, com a renovação do Concílio Vaticano II (1962-1965), a Igreja conseguiu rever sua maneira de expressar a fé mais adaptada ao mundo. Dessa forma, tenta-se recuperar a visão de Deus como amor e misericórdia, a partir de Jesus Cristo, que se preocupa com o ser humano. Assim, tem-se a necessidade de fazer com que os fiéis aprofundem a fé e a coloquem em prática no cotidiano de sua vida. Entretanto, nos dias atuais, percebe-se certa resistência; os valores evangélicos são “interpretados” à maneira de cada um; o sofrimento e o sacrifício ganham um sentido “remissor” parecido com o do Antigo Testamento em vez do sentido, do Novo Testamento, de doação e entrega da vida em favor das pessoas. Portanto, à luz do Mistério Pascal e uma sucinta análise de algumas orações eucarísticas e anáforas, este trabalho busca mostrar a dimensão positiva de sacrifício presente na eucaristia, permitindo, assim, uma experiência de Jesus Cristo autêntica e de como pôr em prática tal experiência, com responsabilidade e comprometimento, a partir da base do amor de Deus, o ágape, pois infelizmente nos dias atuais ainda valoriza-se muito uma dimensão negativa desse seguimento, graças a uma sociedade líquida que se desenvolveu com o passar dos anos.

**Palavras-Chave:** Sacrifício – amor – ágape – fé – testemunho – mistério pascal – oração eucarística – anáfora.

## ABSTRACT

After several centuries, with a vision of sacrifice, revelation, relationship with God, faith, liturgy and practice, and with the renewal of the Second Vatican Council (1962-1965), the Church was able to review the way of expressing the faith being more adapted to the world. This way, the Church tries to recover the vision of God as love and mercy, taking as reference Jesus Christ, who cares about the human being. Therefore, there is a necessity to make the faithful deepen their faith and put into practice in their daily life. However, nowadays, we can see some resistance; gospel values are "interpreted" in the manner of each one; suffering and, sacrifice gain a sense of "redeemer" like the Old Testament rather than the sense of the New Testament, the donation and delivery the life for the people .Therefore, in the light of the Paschal Mystery and a brief analysis of some Eucharistic prayers and anaphora, this work aims to show the positive dimension of the sacrifice present in the Eucharist, allowing, thus, an authentic experience of Jesus Christ and how to put into practice such experience, with responsibility and commitment, from the base of God's love, the agape, because unfortunately, nowadays, still values so much the negative dimension of this following due a liquid society that has developed over the years.

**Keywords:** Sacrifice - love - agape - faith - witness - paschal mystery - the Eucharistic prayer - anaphora.

## ABREVIATURAS E SIGLAS

a.C.	Antes de Cristo.
cf.	Confira.
d.C.	Depois de Cristo.
doc.	Documento.
Ibid.	<i>Ibidem</i> (= na mesma obra).
n.	Número.
org/orgs.	Organizador / organizadores.
p.	Página.
pp.	Páginas.
s/ ss.	Seguinte / seguintes.
vol.	Volume.
CEC	<i>Catechismus Catholicae Ecclesiae</i> (Catecismo da Igreja Católica).
CIC	<i>Codex Iuris Canonici</i> (Código de Direito Canônico).
DAP	Documento de Aparecida.
DCR	Carta Encíclica <i>Deus caritas est</i> .
DS	<i>Denzinger</i> . Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral.
DV	Constituição Dogmática <i>Dei Verbum</i> .
EE	Carta Encíclica <i>Ecclesia de Eucharistia</i> .
EG	Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i> .
EV	Carta Encíclica <i>Evangelium Vitae</i> .
GS	Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i> .
IGMR	Instrução Geral do Missal Romano.
LF	Carta Encíclica <i>Lumen Fidei</i> .
LG	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i> .
SC	Constituição <i>Sacrosanctum Concilium</i> .
VE	Carta Encíclica <i>Veritatis Splendor</i> .

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I: NOÇÕES DE SACRIFÍCIO.....	17
1. Noções de sacrifício para o paganismo.....	19
2. Noções de sacrifício para o judaísmo.....	25
2.1 Tipos de sacrifícios judaicos.....	28
2.2 Festa da expiação e da páscoa.....	29
3. A manifestação sacrificial do amor de Deus.....	33
3.1 Sacrifício de Cristo.....	36
3.2 A oferta a Melquisedec e o sacrifício de Isaac.....	41
4. A dinâmica sacrificial da kenosis e seu apogeu na cruz.....	44
CAPÍTULO II: A DIMENSÃO SACRIFICAL DA EUCARISTIA.....	51
1. Sacrifício eucarístico: dom da entrega na última ceia.....	53
2. <i>Sacrificium amoris</i> : quero misericórdia e não sacrifício.....	58
3. Sacrifício em algumas Anáforas/Orações eucarísticas.....	63
3.1 Anáfora de Hipólito de Roma.....	65
3.2 Anáfora de Addai e Mari.....	69
3.3 Oração Eucarística I.....	72
3.4 Oração Eucarística IV.....	76
CAPÍTULO III: COMO VIVER HOJE O SACRIFÍCIO EUCARÍSTICO.....	82
1. Amor e sociedade líquida.....	83
2. O amor exigente e comprometido.....	91
3. A fé que age pelo amor (Gl 5,6).....	95
4. Fazer da vida um sacrifício de amor.....	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	110

1. Documentos do Magistério.....	110
2. Patrística.....	110
3. Dicionários, enciclopédias e manuais.....	111
4. Rituais Romanos.....	112
5. Bibliografia básica.....	112

## INTRODUÇÃO

Mais de dois mil anos se passaram desde o grande evento da encarnação do verbo de Deus, Jesus Cristo, e a humanidade pode perceber o grande amor de Deus por ela. Pela revelação transmitida, por Jesus, podemos ter a clareza da pessoa do Pai, do Filho e do Espírito Santo e de todo o processo da revelação de Deus, desde a origem, tendo o cume em Jesus e continuidade pelo Espírito Santo na vida das pessoas, por meio da Igreja.

A fonte de toda essa dinâmica está na pessoa de Jesus Cristo, pois, até sua encarnação, temos a imagem e a ideia de um “Deus” distante, que não dialoga diretamente com as pessoas, um “Deus” que pune a falta cometida. Desse modo, a aliança realizada com o seu povo tem grande importância, porque é a “fé” em Deus que libertará as pessoas da opressão pelo cumprimento da Lei ou, para alguns grupos, por meio da guerra, da destruição de todos aqueles que fazem o mal e cometem injustiças.

Jesus vem mostrar o Deus amor, misericordioso, que quer a conversão do pecador e não sua morte. O anúncio da Boa-Nova deve ser a todos que estejam dispostos a ouvir a mensagem e queiram colocá-la em prática na vida, independente da raça ou da etnia. Após o acontecimento do Mistério Pascal de Cristo, sua Paixão, Morte, Ressurreição e Ascensão aos céus, no dia de Pentecostes, temos o envio do Espírito Santo, para que perpetue sua mensagem no coração das pessoas e na história, por meio dos apóstolos e daqueles que fizeram a experiência do ressuscitado.

Todavia, o processo histórico nos mostra desde um aprofundamento das verdades de fé para combater “distorções” acerca dos ensinamentos de Cristo até o uso da religião e da boa-nova como meios de “status”, opressão, discriminação e “fardo” a seguir. Dessa forma, a manifestação do seguimento, na comunidade, na Igreja por meio da celebração, na vivência da liturgia e na práxis começou a ser distorcido com “regras” a serem seguidas, e o “sagrado” foi colocado como algo de qual só alguns “escolhidos” poderiam aproximar-se e os demais fiéis a ele deveriam respeito e adoração, pelo medo, e não pelo amor e pela misericórdia.

Durante vários séculos, essa foi a realidade. Porém, graças ao Concílio Vaticano II, em meados do século XX, teve início a mudança dessa realidade. Cada

fiel começou a reconquistar seu espaço e a participar mais ativamente na vida eclesial, em especial na celebração litúrgica, na vivência do Mistério Pascal, na práxis. O Concílio e seus documentos tentaram dar o sentido real a várias concepções e verdades distorcidas, até então. Uma que chama atenção é a noção/ideia de sacrifício, a qual por muito tempo foi pensada como algo difícil e “pesaroso”.

Infelizmente, nos dias atuais, se tem muitos discursos que salientam que é necessário sacrifício como o de Cristo, a busca e a aceitação do sofrimento como “vontade” divina, para purificar-se e chegar à salvação. Tal ideologia foi combatida durante séculos e ganhou grande força nos movimentos pré e pós- conciliares e no próprio Concílio para corrigir os erros e fazer a distinção do sacrifício de Cristo, que ocorreu em consequência de seus atos, e não uma busca. Os cristãos devem realizar um sacrifício espiritual, agradável a Deus.

Juntamente com essa ideia de sacrifício agradável, tenta-se redefinir a práxis cristã como seguimento de Jesus Cristo, a partir de uma experiência pessoal com o ressuscitado e com a radicalidade do Evangelho. As “interpretações” de tais mensagens e seguimento não podem “curvar-se” à vontade do ser humano, a qual deve estar disposta a curvar-se à vontade de Deus, pautada pela justiça, pelo amor e pela misericórdia.

Assim, a presente dissertação, traz uma reflexão acerca do sacrifício, mas através de uma interpretação positiva acerca do seu significado, da práxis cristã, tendo como base o ágape, levando em consideração os tempos líquidos que está inserido, a liturgia e como as pessoas devem compreendê-la e, por fim, como cada pessoa deve colocar-se diante de tais realidades.

A dissertação é dividida em três capítulos para ajudar a refletir e perceber a deturpação do sentido da dimensão sacrificial presente nos discursos e celebrações eclesiais, com base na tradição da Igreja, em textos bíblicos, porém não de forma exegética e sim no seu sentido teológico, no pensamento de alguns Padres da Igreja, no Magistério, em alguns documentos do Concílio Vaticano II, em alguns expoentes do pós-Concílio e pensadores da Teologia atual.

No primeiro capítulo, será abordado algumas noções básicas acerca do sacrifício como seu significado etimológico, a dificuldade de se ter uma interpretação comum. Assim, apontaremos inicialmente, como o sacrifício é interpretado no paganismo, de forma geral e, posteriormente, o sacrifício em Israel, a importância das

festas da Páscoa e da Expição para o grande acontecimento de Jesus Cristo, levando-se em consideração o sentido teológico de tais festas, com a “redescoberta” do sentido real de sacrifício e sua vivência para as primeiras comunidades cristãs.

Entretanto, não podemos nos esquecer do sentido sacrificial do amor de Deus e como toda a dinâmica sacrificial está presente no apogeu da cruz, porém interpretada de forma positiva, de entrega da vida, presente na reflexão das primeiras comunidades cristãs em que a escolha por se pregar o Reino de Deus, a conversão e o Deus misericordioso tem suas compensações e não visto como algo pesaroso e negativista.

No segundo capítulo, tratará a dimensão sacrificial da eucaristia como celebração do Mistério Pascal de Cristo. O modo como se reza na celebração eucarística as verdades de nossa fé, nos leva a concordar com tudo o que ocorreu no processo de revelação sem perceber essa riqueza. Assim, irá reportar primeiramente à última ceia realizada por Jesus e a fim de levar à percepção de tratar-se apenas de uma celebração judaica ou se Jesus apresentou algo novo.

Será preciso resgatar a vivência da misericórdia acima de qualquer outra situação, porque deve-se experimentar o Deus da misericórdia e não do sacrifício, a partir da busca da verdade e do amor. Deus ensinou, por meio de Jesus Cristo, que o amor precisa ser manifestado pelo testemunho de vida, sinal da intimidade e da aceitação do seguimento de Jesus como discípulos missionários.

Além disso, analisar-se-á duas orações eucarísticas e duas anáforas para poder compreender o sentido sacrificial presente na Igreja desde o início do cristianismo, como a anáfora de Hipólito de Roma e depois a anáfora de Addai e Mari e como esse sentido se encontra na oração eucarística I e na oração eucarística IV. A análise tem por objetivo mostrar o quanto não se reza ou participa da celebração eucarística de forma adequada, ou seja, com a inteireza do ser, porque se tornou algo “comum” e rotineiro, já que não se busca compreender a fé e suas formas de manifestação.

Nessa dinâmica, o sofrimento, inerente ao ser humano, pode ser visto de uma maneira diversa, não como algo meramente buscado, mas como uma realidade presente na vida de qualquer ser humano e que de acordo com o sentido que se deposita nele pode ser um sinal de força e perseverança na vida de cada pessoa e não algo que seja um castigo.

No terceiro e último capítulo refletirá sobre o desenvolvimento teológico da práxis cristã de como viver o sacrifício eucarístico nos dias de hoje o qual necessita ser embasado na fé e no amor, não um amor qualquer e sim no próprio ágape de Deus que pode ser buscado pelo ser humano criado a Imagem e Semelhança do próprio Deus.

Portanto, buscar-se-á dar um sentido acerca do amor exigente e comprometido em nome de uma causa, que não apenas norteia a vida, mas que deposita sentido na existência das pessoas, através da doação e entrega aos outros, e desse modo poder caracterizar a fé que age pelo amor e não só ou que busca uma imagem de Deus diferente daquela revelada por Ele mesmo em Jesus Cristo sem jamais esquecer que tudo passa pelas relações interpessoais e ver o outro como um irmão e irmã e não como um objeto a ser descartado ou usado a maneira que convém interesses pessoais e mesquinhos.

Infelizmente, os seres humanos estão inseridos numa sociedade líquida, estudo desenvolvido por Zygmunt Bauman, que será abordado no último capítulo. Assim, o amor pode ajudar a superar aquilo que é líquido-volúvel, momentâneo, para voltar-se para aquilo que é sólido-duradouro e porque não dizer para o que é eterno, tanto na vida pessoal quanto eclesial porque com o passar dos séculos a partir de interesses pessoais, políticos e econômicos aquilo que é supérfluo e transitório foi posto como ideal e “permanente”

Dessa forma, toda a vida dos seres humanos, precisaria ser, necessariamente, um sacrifício de amor. A partir dessa experiência do amor como doação e entrega, na forma de dom gratuito, nas celebrações e vivência dos demais sacramentos poder-se-á observar que além da graça recebida, tem-se uma exigência de comportamento perante Deus, a Igreja e os demais irmãos e irmãs que não tem outro nome a não ser amor entrega da própria existência - no caso, dos cristãos - ágape, que gera vida e sentido.

Enfim, que está dissertação de mestrado contribua para uma reflexão mais crítica e sólida de vivência cristã, como algo realmente concreto que permita aplicar os ideais apontados, na vida, nas relações com Deus e com as demais pessoas dando uma resposta mais positiva à deturpação do sentido de nossa fé, do sentido de sacrifício e do seguimento de Jesus Cristo na vivência tanto eclesial quanto social e

que cada um é responsável de fazer a transformação no local em que está e não se esperar dos outros qualquer tipo de mudança ou comportamento.

## CAPÍTULO I

### NOÇÕES DE SACRIFÍCIO

De maneira geral, as religiões preservam o princípio da experiência religiosa que determinado grupo de pessoas, sociedade, cultura faz da experiência do transcendente, daquilo que é “absoluto”<sup>1</sup>.

A religião supõe um sentimento que pode ser identificado como a busca que o ser humano faz para dar sentido à sua existência e respostas a questões da vida e direção para o seu agir<sup>2</sup>.

O ser humano, busca no decorrer de sua existência, mesmo que de forma inconsciente, uma relação com o transcendente, seja ela positiva ou negativa. Dessa forma, a formulação de ritos, livros sagrados e festas religiosas são maneiras de demonstrar a união com a divindade. Uma das características que as religiões possuem é a concepção de sacrifício presente desde as manifestações religiosas mais antigas até as mais recentes.

Inicialmente, é necessário ter claros alguns conceitos sobre sacrifício, uma vez que há sérias divergências sobre o assunto porque cada um aborda e estuda tal temática, de acordo com suas experiências, com suas ideias preliminares ou noções a respeito do que acreditam ser e tratar o sacrifício<sup>3</sup>.

Temos nos primórdios a utilização do termo oferenda para caracterizar a ideia de sacrifício, porém isso ocorre quando tem-se a ideia de que era necessário devolver uma parte do que se produzia para a divindade, como uma forma de restituição ao verdadeiro dono<sup>4</sup>.

Com a evolução das civilizações, evoluiu também a questão da oferenda e a noção de doação em que os seres humanos preparavam os sacrifícios e se alimentavam dele, ou pelo menos de uma parte - o restante do sacrifício não

---

<sup>1</sup>Cf. SCHILLEBEECKX, Edward. *História humana: Revelação de Deus*. São Paulo: Paulus, 1994. p. 90.

<sup>2</sup>Cf. *Ibid.*, p. 37.

<sup>3</sup>Cf. GROTTANELLI, Cristiano. *O sacrifício*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 13.

<sup>4</sup>Cf. *Ibid.*, p. 14.

consumido pelo oferente servia de alimento para os demais membros do clã. Dessa forma, acrescenta-se a ideia de sacrifício com comunhão<sup>5</sup>.

Indispensável mencionar que o sacrifício possui um rito<sup>6</sup>, seja para questão de oferta de alimentos ou até mesmo de assassinato da vítima animal para realização do valor sacrificial.

O Sacrifício, nesse modo de ver, não é de fato somente um rito que comporta assassinato e oferta, mas é um dos modos de alimentação humana, pois ele não comporta só renúncia e morte, mas compreende também a fruição imediata de um bem<sup>7</sup>.

Outra característica de sacrifício, independente da cultura, está ligada com a questão de troca de favores ou troca de benefícios, ou seja, trata-se de um modo do ser humano conseguir algo que tanto deseja para o seu bem<sup>8</sup>. Em muitos casos, esse bem está ligado a coisas materiais ou até mesmo ao pedido que a pessoa seja prejudicada em forma de vingança pelo mal que foi cometido.

O grande responsável por expressar toda essa dinâmica é o rito sacrificial, que pode ser compreendido da seguinte forma:

---

<sup>5</sup>Cf. GROTANELLI, Cristiano. *O sacrifício*. p. 14-15.

<sup>6</sup>Quando se fala em rito, muitas concepções podem vir à mente e podem variar de acordo com a cultura. Porém o rito possui uma raiz, que não se pode ignorar, que o coloca como um modo de ser, disposição organizada e harmônica das partes do todo. Além disso, o rito sempre possui uma conotação de cunho religioso Cf. TERRIN. Aldo Natale. *O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 18. Dessa forma, o rito diz respeito ao próprio ser humano e ao cosmo que ele está inserido como algo constituinte do próprio ser, assim, através da execução de um conjunto de sinais como por exemplo: gestos, palavras, orações e a utilização de várias matérias para expressar a realidade transcendente que se quer abarcar e pertença do ser humano a essa realidade. Cf. VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 75. Segundo Terrin o rito possui uma característica antropológica e sociológica que forma e demonstra sua realidade: “[...] A importância que a antropologia atribui ao ritual, naturalmente levando-se em conta todos os motivos subterrâneos que estão por trás dessa valorização. Diria que os motivos principais, antes de tudo, aqueles que se referem ao sentido profundo que se dá a religião no contexto de uma sociedade. Nessa perspectiva, não há dúvida de que o lugar verdadeiro a partir do qual se compreende uma religião, o verdadeiro observatório do mundo religioso são os ritos. [...] os ritos são considerados indispensáveis para a vida social, quer se entenda o rito como ‘integrador’ do mundo social, quer como uma realidade ‘especular’ do próprio social”. TERRIN. Aldo Natale. *O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade*. p. 67. Podemos, então, concluir que os ritos por pertencerem primeiramente à expressão religiosa e por conseguinte ser expressão do ser humano com determinada religião, os ritos devem ser seguidos e respeitados segundo a tradição e não ser alterado ou modificado sem um real motivo e com um sentido que supere ao anterior, caso isso não ocorra a religião, seja ela qual for, entrar num processo de falta de identidade porque estão modificando aquilo que ela expressa, ensina e direciona no agir das pessoas. A partir dessa constatação, neste caso, a crise litúrgica presente no cristianismo está na não fidelidade dos ritos porque não se busca conhecer seu sentido, mas aquilo que pode chamar mais pessoas sem explicar que o seguimento a Jesus Cristo requer comprometimento e responsabilidade. Essa temática será abordada nos capítulos que seguem porém, a questão ritual não será abordada com tanta profundidade.

<sup>7</sup>GROTANELLI, Cristiano. Op Cit., p. 16.

<sup>8</sup>Cf. Ibid., pp. 16-17.

1) A indução, [...] isto é, a ação de cuidar – especialmente quando se trata de caça ou de um inimigo – e de preparar a vítima; 2) a matança; 3) a renúncia, isto é, a ato de abdicar de uma parte da vítima para o consumo humano (ou às vezes da vítima inteira), que pode ser abandonada, ou sepultada, ou queimada, ou até mesmo jogada fora – tratada de modos que não implicam necessariamente uma doação, porque não é legítimo interferir, a partir desse renunciar, em um doar [...] e enfim 4) o consumo, a parte mais social e festiva do rito [...] o ápice do sacrifício<sup>9</sup>.

Após essa rápida abordagem, de conceitos básicos de sacrifícios, se faz necessário deter no que seria o sacrifício para o paganismo, judaísmo e para os cristãos para poder perceber a continuidade e evolução de uma concepção para a outra.

## 1. Noções de Sacrifício para o paganismo

Quando se analisa algum tipo de manifestação religiosa, seja ela qual for, é necessário levar em consideração o contexto cultural e a visão cosmológica de determina época e grupo religioso<sup>10</sup>.

A estrutura religiosa pagã<sup>11</sup> é marcada pelos mitos e a relação dos deuses com os seres humanos sob a forma de serviço e escravidão na qual as pessoas deveriam aplacar a ira dos deuses, para não serem castigadas. A partir de ritos e ofertas e, inclusive, nessa concepção, os deuses têm uma conduta cruel de abuso sobre os seres humanos<sup>12</sup> ou uma relação de ajudar a sanar suas necessidades ou de algum outro tipo de interesse.

Os mitos fundadores punham em evidência a lassidão dos deuses, obrigados sem cessar a tarefas 'servis'. Por causa dessa situação, os deuses tiveram a ideia de criar um servo feito à sua imagem e assim

<sup>9</sup>GROTTANELLI, Cristiano. *O sacrifício*. p. 17.

<sup>10</sup>Cf. AGNOLIN, Adone. *História das religiões*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 183.

<sup>11</sup>Por religião pagã ou paganismo deve-se entender, nesse contexto de estudo, as religiões antigas que não tinham ligação com o judaísmo e que possuem uma outra forma de compreensão da divindade e essa relação com os seres humanos.

<sup>12</sup>*El sacrificio consiste en ofrecer una libación (derramar un líquido) a una divinidad. La forma primera de libación consiste en alimentar la madre tierra gracias a un líquido revitalizador, es decir, la sangre caliente de un animal degollado. [...] También la libación servía para reavivar a las almas de los difuntos. La libación se inserta en el banquete en honor del dios concebido a imagen de las comidas reales. El dios se alimenta de una manera más espiritual que los hombres, se puede decir que 'come con su espíritu'. [...] En las tradiciones antiguas parece que las ofrendas y los sacrificios obedezcan a una necesidad de saciar a los dioses.* FONTBONA, Jaume. *La cena del Señor, misterio de comunión*. Biblioteca Litúrgica. Vol 32. Barcelona: Centre de Pastoral litúrgica, 2007. pp. 16-17.

capaz de corresponder às suas necessidades. A criação do homem é ligada à noção de ‘serviço’ e não procede de um ato de amor. O que convencionalmente se chama *sacrificium* era ligado à necessidade absoluta de o homem alimentar os deuses e zelar pela sua subsistência<sup>13</sup>.

Se tomarmos a região da Ásia menor e no antigo Oriente, por exemplo, temos povos antigos com práticas de sacrifício que datam dos séculos XIV e XIII a.C<sup>14</sup>, assim, temos “marcas duradouras nas populações de diversos troncos estabelecidas nessas regiões, marcas que foram recuperadas no curso dos séculos por comunidades religiosas”<sup>15</sup>.

A divindade para esses povos estava ligada com a noção de terra-mãe, como os gregos com a ideia de Gé/Gaia<sup>16</sup>, que era dotada de inúmeras manifestações como os rios, as fontes, mar e montanhas. Cabia aos homens, nesse ambiente religioso, o respeito e o cuidado com as coisas da terra, inclusive, tendo que fazer ofertas em sinal de gratidão.

Os homens conceberam o mundo divino à imagem da estrutura social mais elevada, da qual eles tinham um *experimentum* direto, a saber, o mundo dos reis, que devia ser simplesmente sublimado. Assim, deuses e deusas eram pensados como “super-reis” e “super-rainhas”. Disso ocorreu naturalmente que os ritos, em outros termos, as regras de civilidade que regiam as relações homens-deuses, eram reflexo ampliado do protocolo real<sup>17</sup>.

O sacrifício também era visto como um ato supremo em que era considerado o princípio do universo e das divindades. Assim merece todo destaque, respeito e preparação adequada. Dessa forma, seria um modo de conhecimento do ser e sua elevação a patamares transcendentais e com isso poder ajudar na continuidade do desenvolvimento de todo universo<sup>18</sup>.

Um dos temas mais importantes era a evolução cíclica do universo por meio do sacrifício de si, feito por uma pessoa cósmica primordial. A pessoa cósmica desmembrada era igualmente reconstituída por meio

---

<sup>13</sup>LEBRUN, René. *O Sacrifício no oriente próximo antigo*. In: BROUARD, Maurice (org). *Enciclopédia da Eucaristia*. São Paulo: Paulus, 2006. p. 39.

<sup>14</sup>Cf. *Ibid.*, p. 37.

<sup>15</sup>*Ibid.*, p. 38.

<sup>16</sup>Cf. FONTBONA, Jaime. *Los sacramentos de la iniciación cristiana*. Biblioteca Litúrgica. Vol 45. Barcelona: Centre de Pastoral litúrgica, 2014. p. 62.

<sup>17</sup>LEBRUN, René. *Op Cit.*, p. 38.

<sup>18</sup>Cf. SHETH, Noel. *O Sacrifício no hinduísmo e na Eucaristia*. In: BROUARD, Maurice (org). *Enciclopédia da Eucaristia*. São Paulo: Paulus, 2006. p. 923.

de sacrifício que provocavam assim a reintegração cíclica do universo em sua fonte original<sup>19</sup>.

Graças aos mitos e ritos antigos, se acreditava que as pessoas através dos sacrifícios que ofereciam estavam num constante relacionamento do macrocosmo (realidade de todo universo transcendental que mostrava todo o poder das divindades) com o microcosmo (realidade humana)<sup>20</sup>. Portanto, diante da realidade do microcosmo o ser humano possuía parte da essência do cosmos, ou seja, parte daquilo que é transcendente e eterno, assim, explicar-se-ia o motivo dos seres humanos sempre buscarem uma união com aquilo que é divino e eterno<sup>21</sup>.

No Egito antigo tínhamos uma característica de que o faraó seria, na verdade, o filho de algum deus. Dessa forma, seu poder político e social estava ligado a questões divinas e, assim, usava desse “atributo” para controlar as pessoas, acumular riquezas e até ser adorado. Muitos faraós pediam que fossem realizados sacrifícios para ele próprio ou para aplacar alguma ira dos deuses, inclusive, se fosse necessário, sugerindo sacrifício humano<sup>22</sup>.

Essa concepção do sacrifício ligado com o cosmo, era para poder mostrar a ordem presente em tudo - o caos não era bem visto. Assim, era necessário acabar com todo tipo de caos e colaborar na manutenção da ordem cósmica proporcionada pelos deuses. Em consequência dessa realidade, os seres humanos tentavam a todo custo não interferir na ordem cósmica e quando isso acontecia, o castigo era iminente e o sacrifício era utilizado para que tudo fosse redimido e posto em sua devida ordem original<sup>23</sup>.

Em tal perspectiva, são centrais, por um lado, as correspondências entre partes do cosmo e da sociedade e partes do corpo humano e da vítima e, por outro lado, a dialética contínua de desmembramento e religação, entre totalidade indistinta e divisão dolorosa, que implicam o pensamento cosmogônico não menos que o pensamento sacrificial em muitos textos<sup>24</sup>.

Os vários tipos de sacrifícios estavam ligados primeiramente com sua forma cruenta (com derramamento de sangue) e incruenta (sem derramamento de

---

<sup>19</sup>SHETH, Noel. *O Sacrifício no hinduísmo e na Eucaristia*. p. 923.

<sup>20</sup>GIRARD, René. *A Violência e o sagrado*. São Paulo: Editora Unesp, 1990. p. 29.

<sup>21</sup>Cf. GROTANELLI, Cristiano. *O sacrifício*. p. 38.

<sup>22</sup>Cf. KLAUCK, Hans-Josef. *O entorno religioso do cristianismo primitivo II*. São Paulo: Loyola, 2011. p.23.

<sup>23</sup>Cf. GROTANELLI, Cristiano. *Op Cit.*, p. 38.

<sup>24</sup>Ibid., p. 39.

sangue). Por muitos milênios a forma cruenta sempre foi bem vista nas várias culturas seja com derramamento de sangue animal ou até mesmo oferta da própria vida da pessoa, porém, na maioria dos casos o sacrifício animal era mais praticado pela maioria das civilizações num viés de forma de relações sociais<sup>25</sup>. Além dos animais, também poderiam usar como matéria dos sacrifícios outros tipos de matérias<sup>26</sup>.

[...] As oferendas de animais aparecem no mesmo contexto de oferendas de produtos vegetais, de objetos preciosos e de pessoas humanas; a posição comum indicava provavelmente uma destinação comum que não podia ser um sacrifício cruento – ‘não se sacrifica um vaso de ouro, nem um medidor de grãos’. Às divindades se ofereciam os bens mais variados – ‘porque as divindades eram proprietárias de terras e possuíam um templo comum – e parte dos bens alimentícios oferecidos servia, talvez, para as refeições deles’<sup>27</sup>.

Além do culto ao faraó no Egito, temos em certas culturas honras atribuídas aos vivos pelo bem que fizeram, e à pessoa que o realizava denominava-se de salvador ou benfeitor<sup>28</sup>. As honras a esse tipo de pessoa eram uma forma de agradecimento e também para que não desamparasse aqueles que precisavam de seus feitos e realizações. Essa forma de agradecimento também consistia em sacrifícios.

Os sacrifícios não são oferecidos às pessoas concernidas, mas por elas e por seu bem-estar pessoal. E o que se segue também deve ser associado inicialmente aos vivos e não ultrapassa os limites habituais. Uma mudança começa com o túmulo que se constrói para o benfeitor após sua morte. Analogamente, a estátua e as refeições públicas realizadas em sua memória devem ser localizadas no período pós-morte. A coisa possui uma carga religiosa forte<sup>29</sup>.

Em alguns casos os deuses eram vistos com atributos bem humanos e, até mesmo, com o mundo divino se misturando ao dos mortais<sup>30</sup>, assim, temos pessoas que tinham certa afinidade com uma determinada divindade de acordo com o interesse pessoal e com aquilo que se buscava alcançar. Na Grécia os cidadãos e escravos faziam ofertas e ofereciam sacrifícios animais, de alimentos ou bebidas, no respectivo templo do deus, para terem suas preces alcançadas<sup>31</sup>.

<sup>25</sup>Cf. GROTTANELLI, Cristiano. *O sacrifício*. p. 31.

<sup>26</sup>Cf. Id.

<sup>27</sup>Cf. Ibid., p. 32.

<sup>28</sup>Cf. KLAUCK, Hans-Josef. *O entorno religioso do cristianismo primitivo II*. p. 26.

<sup>29</sup>Ibid., p. 27.

<sup>30</sup>Cf. Ibid., p. 24.

<sup>31</sup>Id.

Na África, muitos grupos religiosos utilizavam sacrifícios como uma forma de troca daquilo que foi perdido (seja da colheita ou até de alguém que tenha morrido), para conseguir algo novo ou alguma compensação. Dessa forma, temos um tripé nessa concepção de sacrifício que era: doação, homenagem e abnegação. Assim, toda estrutura ritual pode ser considerada como utilitarista (de acordo com a utilidade do que se quer) e mercantilista (no sentido de trocar por algo que se quer)<sup>32</sup>.

A divindade só deveria reconhecer a validade da oferta sacrificial como algo gratuito, porém o que estava na intenção dos povos nada mais era que fazer esse tipo de “barganha” para conseguir o que realmente estava precisando; era uma forma de enganar o deus que, por algum motivo, castigou ou retirou algo importante do povo<sup>33</sup>.

[...] Seria colocado em evidência a perda da coisa oferecida da parte dos seres humanos, e o valor e a eficácia daquilo que se doava da parte dos seres humanos, e o valor da eficácia daquilo que se doava teriam sido calculados com base na gravidade dessa perda<sup>34</sup>.

Na antiguidade tínhamos o culto aos heróis. Acreditava-se que eles ou seriam uma forma de deuses ou eles próprios que haviam descido a terra; seriam a prole de um mortal com um deus ou, por seus feitos em vida, seres que receberam algum tipo de poder na hora do pós-morte. Por serem pessoas importantes, por protegerem as pessoas, levando assistência aos mais necessitados, matar os que causavam algum tipo de mal e dentre outros, os heróis recebiam sacrifícios, após a morte, em honra de tudo aquilo que fizeram em vida<sup>35</sup>.

Os sacrifícios para os heróis conservavam vestígios nítidos dos sacrifícios para os mortos: eles são oferecidos junto ao túmulo. O animal sacrificial, não raro da cor preta, é abatido sobre uma fossa na terra para dentro da qual o sangue escorre como alimento para os mortos. Os restos são todos entregues ao fogo e, portanto, não servem como ingredientes para uma subsequente refeição dos celebrantes, desviando-se assim do padrão habitual<sup>36</sup>.

Na Grécia antiga, e em outras culturas, ocorria frequentemente a dinâmica de débito e crédito, ou seja, aquele que iria oferecer algum tipo de oferenda sacrificial aos deuses, era porque já possuía um certo débito com a divindade porque eram eles que provinham em todas as necessidades do ser humano<sup>37</sup>. Já o ato de nascer fazia

<sup>32</sup>Cf. GROTTANELLI, Cristiano. *O sacrifício*. p. 19.

<sup>33</sup>Cf. Id

<sup>34</sup>Ibid., p. 20.

<sup>35</sup>Cf. KLAUCK, Hans-Josef. *O entorno religioso do cristianismo primitivo II*. p. 25.

<sup>36</sup>Ibid., p. 26.

<sup>37</sup>Cf. GIRARD, René. *A Violência e o sagrado*. p. 33-34.

com que já estivesse devendo algo para o deus. Assim sendo, sempre os seres humanos seriam devedores perante os seus deuses e, por possuírem uma existência limitada perante a divindade, jamais seriam capazes de retribuir os presentes e dádivas concedidos<sup>38</sup>.

Esses tipos de sacrifícios que as eram realizados como forma de diminuir a dívida com os deuses era previsto por rituais bem claros e distintos, de acordo com a realidade e favor que seria agradecido como uma forma de contrato<sup>39</sup>, a ser cumprido à risca pela pessoa que já estava em dívida desde sempre. Acredita-se que a própria divindade alegrando-se com essa tentativa de sanar o débito em relação a ela, realizava mais coisas para mostrar por um lado a alegria de ser reconhecida e por outro para manter esse tipo dependência para com ela<sup>40</sup>.

Os sacrifícios eram realizados no templo da divindade, assim sendo, eram necessários alguns cuidados no local do templo onde ser realizava o ritual sacrificial, como a limpeza e o asseio que caracterizava a ligação com o sagrado. Os cuidados referiam-se não apenas ao local, mas também a todos os envolvidos com o ritual<sup>41</sup>. Dessa forma o sacrifício também dependia do sacerdote para sua realização.

O 'sacerdote' era o homem sagrado, designado para ser tal por uma comunidade humana e reconhecido em suas prerrogativas por um deus (quem era sacerdote o era de um deus preciso) depois de muitas cerimônias de instalação; com a diferença excepcional da Grécia (qualquer cidadão podia oferecer um sacrifício aos deuses), nenhum sacrifício era operante se não fosse realizado pelo sacerdote em nome e na presença do oferente<sup>42</sup>.

Convém lembrar que os sacrifícios também possuíam certa forma de agir ético bem complexa, pois esse agir ético variava na forma de agradecimento ou de reparar algum tipo blasfêmia realizada contra a divindade. Por exemplo quando se ofertava algo a um deus da guerra, os ofertantes queriam forças para conseguir eliminar seus adversários, por conseguinte, o seu agir estava na força bruta e mortal para massacrar quem quer fosse. Por outro lado, quando acontecia algum tipo de sacrifício a um deus da prosperidade o agir ético estava ligado em manter o equilíbrio para o desenvolvimento de tal sociedade, pessoa ou grupo familiar<sup>43</sup>.

---

<sup>38</sup>Cf. GROTTANELLI, Cristiano. *O sacrifício*. p. 22.

<sup>39</sup>Cf. *Ibid.*, p. 24.

<sup>40</sup>Cf. *Ibid.*, p. 23.

<sup>41</sup>Cf. LEBRUN, René. *O Sacrifício no oriente próximo antigo*. p. 41.

<sup>42</sup>*Id.*

<sup>43</sup>Cf. GROTTANELLI, Cristiano. *Op Cit.*, p. 27.

Enfim, essa rápida caracterização, da noção de sacrifício para culturas pagãs demonstra que Israel se influenciou por culturas e por tipos de sacrifícios já existentes para expressar sua relação com o Deus da Aliança e maneiras de restaurar a aliança com sua divindade quando essa era quebrada por interesses meramente humanos e pessoas, assim, se verá, a seguir, como se dava a manifestação sacrificial em Israel.

## 2. Noções de sacrifício para o judaísmo

A base para compreender a religião e sua forma de culto para o povo de Israel encontra-se no Êxodo, quando acontece o entendimento de Israel como povo de Deus (cf. Ex 19, 3-6). Nesse contexto, se tem Javé batizando seu povo como povo sacerdotal. Dessa forma, não se possui uma casta sacerdotal, e sim um povo que recebe a “dignidade” de ser sacerdote.

Os pilares da vocação sacerdotal (povo de Israel) são: ouvir e obedecer, ou seja, dispor-se para ouvir a palavra de Deus e colocá-la em prática. Assim, surge um culto existencial, interior e espiritual. O alicerce das práticas religiosas para Israel é de um culto dialogal, realizado a partir de uma aliança entre Deus e seu povo<sup>44</sup>.

Quando Deus faz a proposta da aliança e o seu povo dá o consentimento, a pessoa necessita expressá-lo de alguma forma, pelas orações, ou pelas celebrações. Quando o povo desvia-se do caminho, é infiel à aliança, há necessidade de um sinal para reconstruí-la.

Por isso, Israel começa a utilizar as características cúlticas dos pagãos para realizar o seu próprio culto. Uma característica são os sacrifícios que adquirem grande expressão, e cada oferta deve estar de acordo com o pedido realizado a Deus.

---

<sup>44</sup>La elección de Israel no es una auto elección de los israelitas, sino única y exclusiva acción de Dios [...] Nadie tiene derecho a ser elegido. La elección es pura gracia. Por consiguiente, no hay razón alguna para chauvinismos o exclusivismos basados en la religión. El pueblo de Israel debe convertirse en bendición para los pueblos restantes. La elección de Israel no significa un reconocimiento de que este pueblo tenga una cualidad especial en comparación con todos los demás pueblos, sino una obligación especial. La reciprocidad es sólo aparente: la elección (unilateral) por Dios debe corresponder Israel aceptando la obligación. No mediante el orgullo y la arrogancia, sino con la observancia obediente de las obligaciones de la alianza hará justicia Israel a su elección como pueblo de Dios. ¡Y cuántas veces fracasa Israel y peca contra su vocación y sus compromisos! Solo la fidelidad de Dios le salva del ocaso. KUNG, Hans. *El judaísmo: pasado, presente, futuro*. Madrid: Editorial Trotta, 2013. pp. 53-54.

O sacrifício exprime a aliança entre Deus e seu povo. É a busca de comunhão de vida com Deus no banquete sacrificial. O sacrifício é uma refeição sagrada em que a pessoa se oferece como dom à divindade através da coisa oferecida: vegetal ou animal. Ao oferecer o sacrifício, o ofertante presta homenagem a Deus, pede perdão por suas faltas e bênçãos para sua vida. O Sangue da vítima simboliza a vida do próprio ofertante oferecida a Deus<sup>45</sup>.

Dessa forma, iniciou-se o culto exterior, no qual o sacrifício deveria representar o reconhecimento da grandeza de Deus. Entretanto, o povo de Israel acabou se desviando da aliança, assim, passou a servir para recordar o amor de Deus com o seu povo. Isso significa que o sacrifício deveria expressar aquilo que estava no coração e no cerne da aliança<sup>46</sup>. Entretanto, não foi o que ocorreu, pois, o sacrifício deixou de lado o culto espiritual, para se tornar uma prática “perversa”. Cada pessoa passou a ter uma conduta religiosa e moral de acordo com a sua interpretação e interesse; posteriormente, apenas oferecia o sacrifício condizente à sua “falta” e tudo estava perdoado.

Com o desenvolvimento cultural, religioso, social e político de Israel e, a construção do Templo de Jerusalém<sup>47</sup>, local da “morada de Deus”, temos o surgimento de uma casta sacerdotal com a tribo de Levi. Com o passar da história, esta foi substituída por outro grupo, mas, mesmo assim, continuou com os ofícios no Templo. A criação do Templo praticamente anulou a concepção de que Deus é hóspede na vida e, inclusive, na casa do seu povo, podendo ser procurado e encontrado a qualquer momento. Nessa dinâmica tinha-se a ideia do Deus que vem ao encontro do ser humano e não o contrário, porém não foi isso que aconteceu: Javé estava agora num local específico, precisava ser visitado e não era mais fácil encontrá-lo<sup>48</sup>.

Para Israel, pode-se caracterizar três períodos para o desenvolvimento dos tipos e formas de sacrifício: período tribal, período estatal e a sociedade no pós-exílio da Babilônia. O sacrifício no período tribal, na formação de Israel, consistia em uma

---

<sup>45</sup>GASS, Ildo Bohn. O antigo sacrifício e o sacrifício novo de Cristo: (Hb 9,1-14). In: *Estudos Bíblicos*, Petrópolis 34 (1992). p. 57.

<sup>46</sup>Cf. FONTBONA, Jaume. *Los sacramentos de la iniciación cristiana*. p. 54.

<sup>47</sup>La construcción de un Templo espléndido, pero más modesto que el palacio de Salomón. Como propiedad de la dinastía davídica, el templo se convierte enseguida en santuario central de Israel y del Estado, y se le asigna una clerecía regia, hereditaria y funcional. Frente al templo del Estado, ‘el Arca de Dios’ ve disminuir con rapidez su importancia. Yahvé, que, como ‘Rey’, dispone ahora de una ‘casa’, ‘habita’ a partir de ese instante en el Templo. KUNG, Hans. *El judaísmo: pasado, presente, futuro*. p. 88.

<sup>48</sup>Cf. FONTBONA, Jaume. Op Cit., p. 64.

refeição feita com as famílias, de forma comunitária, entre as tribos. A gordura era oferecida a Deus, e a carne, partilhada entre os participantes.

A aliança de Deus com o povo, sem dúvida, era a fonte para tal prática e visava a comunhão entre o Senhor e seu povo. Um dos seus mais importantes elementos, o ritual de sangue, era realizado pelo chefe da família, pois não havia sacerdote nem Templo. Era um modo de pedir proteção de Deus para si e para sua família além de prosperidade na colheita<sup>49</sup>. Quando Israel passou de uma sociedade tribal para uma estrutura monárquica, algumas características básicas em relação ao sacrifício foram deturpadas.

A primeira mudança foi o local de realização do sacrifício, que passou a ser o Templo ou algum santuário. A figura do sacerdote começou a ganhar destaque como aquele que oferecia, em nome da pessoa, o sacrifício. Não se tem mais uma prática comunitária e sim, individual. A refeição começou a ser substituída, e as partes “nobres” do animal recolhidas e utilizadas no comércio<sup>50</sup>.

No último período, o pós-exílico, toda a dinâmica de sacrifício foi absorvida pelo Templo, e outras práticas sacrificais acrescentadas (cf. Ex 12, 1-20.43-53; Nm 5,1-9,4; 15-19; 28-29). Com toda estrutura voltada para o Templo e para a prática sacrificial, aconteceu o desenvolvimento de vários ritos, práticas sacrificais e festas específicas para tais celebrações<sup>51</sup>.

---

<sup>49</sup>Cf. NAKANOSE, Shigeyuki. *A Páscoa de Josias: Uma história para contar: Metodologia de leitura do Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 241.

<sup>50</sup>Cf. *Ibid.*, p. 242.

<sup>51</sup>Bernard Bartmann nos apresenta quatro características para o sacrifício em Israel que precisamos distinguir entre o dom oferecido, a oferta, o escopo e o sacerdote. O dom oferecido era um objeto externo e material, escolhido entre os bens daquele que oferecia o sacrifício. Segundo o dom oferecido, os sacrifícios dividiam-se em cruentos e incruentos. A oferta tinha o fim de apresentar a Deus, de maneira ritual, o dom oferecido, e variava segundo o caráter especial do sacrifício e a natureza particular do dom. Os sacrifícios cruentos consistiam na imolação de animais (bois, cordeiros, pássaros); os incruentos na oferta de alimentos, de cereais, de farinha, de vinho, e eram ora independentes, ora um contributo para o holocausto ou os sacrifícios pacíficos. Segundo o fim do sacrifício e a intenção do sacrificador (escopo), distinguiam-se o holocausto, os sacrifícios pelos pecados, o sacrifício de expiação do sacrifício pacífico. Este era uma oblação e tinha por objetivo, como o primeiro, a adoração de Deus e a comunicação com Ele; os outros dois eram sacrifícios expiatórios. Santificador era somente o sacerdote o qual, todavia, tinha por ajudantes os levitas [...] O lugar do sacrifício era, no período mosaico, o altar. BARTMANN, Bernard. *Teologia dogmática: Sacramentos e Escatologia*. Vol III. São Paulo: Paulinas, 1962. p. 209.

## 2.1 Tipos de sacrifícios judaicos

Primeiramente, o holocausto (cf. Lv 1) possui grande destaque. Nesse caso, o animal era sacrificado, queimado no altar do Templo, com exceção do couro, que ficava reservado aos sacerdotes. No holocausto, o fiel colocava a mão sobre o animal, que não poderia ter defeito e deveria estar em boas condições, para assinalar que morreria pelas faltas cometidas. O sangue era aspergido sobre o altar para designar que o sacrifício era ofertado a Deus<sup>52</sup>.

A refeição da amizade com Deus (cf. Lv 3), ou seja, o sacrifício pacífico<sup>53</sup>, era semelhante ao holocausto, mas, em vez de animal, queimava-se a gordura animal (considerada a melhor parte), e a carne era consumida pelo oferente e por sua família. O intuito de tal momento sacrificial era, sem dúvida, a comunhão com Deus primeiramente e de maneira muito sublime a comunhão entre as pessoas, o contato de um com o outro para mostrar a comunhão daqueles que seguiam a Deus<sup>54</sup>.

A oblação ou oferta dos cereais (cf. Lv 2) tinha como base farinha, massa cozida ou grãos não cozidos (alimentos de colheita e que serviam para subsistência das pessoas), azeite e incenso. Era um ato espontâneo de agradecimento a Deus e um acréscimo à oferta de animais.

<sup>1</sup>Se alguém oferecer a lahweh uma oblação, a sua oferta consistirá em flor de farinha, sobre a qual derramará azeite e colocará incenso. <sup>2</sup>E a trará aos filhos de Aarão, os sacerdotes; tomará dela um punhado de flor de farinha e de azeite e todo o incenso, e o sacerdote os queimará sobre o altar como memorial, oferta queimada de agradável odor a lahweh. <sup>3</sup>A parte restante da oblação pertencerá a

---

<sup>52</sup>*El holocausto era el sacrificio más solemne después del exilio, mientras que en los tiempos antiguos era excepcional. La víctima era quemada totalmente sobre el altar. La ofrenda por excelencia es el carban (cf. Mt 15,5-6; Mc 7,11). Todo es para Dios. La sangre se derrama alrededor del altar. Podía ser ofrecido por todo el Pueblo o bien por un particular, y en tal caso eran animales más bien pequeños (Cf. Lv1). En el templo de Jerusalén cada día se ofrecían dos holocaustos, uno por la mañana y el otro al atardecer, por todo el pueblo de Israel: era el llamado holocausto perpetuo (cf. Ex. 29,38-42). Junto con las víctimas animales se solían ofrecer tortas de pan y libaciones de vino y, en algunos casos, también incienso (cf. Lv 2; Nm 15,1-6). FONTBONA, Jaume. *La cena del Señor, misterio de comunión*. p. 22.*

<sup>53</sup>Iahweh recebia as partes mais valiosas do animal abatido, as porções de gordura, que eram queimadas sobre o altar. Depois que recebia sua parte do alimento dessa maneira, a refeição propriamente dita podia começar, no curso da qual – depois que o peito e a perna direita tinham sido removidos como porção do sacerdote – o adorador, junto com sua família e convidados, comia a carne. Aqueles que participavam do ato tinham de estar ritualmente puros. Desde que todo abate de animal era sacrificial e desde que quase nenhuma carne era comida em refeições regulares, semelhante refeição festiva no santuário se revestia de caráter especial. FOHRER, Georg. *História da religião de Israel*. São Paulo: Academia Cristã, 2015. pp. 267- 268.

<sup>54</sup>Cf. *Ibid.*, p. 268.

Aarão e a seus filhos, parte santíssima dos manjares de lahweh. Lv 2,1-3.

Nesse tipo de oferta, uma parte desses cereais era queimada como um memorial a Deus, para que se lembrasse do fiel. O restante ficava como sustento para os sacerdotes.

Os sacrifícios de expiação ou reparação (cf. Lv 5, 14-26) por sua vez, eram realizados para remissão dos pecados cometidos contra Deus ou contra os outros. Também eram realizados por meio da morte de algum animal. Interessante acrescentar que pão, vinho e azeite acompanhavam os sacrifícios animais porque a ideia que estava conjunta, nesse tipo de sacrifício, era ofertar também aquilo que era comum comer juntamente com a carne nas refeições, numa tentativa de aproximar o sacrifício dos fiéis como uma prática querida por Deus e que precisava ser observada por todos<sup>55</sup>.

Com esse sacrifício, o local do Templo ficava “profanado”. Assim, o sangue era aspergido como sinal da purificação pela morte que acabara de ocorrer. Esse sacrifício também servia como sustento para os sacerdotes. O mais curioso era que se o sacerdote comesse a carne do animal e não passasse mal, significava que Deus teria aceito seu arrependimento<sup>56</sup>.

## 2.2 Festa da expiação e da páscoa

O último tipo de ritual de sacrifício, para os judeus a maior festa, era o Dia da Expiação (cf. Lv 16). Sua estrutura era um pouco diferente dos realizados no holocausto. Também sua importância e “dignidade” eram superiores. O dia era marcado por um repouso absoluto, penitência e jejuns onde, se reuniam no Templo a assembleia de Israel com os sacerdotes para realizar a expiação do Templo,

<sup>55</sup>Cf. FONTBONA, Jaume. *Los sacramentos de la iniciación cristiana*. p. 69.

<sup>56</sup>*El sacrificio expiatorio tenía dos variantes: el sacrificio por el pecado (Lv 4,1-5,13 6,17-23) y el sacrificio de reparación (Lv 5,14-26; 7,1-7). El sacrificio por el pecado no es consumido por el oferente, la sangre se lleva al interior del templo. El sacrificio de reparación es ofrecido por particulares. En estos sacrificios tenía mucha importancia la sangre: cuando el animal era inmolado, toda la sangre se recogía en cubos, los angulos del altar eran ungidos con una parte de la sangre, y el resto se derramaba al pie del altar. Se quemaba la grasa, y la carne era consumida exclusivamente por los sacerdotes. Ibid., p. 22.*

sacerdotes e do de todo o povo com sacrifícios particulares e o sacrifício em favor de todos<sup>57</sup>.

O ritual era caracterizado quando o sumo sacerdote realizava a oferta de um touro em sacrifício para reparação das faltas cometidas pela sua classe religiosa e por seu próprio pecado. Usava-se primeiramente um touro cujo sangue era usado para aspergir o propiciatório, após sacrificava-se o bode e com seu sangue aspergia-se o que fica atrás do véu, em reparação do pecado do povo. Entretanto, toda essa dinâmica ritual estaria ligada com a purificação de todo o Santuário/Templo porque todo o altar era esfregado com o sangue de ambos os animais, caracterizando assim, mesmo que de maneira subliminar, que o local do sacrifício também ficava impuro com a realização de tais rituais durante o ano<sup>58</sup>.

Com o passar do tempo, toda a dinâmica da Festa da Expição foi sendo alterada e acontecia um sacrifício animal, pelos pecados individuais. Além do sacrifício animal, havia também a utilização de dois bodes: um era imolado, como no sacrifício do ritual do holocausto, demonstrando a aproximação de Deus com as pessoas e a reparação dos pecados de todo o Povo de Israel. Já o outro bode era remetido ao demônio, no deserto. Daí o surgimento do termo “bode expiatório”<sup>59</sup>.

O bode expiatório era posto à frente do sumo sacerdote e o mesmo impunha as mãos na cabeça do animal<sup>60</sup>. Dessa forma, o animal pegava para si toda a falta cometida pelo povo, tanto as voluntárias quanto as involuntárias. O interessante era que um homem precisava levar o bode ao deserto para que voltasse ao demônio, pois era o local que se acreditava que o mal habitava.

O homem que levava o animal ficava impuro e só poderia retornar para a cidade e o Templo após realizar o ritual de purificação e lavar as suas vestes. Uma ideia um pouco contraditória porque o homem realizava isso em favor do povo e mesmo assim necessitava de purificação<sup>61</sup>. O bode que ia para o deserto<sup>62</sup> não podia ser sacrificado para Deus, pois estava impuro pelos pecados do povo “transmitidos a

---

<sup>57</sup>Cf. VAUX, Roland. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2010. p. 543.

<sup>58</sup>Cf. *Ibid.*, p. 543-544.

<sup>59</sup>Cf. *Ibid.*, p. 544.

<sup>60</sup>Cf. EICHRODT, W. *Teología del Antigo Testamento*. Vol I. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1975. p.144.

<sup>61</sup>Cf. VAUX, Roland. *Op Cit.*, p. 544.

<sup>62</sup>Cf. EICHRODT, W. *Op Cit.*, p. 150.

ele”<sup>63</sup>. Toda essa ideia será apresentada novamente no Novo Testamento aplicado a Jesus Cristo e com uma nova dimensão que veremos no decorrer da dissertação.

Portanto, na Festa da Expição que o sumo sacerdote do ano corrente adentrava na parte mais sagrada do Templo, o “santo dos santos”, aspergia-o com o sangue de um novilho, pelo perdão dos próprios pecados, e também com o sangue do bode imolado, em nome dos pecados do povo. Assim, todos sabiam que acontecera o perdão e remissão dos pecados junto a Deus<sup>64</sup>.

Em Israel, dentre as celebrações anuais, destacava-se a Festa da Páscoa. Em sua origem, a páscoa era uma festa agrícola. Com o passar do tempo, tornou-se a festa por excelência da libertação do povo do Egito. Entretanto, não há dados suficientes para comprovar quando aconteceu essa “substituição”.

Não se pode ter em mente que a páscoa hebraica (a libertação do povo) e a páscoa agrícola (celebração da fecundidade dos campos e dos rebanhos) são iguais; passaram por nova compreensão e reinterpretação<sup>65</sup>.

Um aspecto positivo da páscoa é a “santificação”<sup>66</sup>, pois trata de algo que transcende a própria experiência humana, porque é uma ligação de Deus com seu povo, a qual vai muito além do aspecto individual e espiritual. A manifestação de Deus no *kronos* é histórica e atemporal.

De acordo com a tradição judaica, como já citado anteriormente, foi Deus quem instituiu a Festa da Páscoa, por meio de Moisés, quando o povo ainda se encontrava no Egito. Esse acontecimento é o marco para a vida de todo o Israel, pois celebra a libertação do povo de Israel do Egito.

O rito pascal consistia numa refeição, em que a família comia um cordeiro de um ano, cujo sangue era borrifado nas portas das casas, a fim de que o anjo

---

<sup>63</sup>Cf. EICHRODT, W. *Teologia del Antiguo Testamento*. p. 545.

<sup>64</sup>Vaux nos faz a seguinte comparação com um sacrifício babilônico existente: é interessante compará-lo a um rito que ocorria na Babilônia no dia 5º dia da festa de Ano-Novo, o dia 5 de Nisan: o encantador purificava os santuários de Bel e de Nabu com água, óleo e perfumes; depois, um sacrificador cortava a cabeça de uma ovelha e esfregava, com seu cadáver, o templo de Nabu para afastar suas impurezas; o encantador e o sacrificador iam jogar no Eufrates a cabeça de uma ovelha e esfregava, com seu cadáver, o templo de Nabu para afastar suas impurezas; o encantador e o sacrificador iam jogar no Eufrates a cabeça e o corpo da ovelha, depois se distanciavam no campo; eles não podiam voltar para a cidade antes do fim da festa, o dia 12 de Nisan. Há uma semelhança inegável com a cerimônia do “bode expiatório”: o animal é levado, carregado de impurezas e os ministrantes tornam-se impuros pelo contato com ele. Mas o animal foi imolado e trata-se de uma purificação do santuário; mesmo que o dia da Expição também tenha tido esse caráter, o “bode expiatório” só intervém para carregar os pecados do povo, um traço que não aparece no babilônico. *Ibid.*, p. 544.

<sup>65</sup>Cf. SANTE, Carmine Di. *Liturgia Judaica: fontes, estrutura, orações e festas*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 218.

<sup>66</sup>Cf. *Ibid.*, p. 219.

destruidor não passasse para matar os primogênitos, assim como ocorreu no Egito<sup>67</sup>. Contudo, a Festa da Páscoa, no princípio de Israel, era celebrada com a Festa dos Ázimos (pão sem fermento que remonta à libertação do Egito) e tinha cunho pastoril.

A Páscoa era provavelmente uma festa pré-israelita. A dos Ázimos talvez fosse de origem canaanita, mas tornou-se israelita. Ambas eram celebradas na Primavera. Em uma certa Primavera, deu-se uma esplêndida intervenção de Deus, a libertação do Egito, a qual marcou o início da história de Israel como povo, e povo eleito de Deus, e se concluiu com sua instalação na Terra Prometida. As festas da Páscoa e dos Ázimos serviram de comemoração deste acontecimento dominante da salvação. Este significado uniu-se muito rapidamente às duas festas, a cada uma de modo independente, segundo as mais antigas tradições; mas este valor comum tornava quase inevitável no futuro a união de ambas<sup>68</sup>.

Com o passar do tempo, a estrutura da festa foi modificada. A morte do cordeiro ganhou um aspecto de sacrifício, uma vez que passou a ser realizado no Templo uma vez ao ano. A partir de então se iniciou a peregrinação a Jerusalém uma vez ao ano, e a refeição passou a ser feita no Santuário.

Outra festa de destaque para os judeus era a Festa da Expição, descrita em Levítico 16-23, 26-32. O sumo sacerdote do ano corrente tomava para si dois cabritos para o sacrifício de expiação, um carneiro para o holocausto e um novilho. Primeiramente, o rito de expiação era para o próprio sumo sacerdote, depois, para sua classe sacerdotal de maneira geral e, por fim, para todo Israel.

Nessa festa, durante os ritos, o sumo sacerdote tinha o “direito” de pronunciar, na presença de Deus, o seu santo nome e entrar na parte principal do Templo: o “santo dos santos”.

Por conseguinte, a finalidade do grande dia da Expição é restituir a Israel, depois das transgressões de um ano, a sua qualidade de “povo santo”, reconduzi-lo novamente ao seu destino de ser o povo de Deus no meio do mundo [...] Neste sentido, trata-se daquilo que constituiu o intuito mais íntimo da criação no seu conjunto: dar origem a um espaço de resposta ao amor de Deus, à sua santa verdade<sup>69</sup>.

Podemos perceber que a tentativa de colocar o sacrifício como algo legítimo e até querido por Deus foi bem-sucedida. A imolação passou a ser feita no local do oferente, independentemente do motivo, como modo de afirmar que o

<sup>67</sup>Cf. PAUL, BEAUCHAMP. A eucaristia no antigo testamento. In: BROUARD, Maurice (org). *Enciclopédia da Eucaristia*. São Paulo: Paulus, 2006. p. 55.

<sup>68</sup>SANTE, Carmine Di. *Liturgia Judaica: fontes, estrutura, orações e festas*. p. 217.

<sup>69</sup>RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição*. Parede: Principia, 2011. p. 72.

sacrifício gerava vida, porém não era isso que acontecia (como já visto anteriormente). Além disso, o sacrifício, a morte do animal ou entrega de cereais, era acompanhado por uma oração que lhe depositava o sentido transformando-o num ritual completo, para reconhecimento do dom de Deus em favor do seu povo<sup>70</sup>.

Jesus Cristo assumiu para si, no seu mistério pascal, a realidade dessas duas festas: a da expiação e a páscoa. Agora, não mais celebra a libertação do Egito, mas a libertação de toda pessoa de uma estrutura religiosa e social de opressão. Jesus não realizou “uma refeição comum, mas uma ceia solene, a última de tantas outras que eles haviam celebrado pelas aldeias da Galileia”<sup>71</sup>.

Jesus realizou a festa da expiação com a doação da vida pela humanidade, na cruz, e com a ressurreição. Dessa forma, extinguiu-se a necessidade de sacrifícios animais, pois toda a humanidade foi regenerada de uma vez por todas.

### **3. A manifestação sacrificial do amor de Deus**

Deus, por vários motivos ficou oculto a Israel, tendo alguns intermediários para falar com o seu povo. Entretanto, isso ocorreu não porque Deus se escondeu, mas pelas pessoas que, por vários motivos, se afastaram da aliança. A partir da manifestação de Deus a Moises na sarça iniciou-se a percepção de um “Deus conosco” que se preocupava com o ser humano e não o contrário.

“Assim, o ‘Eu Sou’ teria o sentido de ‘Eu estou presente’, ‘Estou presente para vós’, o que acentuaria a presença de Deus para Israel; o ser desse Deus não está sendo visto como um ser para si, mas como um ser para os outros”<sup>72</sup>.

A beleza do Deus da revelação cristã consiste em tratar-se de Deus pessoal e não estranho<sup>73</sup>, então, Jesus, mostrou essa realidade do Deus presente. No evangelho de Mateus (12, 1-7), Jesus passando pela plantação de milho autorizou os discípulos, por estarem com fome, a arrancarem as espigas. Foi criticado pelos mestres da lei, por permitir tal colheita em dia de sábado. Uma célebre frase norteou

<sup>70</sup>Cf. FONTBONA, Jaume. *Los sacramentos de la iniciación cristiana*. p. 70.

<sup>71</sup>Cf. PAGOLA, José Antonio. *Jesus aproximación histórica*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 433.

<sup>72</sup>RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 96.

<sup>73</sup>Cf. *Ibid.*, p. 118.

todo o episódio: “Misericórdia é o que eu quero e não sacrifício, não condenaríeis os que não têm culpa” (Mt 12,7).

Essa crítica presente no Evangelho, nas Cartas aos Romanos e aos Hebreus existe para mostrar o caminho do seguimento e da experiência de Deus. Através da doação de Jesus Cristo, temos a revelação do Pai que também se doa às pessoas e, se até então era um desconhecido, agora por seu Filho, Ele se fez conhecer. Assim, a ação do Filho remeteu à ação ao sentimento do Pai<sup>74</sup>.

O Filho eterno nos remete para o eterno Pai; o divino Gerado para o divino Gerador; Deus para Deus; a Luz para a Luz. [...] O Silêncio mais além da Palavra da revelação é, então, o eterno silêncio, o divino Silêncio, é a Pessoa divina consubstancial ao Filho, a luz mais além da luz, a verdade silenciosa mais além da verdade proferida no tempo e na eternidade. A via ‘*eminentiae*’ nos leva, portanto, da Palavra dita para o divino Silêncio, do Filho para o Pai, unidos no mesmo plano do ser terno<sup>75</sup>.

Temos um sistema religioso todo pautado pelo poder, dominação e superioridade e no qual o seguimento da “lei” foi imposto como um grande fardo sobre as pessoas. Criaram-se novas “leis”, de conduta ou preceitos religiosos, para afastar as pessoas de Deus ou por “medo” de serem castigadas. Dessa forma o seguimento da lei foi pautado pela opressão, falta de liberdade e, principalmente pela falta de amor<sup>76</sup>.

Nessa prática, temos o “deus” do sacrifício pelo fogo, sangue e práticas rituais totalmente diferentes do que foi apresentado por Jesus Cristo, que se organizou a partir do amor e da solidariedade, sem causar opressão à vida das pessoas.

Incômodo, inquietante, repugnante, esse sangue de Jesus tido como nos tendo salvado! Revoltante esse mercado sangrento exigido por Deus, esse sacrifício necessário para aplacá-lo! E contudo, desde o Antigo testamento, o humilde suplicante já descobria um Deus diferente, o Deus que não se alimenta nem com a carne de touros nem com o sangue de bodes (cf. Sl 50,13), o Deus que não tem ‘nenhum prazer com o sacrifício’ (sl 51,18). E o grande profeta Isaías já podia enunciar tal princípio definitivamente adquirido: ‘O sangue de touros e dos bodes me repugna’ (Is 1,12). Do Antigo ao Novo Testamento, o progresso residiria na apuração do prazer mórbido de Deus, descobrindo-se com o gosto pelo sangue de um homem através de sua crescente repugnância pelo sangue de animais?<sup>77</sup>

<sup>74</sup>Cf. FORTE, Bruno. *Teologia da História: Ensaio sobre a revelação, o início e a consumação*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 67.

<sup>75</sup>Ibid., p. 68.

<sup>76</sup>Cf. VARONE, François. *Esse Deus que dizem amar o sofrimento*. Aparecida: Santuário, 2001. p. 91.

<sup>77</sup>Ibid., p. 9.

O centro do discurso de Jesus foi a libertação, o consolo dos oprimidos e dos que sofriam, a conversão de todas as pessoas, inclusive das que causavam tais abominações<sup>78</sup>. Algo que marcava o ser humano, que podemos afirmar que vinha desde os tempos mais remotos, estava ligado à justiça e com o ser justo. O contraposto à misericórdia e ao sacrifício acontecia pela deturpação do termo sacrifício, abordado no primeiro capítulo desta dissertação. Assim, a misericórdia foi posta à mercê da vontade humana.

A palavra misericórdia, etimologicamente é a junção de duas palavras em latim: *miseratio* (compaixão) + *cordis* (coração). Pode-se entender literalmente misericórdia, como "coração compadecido". Assim a misericórdia emana do homem *misericors*, aquele cujo coração reage diante da miséria do outro<sup>79</sup>. Consequentemente, pode ser usado o termo compaixão, que é entendido como se compadecer pela miséria do outro ou sentir com o mesmo coração<sup>80</sup>.

Dessa forma, temos o eixo da dinâmica bíblica, do seguimento e práxis do Cristo. O sacrifício é tornar algo sagrado, ou fazer com que algo volte a ser sagrado, a partir da misericórdia para com as pessoas. Se tomarmos como exemplo o evangelho de Lucas 15<sup>81</sup>, teremos a base para compreender a misericórdia e como fazer para que a vida das pessoas seja sagrada.

Em nenhuma outra parábola Jesus descreve a misericórdia divina de modo tão magistral como nesta. Com a parábola do Filho Pródigo, Jesus quer dizer: assim como eu atuo, atua também o Pai. Nesta parábola, a misericórdia do Pai é a justiça suprema. Também caberia aqui afirmar: a misericórdia é a mais perfeita realização da justiça. A misericórdia de Deus leva o ser humano a 'regressar à verdade acerca de si mesmo'. A compaixão divina não humilha o homem. '[...] a relação de misericórdia baseia-se na experiência daquele bem que é o homem, na experiência comum da dignidade que lhe é própria<sup>82</sup>.

Portanto, é Deus quem vem ao encontro, dos seres humanos, não para trazer algum tipo de humilhação para a vida, mas para restaurar a dignidade das pessoas. No entanto, não se trata de uma dignidade qualquer é a dignidade de filhos<sup>83</sup>. Dessa forma, o sacrifício cultual do Antigo Testamento, combatido por Jesus, não

<sup>78</sup>Cf. VARONE, François. *Esse Deus que dizem amar o sofrimento*. p. 91.

<sup>79</sup>CERBELAUD, Dominique. *Misericórdia*. In: LACOSTE, Jean-Yves (org). *Dicionário Crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2004. p. 1150.

<sup>80</sup>Cf. *Ibid.*, p. 1150.

<sup>81</sup>Trata do capítulo acerca da moeda e ovelha perdida e do Pai Misericordioso (Filho Pródigo).

<sup>82</sup>KASPER, Walter. *A Misericórdia: Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2015. p. 92.

<sup>83</sup>Cf. *Ibid.*, p. 93.

passava de mero “formalismo” religioso. Em vez de promover concórdia, paz, solidariedade e amor entre as pessoas, promovia um sistema desumano, individualista e egoísta.

[...] o conhecimento deste Deus oculto que se nos revela neste gesto de supremo amor que é a entrega do Filho também se realiza por meio do ato silencioso do amor. [...] É aqui que a parte do amor crucificado do Verbo silencioso, mostra toda a sua profundidade: a mais sublime das perfeições reveladas é o amor; a perfeição do amor, oculta no silêncio de Deus, é o próprio Deus como amor<sup>84</sup>.

Não se valorizava a preocupação com o próximo, e sim consigo mesmo. A pessoa fazia o que bem entendia, pois a moral estava condicionada a esse sistema. Cumprindo o rito de sacrifício, o fiel era redimido de sua falta e muitas vezes não se preocupava em “sanar” a falta cometida - “sistema” que está presente em nossos dias, embora de outra forma.

### 3.1 Sacrifício de Cristo

Muitos profetas<sup>85</sup> teceram críticas à estrutura sacrificial, montada ao redor do Templo. Em Jr 7,21-23<sup>86</sup>, o profeta apresentou Deus incomodado, porque estavam dando mais importância ao sacrifício do que à sua aliança: ouvir e obedecer.

No exílio da Babilônia o povo, desprovido do sacerdote e do Templo, começou a se reunir em torno da palavra (Torá). Surgiu, assim, a Sinagoga, onde novamente a palavra de Deus voltou para o centro da vida de Israel. Com o fim do exílio, diante de um panorama de destruição, o povo que voltou para sua Terra e tomou duas atitudes: a reconstrução do Templo e a reabilitação dos sacerdotes como uma nova “casta”.

---

<sup>84</sup>FORTE, Bruno. *Teologia da História: Ensaio sobre a revelação, o início e a consumação*. p. 69.

<sup>85</sup>Criticar el culto de los sacerdotes, que, con sus altares, sacrificios, cantos, votos y días festivos, no es un verdadero ‘medio de salvación’, sino una mofa de Dios en la medida en que lleva al hombre a pensar que puede asegurarse las bendiciones de Dios practicando de forma mecánica los ritos prescritos en vez de cambiar en su corazón, de practicar la justicia y de buscar Dios en la oración. KUNG, Hans. *El judaísmo: pasado, presente, futuro*. p. 94.

<sup>86</sup><sup>21</sup>Assim disse Iahweh dos Exércitos, Deus de Israel: Acrescentai os vossos holocaustos aos vossos sacrifícios e comi a Carne! <sup>22</sup>Porque eu não disse e nem prescrevi nada a vossos pais, no dia em que vos fiz sair da terra do Egito, em relação ao holocausto e ao sacrifício. <sup>23</sup>Mas eu lhes ordenei isto: Escutai a minha voz, e eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo. Andai em todo caminho que eu vos ordeno para que vos suceda o bem.

Jesus Cristo nascido na dinâmica do segundo Templo continuou sua crítica àquela estrutura, como os profetas, pois quis levar Israel à sua origem cultural e existencial, ouvir e obedecer, na qual não bastava viver o amor ao próximo somente no Templo. Além disso remonta à prática de sua vida como processo de Revelação de Deus em que o sacrifício também possuía a característica revelacional. Esta, porém, perdeu seu sentido com o passar dos séculos.

O sacrifício mesmo na aliança antiga, mesmo o esboço do sacrifício de Jesus, está situado já num contexto de revelação. É Deus que institui e dá o seu povo o grande rito anual, pelo qual Ele é reconhecido de novo com Deus fiel à aliança. Nesse sacrifício que Ele dá ao povo para celebrar, é Deus que abre ao povo a possibilidade de ter acesso de novo ao Deus da aliança e de encontrar na comunhão com Ele sua própria perfeição de povo de Deus<sup>87</sup>.

Toda ação pastoral de Jesus seguiu a linha dos profetas. Pedro afirmou que Jesus era um profeta (cf. At 3,22). Assim, Jesus criticou toda a estrutura do sacerdócio veterotestamentário e todo o formalismo ritual, porque não se vivia aquilo que se celebrava no Templo. Não houve desrespeito de Jesus pelos sacerdotes, e sim uma crítica à concepção religiosa da época, já que não se celebrava a vida nos ritos. Eram depositados pesados fardos sobre as pessoas no que dizia respeito à conduta moral e ao seguimento da Lei.

Dessa forma, Jesus rejeitou o conceito de santidade do Antigo Testamento, cuja base era a pureza versus a impureza das pessoas em relação aos ritos e práticas religiosas, o que proporcionava a divisão<sup>88</sup>. A base para compreendermos a concepção de sacrifício para Jesus encontra-se em Lc 10, 25-37<sup>89</sup>, que nos mostra sua oferta de vida e o sentido que ela realmente tem.

---

<sup>87</sup>VARONE, François. *Esse Deus que dizem amar o sofrimento*. p. 145.

<sup>88</sup>Vanhoye nos apresenta a concepção de sacerdote como aquele que ajuda as pessoas a se unirem a Deus, mas não de forma meramente ritual, mas através da compaixão e misericórdia. “Para exercer o sacerdócio, não basta ocupar diante de Deus uma posição privilegiada nem poder falar em nome de Deus. Necessita-se, além disso, estar estreitamente vinculado aos homens. Com efeito, a função de sacerdote consiste em realizar uma mediação entre os homens e Deus. [...] O que constitui uma pessoa sacerdote não é o primeiro aspecto ou o segundo, mas a junção de ambos. Um sacerdote com condições de estar na presença de Deus, mas que não tenha vínculo de solidariedade com os homens, não estaria em condições de remediar ou ajudar em sua miséria. O inverso, um sacerdote de compaixão com seus semelhantes, mas que não fosse agradável a Deus, tampouco poderia intervir de maneira eficaz”. Cf. VANHOYE, Albert. *Sacerdotes Antigos e Sacerdote Novo*. São Paulo: Academia Cristã, 2007. pp. 161-163.

<sup>89</sup>Parábola do “Bom Samaritano”.

A parábola inicia-se com um Mestre da Lei fazendo uma pergunta com “segundas intenções” para Jesus. Dependendo da resposta, Jesus seria condenado - “Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” (Lc 10, 25).

Jesus não respondeu à pergunta. Ele a devolveu com Dt 6,5: “Amarás o Senhor teu Deus como todo o seu coração, com toda a tua alma, com toda a tua força e com todo o teu entendimento e amarás o próximo como a ti mesmo”. Aqui temos a base antropológica do homem semita (Lc 10, 27). O mestre da Lei não se contentou com essa resposta de Jesus e retrucou: “Quem é o meu próximo?” (Lc 10, 29) dando origem à parábola.

Há duas personagens iniciais: o Sacerdote e o Levita que representam a Instituição do Templo. O Sacerdote era o responsável pela realização do sacrifício do Templo de Jerusalém, e os Levitas eram os ajudantes na administração do Templo.

Depois dessas duas personagens, temos o aparecimento do Samaritano. Na história do povo de Israel, os samaritanos não eram estimados pelos judeus. Eram apóstatas, segregados e não podiam frequentar o Templo<sup>90</sup>. No entanto, esse homem que não podia entrar no Templo, não deixou faltar nada para o homem caído.

Ele avista um homem, e um homem em perigo de vida; que fosse de outro povo, é irrelevante. O bom samaritano vai além dos dados da ordem social ou moral; a vista, além das diferenças, o ser humano igual a ele, e por isso irmão. O próximo requer uma ternura capaz de risco. O próximo no sentido expresso pela parábola, não pode deixar indiferente; provoca uma resposta, compromete em uma ternura concreta, oblativa, capaz de risco, para socorrer o ferido<sup>91</sup>.

É importante ressaltar que o Sacerdote e o Levita casualmente andavam por aquele caminho<sup>92</sup> (cf. Lc 10, 31-32), estavam sem rumo certo. O Samaritano estava em viagem, tinha rumo certo e, mesmo assim, ajudou o homem caído, sem cobrar nada (cf. Lc 10, 34-35).

---

<sup>90</sup>Cf. ROCCHETA, CARLO. *Teologia da ternura* um “evangelho” a descobrir. São Paulo: Paulus, 2014. p. 261.

<sup>91</sup>Ibid., p. 262.

<sup>92</sup>Rocheta nos faz a seguinte reflexão: que o sacerdote e o levita prosseguem seu caminho, sem deter-se, a resposta mais provável é que tivessem medo. A estrada de Jerusalém (750m) descia a Jericó (300m), era uma estrada perigosa. Conhecida como a ‘subida do sangue’, cobri um percurso de trinta quilômetros de montanha, plena de curvas e lugares tortuosos e que pareciam feitos de propósito para uma emboscada. É muito provável que o sacerdote e o levita temessem, detendo-se, ser assaltados. Id.

Depois de contar essa história, Jesus devolveu a pergunta: “Qual dos três foi o próximo de quem estava caído?” Agora, não em sentido geográfico, pois em geral as pessoas buscam esse tipo de “proximidade”.

Próximo para Jesus tratava-se daquele que precisava de ajuda (aquele que “precisava do outro”, conceituação que vai muito além do espaço geográfico), pois não são os parâmetros pessoais ou “afinidades” que deveriam responder a essa questão, mas a situação em que a pessoa se encontrava.

Teria sido fácil, para Jesus, fornecer definições escolásticas de ‘próximo’, se não o fez, é porque quer evitar que se considere o próximo como um objeto de estudo ou de investigação. O ícone do dom samaritano, apresenta o próximo ‘em situação’, o próximo concreto, histórico, que interpela e compromete cada um em escolhas decisivas, em relação às quais se demonstra se é ou não ‘próximo’ do necessitado<sup>93</sup>.

O texto apresentou ao final o imperativo: “Vai, e também tu, faz o mesmo” (Lc 20, 37). Para ganhar o reino de Deus, era necessário ir ao encontro das pessoas e não ficar preso ao Templo. Jesus foi fiel às tradições cúllicas e religiosas e nunca deixou de ir ao encontro dos caídos.

O próximo é aquele do qual eu me faço ‘próximo’ [...] o samaritano se detém e se envolve na situação do ferido: ‘Viu-o e teve compaixão’. Esse ‘viu-o’ evoca já um modo diferente de olhar a alteridade: não como um estranho ou com indiferença, mas como a um ‘próximo’ para servir com amor<sup>94</sup>.

A vida de Jesus foi, portanto, de plena doação às pessoas. A porta do Evangelho foi e é sempre o serviço. Quando a comunidade se esvazia do serviço, a liturgia perde totalmente o sentido, deixando de ir ao encontro do próximo, esquecendo-se da solidariedade, pois esta foi “a maneira com que Cristo adquiriu sua posição gloriosa: não se separando dos demais homens, mas aprofundando a sua solidariedade com eles”<sup>95</sup>. Isso porque, em Jesus, “o próximo não é apenas o outro para mim, mas o eu para o outro”<sup>96</sup>.

O sacrifício para Cristo consiste em amar o próximo e a Deus, para cumprir fielmente a vontade do Pai. Aqui, amar a Deus e amar ao próximo estão intimamente ligados para nortear toda experiência religiosa, social e cultural.

<sup>93</sup>ROCCHETA, CARLO. *Teologia da ternura* um “evangelho” a descobrir. p. 261.

<sup>94</sup>Ibid., p. 262.

<sup>95</sup>VANHOYE, Albert. *Sacerdotes Antigos e Sacerdote Novo*. p. 163.

<sup>96</sup>ROCCHETA, CARLO. Op Cit., p.261.

O amor é precisamente o processo de passagem, de transformação, da saída dos limites da condição humana voltada à morte, na qual todos estamos separados uns dos outros e, no fundo, impenetráveis uns aos outros – numa alteridade que não podemos ultrapassar. É o amor até o fim que realiza [...] aparentemente o impossível: sair fora das barreiras da individualidade fechada<sup>97</sup>.

Faz-se necessário, a seguir realizar uma análise sobre o significado de sacrifício como “tornar algo sagrado” ou “fazer com que algo volte a ser sagrado”<sup>98</sup>. Assim, o sacrifício de Cristo regenerou a humanidade, fez com que o ser humano voltasse à sua origem: ser Imagem e Semelhança de Deus; tornou-o sagrado novamente. Nessa realidade transcendental e concreta os seres humanos estão abertos numa perspectiva de encontro e comunicação que faz parte do seu próprio ser, pois Deus os fez em primeiro lugar e, dessa forma, também foram constituídos com tal capacidade<sup>99</sup>.

O homem não é sujeito prisioneiro do seu próprio mundo interior incomunicável ao outro, nem simples caso do universal, tendo em tudo por norma e medida a objetividade: ele é o ser da absoluta abertura para o Transcendente e, por isso, sujeito objetivamente estruturado em seu ser para a transcendência. Esta abertura transcendental encontra sua plena realização na cristologia: em Jesus Cristo, portador absoluto de salvação, é oferecida ao homem a possibilidade suprema de se transcender a si mesmo rumo ao transcendente que vem a ele e, por isso mesmo, realizar da forma mais sublime o seu próprio ser mediante a transcendência<sup>100</sup>.

Nessa concepção o próximo é um “sacramento” de encontro com Deus, de um caminhar em direção a Ele. Dessa forma, o próximo nos proporciona esse encontro com aquele que é transcendente, nos coloca diante do mistério do próprio Deus que atua na história de forma concreta e operante<sup>101</sup>.

Portanto, a missão do discípulo de Cristo é persistir fazendo com que a vida das pessoas continue sendo sagrada a Deus, através da partilha, de uma solidariedade concreta, colocando as mãos à obra, como fez o Samaritano que, cuidou ele mesmo do caído, fazendo da sua vida um gesto concreto e não um agir apenas pelo simples dever de cumprir algum tipo de mandamento ou preceito<sup>102</sup>.

<sup>97</sup>RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição*. p. 54.

<sup>98</sup>Cf. PAUL, BEAUCHAMP. *A eucaristia no antigo testamento*. p. 48-49.

<sup>99</sup>Cf. FORTE, Bruno. *Teologia da História: Ensaio sobre a revelação, o início da consumação*. p.170.

<sup>100</sup>Ibid., p. 171.

<sup>101</sup>Cf. ROCCHETA, CARLO. *Teologia da ternura um “evangelho” a descobrir*. p. 264.

<sup>102</sup>Ibid., p. 263.

Há, em todos estes gestos, uma com-participação, uma atenção pessoal que exprime a autenticidade da ternura evangélica, bem diferente do limitar-se a pronunciar belas palavras ou de enviar um 'vale para os pobres' [...] ele sente necessidade de ir além. Sua ternura é verdadeiramente completa, genuína, sem interesses nem meio-termo: é uma ternura de puro dom, gratuita, uma ternura de benevolência<sup>103</sup>.

Corre-se o risco de se ficar preso a um aspecto apenas de redenção e do próprio Mistério Pascal de Cristo, o sacrifício de cruz. Todavia, o Mistério Pascal de Cristo consiste em toda sua vida, em seus ensinamentos e suas consequências, ou seja, paixão e morte, culminando na ressurreição e ascensão. Caso contrário, não se teria algo novo porque, em muitas culturas, pessoas eram sacrificadas em favor da divindade, mas nunca retornavam à vida<sup>104</sup>. Nesse prisma, Cristo sempre se abriu às pessoas e não fechava seus olhos aos que precisavam de sua ajuda, era uma opção que norteava toda sua existência e que também o ser humano precisa fazer.

As obras de que nos fala o evangelho não são simples gestos de esmola, mas a expressão de uma opção de vida em favor do próximo, e particularmente do próximo sofredor, como indicador de uma vida aberta aos outros e comprometida na construção de uma convivência social na qual predomine a ternura e não a dureza de coração, o respeito a vida e o amor e não a opressão ou o egoísmo<sup>105</sup>.

Jesus, o Filho de Deus, sendo Deus, se encarnou, abdicando de sua glória para fazer-se homem. Com a ressurreição, tudo se consumou. A humanidade novamente uniu-se a Deus, não como alguém distante, mas como alguém próximo, que amando o ser humano não se importou com as consequências a que esse amor poderia chegar.

### **3.2 A oferta a Melquisedec e o sacrifício de Isaac**

Em Gn 14, 17-24<sup>106</sup>, é apresentada a figura de Melquisedec, um personagem um tanto quanto misterioso, Rei e Sacerdote de Salém, que é identificado

<sup>103</sup>ROCCHETA, CARLO. *Teologia da ternura* um "evangelho" a descobrir. p. 263.

<sup>104</sup>Cf. CONSTITUIÇÃO *Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada liturgia* In: CONCÍLIO VATICANO II. 1962-1965. São Paulo: Vozes, 1998. SC 5.

<sup>105</sup>ROCCHETA, CARLO. Op Cit., p.264.

<sup>106</sup><sup>17</sup>Quando Abrão voltou, depois de ter derrotado Codorlaomor e os reis que estavam com ele, o rei de Sodoma foi ao seu encontro no vale de Save (que é o vale do Rei). <sup>18</sup>Melquisedec, rei de Salém, trouxe pão e vinho; ele era sacerdote do Deus Altíssimo. <sup>19</sup>Ele pronunciou esta bênção: "Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo que criou o céu e a terra <sup>20</sup>e bendito seja o Deus Altíssimo que entregou

como Jerusalém<sup>107</sup>. A oferta do dízimo realizado por Abraão não é novidade pelos próprios ritos e a oferta do pão e do vinho, a princípio, também não porque eram elementos culturais, assim, não se poderia afirmar nenhuma “superioridade” a essa ação e à Melquisedec<sup>108</sup>.

Entretanto, o sinal que se pode destacar foi a benção conferida a Abraão, aos seus e ao pão e vinho por Melquisedec que se pode perceber algo diferente. Clemente de Alexandria foi o primeiro a aludir essa oferta e benção - a Eucaristia, da seguinte forma:

Salém significa aquela cidade de paz, da qual o nosso Salvador é apresentado como rei. Moisés diz a seu respeito: Melquisedec, rei de Salém, sacerdote do Deus altíssimo, ofereceu no pão e no vinho o alimento consagrado como símbolo da Eucaristia. e Melquisedec significa rei justo. o Seu Nome é, portanto, sinônimo de justiça e de paz<sup>109</sup>.

Com essa concepção de Clemente a figura de Melquisedec como sinônimo de justiça e paz é apresentada ao próprio Jesus Cristo, como aquele que vem trazer a justiça e a paz em nome de Deus. A benção do pão e vinho, como oferta e dom, aludindo a Jesus Cristo, é a oferta da própria vida como dom e sacrifício, que até hoje celebramos no sacramento da Eucaristia<sup>110</sup>.

Já em Gn 22, 1-18<sup>111</sup>, se tem a narração do sacrifício de Isaac, em que Deus pede a Abraão entregue seu filho em sacrifício, mesmo com muitos

---

teus inimigos entre tuas mãos”. E Abrão lhe deu o dízimo de tudo. <sup>21</sup>Orei de Sodoma disse a Abrão: “Da-me as pessoas e toma os bens para ti”. <sup>22</sup>Mas Abrão respondeu ao rei de Sodoma: “Levanto a mão diante do Deus Altíssimo que criou o céu e a terra: <sup>23</sup>nem um fio, nem uma correia de sandália, nada tomarei do que te pertence, para que não digas: “Eu enriqueci Abrão.”<sup>24</sup>Nada por mim. Somente o que meus servos comeram, e a parte dos homens que vieram comigo, Aner, Escol e Manbré; eles tomaram sua parte.”

<sup>107</sup>Cf. MCKENZIE, John. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1984. p. 600.

<sup>108</sup>Cf. Id.

<sup>109</sup>CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *Stromata IV*. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. *Antologia Litúrgica: textos litúrgicos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 193.

<sup>110</sup>No capítulo II desta dissertação que iremos trabalhar propriamente da Eucaristia, nesse momento nos interessa apenas a reflexão de doação, oferta e revelação de Deus por meio de Jesus Cristo.

<sup>111</sup> <sup>1</sup>Depois desses acontecimentos, sucedeu que Deus pôs Abraão à prova e lhe disse: “Abraão!” Ele respondeu: “Eis-me aqui!” <sup>2</sup>Deus disse: “Toma teu filho, teu único, que amas, Isaac, e vai à terra de Moriá, e lá o oferecerás em holocausto sobre uma montanha que eu te indicarei.”<sup>3</sup>Abraão se levantou cedo, selou seu jumento e tomou consigo dois de seus servos e seu filho Isaac. Ele rachou a lenha para holocausto e se pôs a caminho para o lugar que Deus lhe havia indicado. <sup>4</sup>No terceiro dia, Abraão, levantando os olhos, viu de longe o lugar. <sup>5</sup>Abraão disse a seus servos: “Permaneço aqui com o jumento. Eu e menino iremos até lá, adoraremos e voltaremos a vós.”<sup>6</sup>Abraão tomou a lenha do holocausto e a colocou sobre seu filho Isaac, tendo ele mesmo tomado nas mãos o fogo e o cutelo, e foram-se os dois juntos. <sup>7</sup>Isaac dirigiu-se a seu pai Abraão e disse: “Meu pai!” Ele respondeu: “Sim, meu filho!” – “Eis o fogo e a lenha,” retomou ele, “mas onde está o cordeiro para o holocausto?” <sup>8</sup>Abraão respondeu: “É Deus quem proverá o cordeiro para o holocausto, meu filho.” E foram-se os

questionamentos acerca dessa ordem divina, porque Isaac é o filho da promessa de Deus com Abraão e sua esposa (cf. Gn 15,9; 15 18ss; Gn 18, 1ss). Muitas reflexões cabem a tal acontecimento tanto para demonstrar a fé de Abraão em Deus quanto uma proibição social para não haver sacrifícios humanos em Israel<sup>112</sup>.

Entretanto, pode-se fazer uma leitura à luz do Novo Testamento e a revelação de Deus, a partir, de Jesus Cristo. Deus utilizou de vários meios para fazer com que o ser humano voltasse à comunhão com Ele. Dessa forma, no sacrifício de Isaac temos a prefiguração do que seria o sacrifício de Cristo, não o ato da morte em si apenas, porém desde o ato de entrega/encarnação de Jesus na história.

A relação de Abraão com Isaac, quando a narração diz que os dois foram a sós para o local do sacrifício (cf. Gn 22, 5) demonstra já uma ligação profunda de ambos a ponto do filho o acompanhar e só ter questionado onde estava o animal para o sacrifício e a confiança do filho em Abraão e de Abraão em Deus<sup>113</sup>.

Tal comunhão entre Pai e Filho pode ser colocada diante da própria relação de Deus Pai com seu Filho, Jesus Cristo, que foi obediente à Sua palavra e seus ensinamentos para que o ser humano pudesse se salvar e chegar ao conhecimento da verdade, onde a cruz foi a síntese de tal oferta do Pai e do Filho a todos os seres humanos. Dessa forma o cordeiro que aparece para ser sacrificado no lugar de Isaac pode ser visto como essa oferta de si do próprio Deus aos seus filhos e filhas<sup>114</sup>.

---

dois juntos. <sup>9</sup>Quando Chegaram ao lugar que Deus lhe indicara, Abraão construiu o altar, dispôs a lenha, depois amarrou seu filho Isaac e o colocou sobre o altar, em cima da lenha. <sup>10</sup>Abraão estendeu a mão e apanhou o cutelo para imolar seu filho. <sup>11</sup>Mas o anjo de lahweh o chamou do céu e disse: “Abraão! Abraão!” Ele respondeu: “Eis-me aqui!” <sup>12</sup>O Anjo disse: “Não estendas a mão contra o menino! Não lhe faças nenhum mal! Agora sei que temes a Deus: tu não me recusaste teu filho, teu único”. <sup>13</sup>Abraão ergueu os olhos e viu um cordeiro, preso pelos chifres num arbusto; Abraão foi pegar o cordeiro e o ofereceu em holocausto no lugar de seu filho. <sup>14</sup>A este lugar Abraão deu o nome de “lahweh proverá”, de sorte que se diz hoje: “Sobre a montanha, lahweh proverá!” <sup>15</sup>O Anjo de lahweh chamou uma segunda vez a Abraão, do céu, <sup>16</sup>dizendo: “Juro por mim mesmo, palavra de lahweh: porque me fizeste isso, porque não me recusaste teu filho, teu único, <sup>17</sup>eu te cumularei de bênçãos, eu te darei uma posteridade tão numerosa quanto as estrelas do céu e quanto a areia que está na praia do mar, e tua posteridade conquistará a porta de seus inimigos. <sup>18</sup>Por tua posteridade serão abençoadas todas as nações da terra, porque tu me obedeste.”

<sup>112</sup>Cf. MCKENZIE, Johm. *Dicionário bíblico*. p. 7.

<sup>113</sup>Cf. HOJMAN, Andrea. *Vida amenazada y obediencia a Dios: Génesis 22 y otros relatos*. Buenos Aires: San Pablo, 2010. p. 51-52.

<sup>114</sup>Cf. *Ibid.*, p.70-71.

#### 4. A dinâmica sacrificial da kenosis e seu apogeu na cruz

A passagem de Fl 2, 6-11<sup>115</sup> nos coloca diante da situação de humilhação que Deus sofreu, por amor a humanidade, para que o ser humano pudesse chegar à salvação. Tal humilhação é caracterizada pelo verbo grego “kenô” que significa esvaziar (e, portanto, com o pronome reflexivo, esvaziar-se de si mesmo)<sup>116</sup>.

Muito se questiona acerca da *kenosis*<sup>117</sup> de Deus porque ela foge a toda lógica humana e, inclusive divina, que as culturas possuíam sobre Deus ou sobre as suas divindades. Entretanto, em Jesus Cristo se vê claramente a importância da criatura criada à imagem e semelhança de Deus ao ponto do Filho, até então o Verbo, abdicar de sua glória, não de sua divindade, e se fazer homem como cada ser humano.

Importante frisar que Jesus possuía as duas naturezas: a humana e a divina e as duas coabitavam em seu ser. Além disso, uma não poderia sobrepor-se à

---

<sup>115</sup> <sup>6</sup>Ele, estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um Deus, <sup>7</sup>mas despojou-Se, tomando a forma de escravo. Tornando-Se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem <sup>8</sup>abaixou-Se, tornando-Se obediente até a <sup>115</sup>morte, morte sobre uma cruz. <sup>9</sup>Por isso Deus soberanamente elevou-O e conferiu-Lhe o nome que está acima de todo nome, <sup>10</sup>a fim de que ao nome de Jesus todo joelho se dobre nos céus, sobre a terra e debaixo da terra, <sup>11</sup>e que toda língua proclame que o Senhor é Jesus Cristo para a Glória de Deus Pai.

<sup>116</sup>BRITO, Emilio. *Kenose*. In: LACOSTE, Jean-Yves (org). *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas, Loyola, 2004. pp. 983-987.

<sup>117</sup>O verbo Kenoô, como já tratado anteriormente, numa primeira análise pode significar “vazio”. Entretanto, quando se usa o verbo referindo-se a alguma pessoa, o vazio pode ser entendido como alguém que não se enquadra nos padrões morais e, no campo religioso, como um ser que não está a altura dos padrões de Deus. Além de ser utilizado em vários períodos da história. Cf. COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia*. Vol I. São Paulo: Paulus, 2010. p. 2583. O hino de Fl 2, 6-11, foi o responsável por começar, no cristianismo, a reflexão acerca da Kenosis de Deus, em Jesus Cristo. Assim, Paulo foi o responsável para o aparecimento de tal questão, sendo considerada uma característica própria do que se pode-se chamar da teologia paulina. Cf. DUNN, James D. G. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 331. Segundo a reflexão de Comblim para entender o que foi o esvaziar-se de Deus, em Jesus Cristo, é necessário compreender quatro degraus: o ser homem, escravo, morto e crucificado. Deus ter se tornado homem, mostra que quer ser visto como alguém que está junto de cada um de nós. Cf. COMBLIM, José. *Epístola aos filipenses*. Petrópolis: Vozes, 1985. pp. 39-41. Dessa maneira, tentava-se preservar a natureza das duas naturezas de Jesus Cristo, pois mesmo sendo Deus viveu uma vida humana como todas as pessoas, exceto no pecado. Toda a teologia quenótica foi a tentativa de explicar o que levou o divino a despojar-se de sua glória, não de sua divindade, para que o verbo se encarnasse e habitasse no meio de nós. Cf. PIKAZA, Xavier. *Diccionario de la biblia*. Navarra: Verbo Divino, 2007. pp. 2581-2583. Muito se questionou sobre tal doutrina porque muitos acreditavam que a Kénosis era uma forma de diminuição do divino e não como um ato de obediência de Jesus a vontade do Pai e um ato de amor tanto do Pai quanto do Filho pelos seres humanos. Cf. OTT, Ludwig. *Manual de teología dogmática*. Barcelona: Editorial Herder, 1966. p. 223. O ser escravo para caracterizar porque foi humilhado e perseguido por ter seguido a vontade do Pai, não o ser escavo numa concepção jurídica. Dessa forma esvaziou-se de toda sua glória a ponto de ser crucificado e morrer numa cruz, o que para a teologia, não apenas paulina, é uma síntese de toda vida de Jesus e a revelação de Deus. Cf. COMBLIM, José. *Epístola aos filipenses*. pp. 41-43.

outra, assim, sua natureza divina teve que respeitar o processo de desenvolvimento do ser humano para começar sua manifestação. Cristo precisou amadurecer a sua dimensão humana para que pudesse compreender sua missão e ter consciência do motivo de sua encarnação.

O esvaziamento de Jesus aconteceu para restaurar a dignidade do ser humano como filho de Deus. Dessa forma Sua kenosis possuiu uma dinâmica de sacrifício de fazer com que o ser humano voltasse a ser sagrado novamente a Deus e perceber a grandeza de sua criação. O processo kenótico de Deus trouxe consigo um questionamento: como é possível Deus passar por esse processo de humilhação? O que leva o “Ser Superior” a tomar tal atitude?

A resposta a essas questões resume-se em uma única palavra: o amor<sup>118</sup>. O amor que caracteriza Deus<sup>119</sup> porém, é bem diferente da concepção que o ser humano tem de tal dinâmica que é constituinte do seu ser e pode variar de concepção de acordo com a cultura e realidade na qual as pessoas estão inseridas. Dessa forma, é apresentado um limite de compreensão dado pela linguagem e formas de explicar o amor<sup>120</sup>.

Quando se fala do amor de Deus não pode ser considerado um amor qualquer, que fica à mercê de compreensões ambíguas<sup>121</sup> e sim, um amor concreto de doação, amor de entrega, amor que não espera nada em troca – o ágape.

O termo ágape foi concebido como aquele amor desinteressado e abrangente, sempre movido pelo bem. Por isso, tornou-se a palavra mais usada pelo Novo Testamento para significar o amor de Deus [...] São Paulo e São João mergulharam tanto no mistério que se esconde

<sup>118</sup>Aqui se inicia uma pequena explanação sobre o amor que será abordada com detalhes no capítulo III.

<sup>119</sup>*L'amore non è un pensiero né una prerogativa solo cristiana. L'amore non è di proprietà dei cristiani. Anzi, l'amore `praticato e trasmesso da molti movimenti religiosi e umanisti, antichi e moderni.[...] Inoltre, l'amore di Dio non può essere limitato all'ambito delle chiese cristiane. [...] Qualsiasi indagine storica critica sul percorso dell'amore nel movimento cristiano deve essere pronta a usare non solo un'ermeneutica del recupero, ma anche un'ermeneutica del sosperto, attenta alle ombre dell'amore cristiano.* JEANROND, Wernwe G. *Teologia dell'amore. Biblioteca di teologia contemporanea.* Vol 159. Brescia: Queriniana, 2010. p. 36.

<sup>120</sup>Cf. BENTO XVI. *Deus caritas est.* São Paulo: Paulus, Loyola, 2006. p. 9.

<sup>121</sup>*L'amore-agápe cristiano, intenso in termini di amore che si dona, e il greco amore-érôs, intenso in termini di ricerca e di brama di ciò che è desiderato e considerato bello e desiderabile, era una distinzione teologica e non una distinzione basata su un'adeguata lettura del testo della Bibbia o di uso biblico unico del linguaggio. [...] Come tali, sono in grado di rimandare ai loro contesti particolari e svelare ai lettori il loro potenziale semantico all'interno di contesti sociali, religiosi e linguistici sempre mutevoli. [...] Lo sviluppo cristiano dell'amore è anzi saldamente radicato nella trazione religiosa ebraica e nell'incontro di entrambe le tradizioni con il contesto culturale greco-romano.* JEANROND, Wernwe G. *Op Cit.*, pp. 38-40. Conclusão: o estudo sobre o amor é um estudo sobre o encontro de culturas e tradições.

por trás da palavra ágape, que a adotaram como termo para expressar a teologia do amor que está no eixo do mistério Pascal<sup>122</sup>.

O amor de Deus, caracterizado pelo ágape, fez com Ele não medisse esforços para fazer com que o ser humano, criado à sua imagem e semelhança, voltasse todo o seu ser a Deus. Na criação, o projeto teológico do Criador, para com o homem, foi quebrado de alguma forma, assim, o pecado invadiu a vida das pessoas, gerando a separação com Deus. Essa realidade de pecado muitas vezes aprisiona o homem e impede a percepção de que o amor de Deus vai além de qualquer concepção humana.

Um mundo criado intencionalmente com o risco da liberdade e do amor nunca poderá ser pura matemática. Como espaço do amor, ele se torna o campo de ação das liberdades e aceita o risco do mal. Ele enfrenta o mistério das trevas em vista da luz maior que é a liberdade e amor<sup>123</sup>.

Desse modo não se pode manter pensamentos superficiais de que o pecado tira a liberdade de escolha das pessoas, como se cada um fosse obrigado a ceder às atitudes ruins e ao mal se eximindo das responsabilidades pelas escolhas e demonstrando má formação da consciência e um modo de justificar o sofrimento das pessoas sofrerem ou a tomada de determinadas atitudes.

Através da encarnação de Jesus, podemos perceber o quanto o ágape de Deus foge à lógica do humano e até mesmo põe em xeque a concepção que a sociedade, e até mesmo a história, tem de Deus. Além de toda pregação e vivência do Cristo no meio das pessoas, a cruz ganha um sentido na dinâmica do amor e da *kenosis* de Deus.

No mundo antigo, a ideia de um 'Deus crucificado' a quem se devia veneração e adoração, era totalmente inapropriada para um deus, assim como na afirmação de que um blasfemo condenado tivesse ressuscitado, era para Israel uma clara contradição da justiça de Deus, manifesta na Lei. Por isso, para judeus e romanos, a fé cristã dava impressão de ser uma blasfêmia interminável<sup>124</sup>.

Ao longo do tempo criou-se certa compreensão absurda e equivocada acerca da cruz e do sofrimento de Jesus, como se o Cristo tivesse buscado esse tipo de situação e a tivesse aceitado sem nenhum tipo de "resistência" - como se fosse imune à dor ou que esse aspecto não tivesse tanta importância.

<sup>122</sup>COSTA, Valeriano Santos. *Noções teológicas de liturgia*. São Paulo: Ave-Maria, 2013. p. 28.

<sup>123</sup>RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*. p. 119.

<sup>124</sup>MOLTMANN, Jurgen. *O Deus crucificado*. São Paulo: Academia cristã, 2014. p. 54.

Em sua humanidade, o Filho de Deus, passou por todos os aspectos humanos, no que diz respeito ao seu desenvolvimento. Dessa forma, necessitou vencer os seus medos, angústias e por que não suas dúvidas? Foram as gerações que enfeitaram o escândalo da cruz<sup>125</sup>.

Temos a convicção de que todo o processo de evangelização passa pela cruz, porém sem a dimensão do ágape ela fica esvaziada e causa na sociedade muita estranheza a ponto de muitas críticas surgirem, condenando tal concepção cristã. Entretanto, quando se olha para cruz, com base no amor, se pode entender a necessidade dos outros, se pode compreender o motivo pelo qual a estrutura social está em crise e, assim, compreender o que significa a redenção realizada por Jesus Cristo<sup>126</sup>.

Uma autêntica evangelização de nossos povos envolve assumir plenamente a radicalidade do amor cristão, que se concretiza no seguimento a Jesus Cristo na cruz; no padecer por Cristo por causa da justiça; no perdão e no amor aos inimigos. Esse amor supera o amor humano e participa do amor divino, único eixo cultural capaz de construir uma cultura da vida. Uma evangelização que coloca a Redenção no centro, nascida de um amor crucificado, é capaz de purificar as estruturas da sociedade violenta e gerar novas estruturas. A radicalidade da violência só se resolve com a radicalidade do amor redentor. Evangelizar sobre o amor de plena doação, como solução ao conflito, deve ser o eixo cultural 'radical' de uma nova sociedade<sup>127</sup>.

Com a interpretação de que toda economia da salvação do Antigo e do Novo Testamento era para culminar na cruz, os acontecimentos anteriores e posteriores ficam sem serem compreendidos, isto é, não se pode esquecer que a *kenosis* começa muito antes, em Deus se revelando, por meio humanos, à humanidade e que a entrega da cruz, só tem seus frutos com a ressurreição, ascensão de Jesus aos céus e em Pentecostes. Caso contrário, tudo fica esvaziado e sem sentido obrando a imagem de um Deus mal e castigador que não poupa nem seu próprio Filho para conseguir o que quer, retirando a própria liberdade que foi dada aos homens<sup>128</sup>.

Da encarnação à morte na cruz, tudo tendia ao Gólgota como o seu ápice e cumprimento do qual todo o resto ganhava sentido. Mas o

<sup>125</sup>Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *O Deus crucificado*. p. 57.

<sup>126</sup>Cf. CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (CELAM). Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Brasília: Cnbb; São Paulo: Paulus: Paulinas, 2007. DAp 542.

<sup>127</sup>DAp 543.

<sup>128</sup>Cf. VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. p. 117.

próprio Gólgota tendia com todo o seu peso à ressurreição, à ascensão, ao assento à direita do Pai e à missão do Espírito e com Pentecostes Cristo acolhe para si mesmo e para nós os frutos do Gólgota e os comunica a nós, com tudo aquilo que o Espírito e a sua presença entre nós e em nós comportam: Igreja, sacramentos, graça, virtude e dons. Finalmente, o fruto do Espírito não tem sentido a não ser em vista da instauração definitiva e cósmica do reino de Deus que acontecerá na parusia<sup>129</sup>.

Jesus seguiu na mesma linha dos profetas de Israel, que visavam unir a palavra com a prática, ou seja, relacionou a ação e sua realização com toda sua pregação, que nele tem sempre uma tonalidade Pascal. Com a pregação pascal a morte de Jesus, ganhou outro sentido, totalmente diferente do usado por séculos, obscurecendo a mensagem de salvação ou dando peso demais a dor e ao sofrimento. Em Cristo a aliança agora foi renovada<sup>130</sup>.

A morte de Jesus foi por um sentido e não por um capricho de Deus; para dizer aos seres humanos quem Ele é e para colocar os homens em seu devido lugar, como criaturas que precisam ser obedientes. Significado esse que muitos não compreendem, especialmente nos dias atuais, porque as pessoas carecem de sentido para sua existência.

Cristo chegou à sua glória atual por meio do caminho de sua paixão, isto é, pelo caminho do sofrimento e da morte humana. Sua glória não é a glória da ambição satisfeita, mas a glória do amor generoso. Esta glória, por conseguinte, o estabelece na misericórdia e lhe concede os meios para vir em ajuda dos homens<sup>131</sup>.

Coloca-se no sofrimento um certo valor imensurável como se, quem não sofresse, quem não tivesse sua cruz fosse alguém que não tivesse sentido para suas ações ou que não estaria ligada a Deus ou ainda que, sem um sacrifício de dor não seria considerada cristã e seguidora de Jesus. Entretanto, esse tipo de concepção da cruz é algo para tentar justificar os sofrimentos e não saber lidar com a limitação de ser humano.

Jesus mostrou que o sofrimento é constituinte de todo ser humano. A ideia era que Deus viria para expurgar todo e qualquer tipo de sofrimento presente na humanidade, porém não foi isso que aconteceu. Com a encarnação Deus mostrou à humanidade que é possível a superação dos sofrimentos.

<sup>129</sup>VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. p. 118.

<sup>130</sup>Cf. FONTBONA, Jaume. *Los sacramentos de la iniciación cristiana*. pp. 106-107.

<sup>131</sup>VANHOYE, Albert. *Sacerdotes Antigos e Sacerdote Novo*. p. 163.

Faz-se necessário retirar do imaginário das pessoas o sentido sádico de que o sofrimento causa felicidade em quem passa por ele, o que gera inúmeras dúvidas diante de situações incompreensíveis e leva os indivíduos a agirem como se o sofrimento fosse algo fácil de ser superado, independentemente da situação.

Dada a nossa 'condição humana' e a nossa cultura social concreta, tudo isso significa que contemplação e ação, de maneira paradoxal, porém real, só pode ligar-se a uma possível realização de sentido através da crítica ética da história acumulada do sofrimento humano. Pois, como experiência de contraste, a experiência humana do sofrimento supõe uma busca implícita de felicidade, um desejo de salvação, de sair são e salvo; e enquanto vítima de injustiça, essa experiência supõe pelo menos uma vaga consciência daquilo que a integridade humana deveria significar<sup>132</sup>.

Não se pode deixar de analisar que quando nalguma experiência negativa e, como consequência, o sofrimento, não há a percepção de que o sofrimento é fruto das escolhas feitas. Assim sendo, a responsabilidade é posta para fora de si e, nem sempre, assumida para si. Isso demonstra a imaturidade da consciência desenvolvida na modernidade.

Finalmente, em uma cultura que tem seus alicerces no princípio da produtividade e do prazer e, portanto, afasta a morte e a dor da esfera pública para a privada, para que ninguém precise vivenciar o mundo como um obstáculo, nada é tão impopular como a presentificação pela fé do Deus crucificado. Ainda assim, essa fé com suas consequências é adequada para libertar as pessoas de suas ilusões culturais, soltá-las dos seus contextos ofuscantes e confrontá-las com a verdade de sua existência e sua sociedade<sup>133</sup>.

Em sã consciência ninguém gostaria de passar por qualquer tipo de sofrimento, nem Jesus Cristo, porém de acordo com as escolhas feitas durante a vida, de acordo com o modo como se cuida da saúde e do corpo, em certo momento o sofrimento e as dificuldades virão, de forma até natural.

Observa-se que há uma busca de respostas para justificar tais acontecimentos na vida. Além disso, hoje também há uma corrente que abole todo e qualquer tipo de sofrimento em nome de uma busca de um prazer e felicidade que não existem.

Dentro dessa inacabada história humana de sofrimento que busca sentido, libertação e salvação, Jesus de Nazaré se apresentou com sua mensagem e praxe de salvação, sendo ele mesmo um ser humano como os demais, que no entanto, por sua nova praxe de vida

<sup>132</sup>SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesus: A história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 628.

<sup>133</sup>MOLTMANN, Jurgen. *O Deus crucificado*. p. 61.

e sua inocente paixão e morte, deu nova e inovadora versão à nossa velha história<sup>134</sup>.

A fé não pode ser embasada simplesmente em buscar ou almejar algum tipo de cruz e sim no modo como conformamos a vida com seguimento de Cristo, assim, como Jesus conformou sua vida à vontade do Pai. Dessa forma, a entrega e doação de si se caracterizam como fundantes do sacrifício em Jesus Cristo. No próximo capítulo se abordará o Sacramento da Eucaristia e o modo pelo qual a noção sacrificial de entrega de si e doação está presente em tal sacramento.

---

<sup>134</sup>SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesus: A história de um vivente*. p. 629.

## CAPÍTULO II

### A DIMENSÃO SACRIFICAL DA EUCARISTIA

Centro para a expressão e para a experiência do Mistério Pascal de Cristo, o Sacramento da Eucaristia é, sem dúvida, base para todos os demais sacramentos. Assim, torna-se vida para toda a Igreja.

A Igreja vive da Eucaristia. Esta verdade não exprime apenas uma experiência de fé, mas contém, em síntese, *o próprio núcleo do mistério da Igreja*. É com alegria que ela experimenta, de diversas maneiras, a realização incessante dessa promessa: “Eu estarei convosco, até o fim do mundo” (Mt 28,20); mas, na sagrada Eucaristia, pela conversão do pão e do vinho no corpo e no sangue do Senhor, goza desta presença com uma intensidade sem par<sup>135</sup>.

Dessa forma, pela participação na eucaristia, os fiéis oferecem os dons da terra e a própria vida a Deus, cada qual de acordo com sua vocação comum e própria, para que pela comunhão todos possam ver a unidade do Povo de Deus em torno do altar do Senhor<sup>136</sup>.

De modo geral, quando se fala, na Igreja, sobre a Eucaristia, se percebe, nos discursos, que ela é um alimento espiritual, um encontro pessoal com Jesus Cristo, uma bênção para semana e também uma fonte das graças de Deus, como algo supersticioso e “mágico”; e não visto em seu sentido real e verdadeiro, que perpassa toda a história da salvação.

A Eucaristia está presente no tempo e na história da salvação de três modos diferentes. Está presente no Antigo Testamento como *figura*. Está presente no Novo Testamento como *acontecimento*. Está presente na Igreja a que pertencemos como *sacramento*. A figura antecipa e prepara o acontecimento, e o sacramento “prolonga” e atualiza o acontecimento<sup>137</sup>.

Embora não seja uma concepção equivocada, os fiéis podem correr o risco de deixar de valorizar o comprometimento com Deus e com o próximo requeridos pela Eucaristia bem como o de serem testemunhas de Cristo no mundo. A Eucaristia faz

<sup>135</sup>JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. São Paulo: Paulinas, 2005. EE 1.

<sup>136</sup>CONSTITUIÇÃO *Lumen Gentium* sobre A Igreja. In: CONCÍLIO VATICANO II. 1962-1965. São Paulo: Vozes, 1998. LG 11.

<sup>137</sup>CANTALAMESSA, Raniero. *O mistério da ceia*. Aparecida: Santuário, 2008, p. 6.

com que cresçam e se desenvolvam na vida de fé, de testemunho e de pertença à comunidade eclesial de forma mais profunda e participativa, porque os aproxima cada vez mais de Cristo cabeça. As pessoas, que participam desse sacramento não ofertam “sacrifício” como fez Cristo, uma vez que Ele aboliu, de uma vez por todas, todo tipo de sacrifício na concepção do Antigo Testamento.

Os fiéis ofertam a Deus os frutos da terra e do seu trabalho para que aconteça a Eucaristia como memorial, reportando-se àquele momento da ceia. Além disso, o sacrifício oferecido a Deus, como diz o apóstolo Paulo<sup>138</sup>, é: “Exorto-vos, portanto, pela misericórdia de Deus, para que ofereçais vossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus: este é o vosso culto espiritual” (Rm 12, 1), ou seja, toda a vida deve ser uma oferta agradável a Deus, em tudo aquilo que se realiza.

Em virtude de sua íntima relação com o sacrifício do Gólgota, a Eucaristia é sacrifício em sentido próprio, e não apenas em sentido genérico como se se tratasse simplesmente de uma oferta de Cristo aos fiéis para seu alimento espiritual [...] Ao entregar à Igreja o seu sacrifício, Cristo quis também assumir o sacrifício espiritual da Igreja, chamada a oferecer-se a si própria juntamente com o sacrifício de Cristo<sup>139</sup>.

O sacrifício acontece nas renúncias, no comprometimento e na responsabilidade que cada cristão assume no seguimento de Cristo, para buscar a santidade e ser testemunha no mundo. A celebração da Eucaristia ajuda-os a compreender essa dinâmica do sacrifício de Cristo e do sacrifício do povo a Deus, como culto espiritual agradável a Deus.

A dimensão sacrificial da missa emerge em plenitude da consideração de sua sacramentalidade; ela é o sacramento por excelência do sacrifício único realizado na morte e ressurreição do Senhor e por ele mesmo profeticamente significado no cenáculo com as palavras “Fazei

---

<sup>138</sup>Paulo de maneira indireta trata do sacrifício de Jesus, não apenas o da Cruz, mas também como sacrifício eucarístico. O apóstolo reúne três termos de comparação [...] 1) os hebreus sacrificam sobre seus altares, consomem a vítima e entram em comunhão com a divindade. 2) os pagãos sacrificam aos demônios e entabulam sociedade com eles. 3) os cristãos dispõem de um banquete que os une realmente a Cristo: é o cálice da bênção e pão que é por eles partido. Ora, se nos dois primeiros casos tem-se um sacrifício ou banquete sacrificial, é necessário que S. Paulo considere como um sacrifício também o cálice da bênção e pão partido. Essa conclusão é um tanto mais justa enquanto, consoante o conceito antigo, a comunhão com a divindade atuava-se não por meio de um banquete ordinário, e sim somente por meio de um alimento sacrificado, de um banquete sacrificial dos pagãos à mesa do banquete eucarístico. [...] De modo que, para S. Paulo, a Eucaristia é um sacrifício, sua recepção um banquete sacrificial, sua mesa um altar. BARTMANN, Bernard. *Teologia dogmática: Sacramentos e Escatologia*. pp. 216-217.

<sup>139</sup>EE 13.

isto [o sinal do pão e do cálice] em memorial de mim [morto e ressuscitado]<sup>140</sup>.

Portanto, ao falar de sacrifício fala-se necessariamente da entrega de Jesus a vontade do Pai, na construção do reino de Deus, em suas palavras e ações. Assim, toda sua oferta é um sacrifício a Deus. Entretanto, há momentos marcantes da vida de Jesus que mostram essa realidade sacrificial de forma nítida e com sentido bem amplo, como, por exemplo, a última ceia que terá como desdobramento sua entrega na cruz e ressurreição. Sua atualização acontece até hoje a cada celebração eucarística<sup>141</sup>.

## 1. Sacrifício eucarístico: dom da entrega na última ceia

Jesus, na última ceia, realizou um ato de entrega de si junto com seus apóstolos - algo novo em relação à noção de sacrifício tanto judaica quanto do paganismo - criando uma nova dinâmica de sacrifício<sup>142</sup> que consistiu na remissão

<sup>140</sup>GIRALDO, Cesare. *Num só corpo*: tratado mistagógico sobre a eucaristia. São Paulo: Loyola, 2003, p. 509.

<sup>141</sup>A identidade do sacrifício da Missa e da Cruz está, para o Concílio, na identidade da missa (eadem hostia) e do sacerdote santificador (idem offerens). E, para compreendermos isto, devemos recordar que, em ambos os casos, sobre a Cruz e sobre o altar, Jesus Cristo é o santificador e a vítima. Sobre a Cruz, sacrificou a si mesmo, com a aceitação e o sofrimento voluntário a morte dolorosa, segundo a vontade de seu Pai. Por si mesmo Ele põe toda a própria natureza humana, com seu ser e sua operação, a serviço de Deus, até o aniquilamento. Não são os hebreus que o sacrificam; eles cometem, certamente, um gravíssimo delito, mas proporcionam-lhe a ocasião real de se sacrificar. Assim Jesus Cristo era santificador e vítima. É preciso que o mesmo se reproduza na missa; também aqui é preciso ver a Jesus Cristo, como vítima e sacerdote santificador. O fundamento real dessa identidade está na presença real a Cristo. Em verdade as circunstâncias exteriores são diversas, mas, em ambos os casos, o Senhor faz essencialmente uma coisa: sacrifica a si mesmo ao Pai. É isso que diz o Concílio de Trento (idem nunc offerens). A Igreja, por isso, não ensina uma pluralidade de sacrifícios, mas um só e idêntico sacrifício [...] O sacrifício da missa é, portanto, a representação (reapresentação) real do sacrifício da Cruz, isto é, o sacrifício da Cruz que, historicamente oferecido uma única vez, torna-se milagrosamente presente de maneira sacramental. É verdade que esta representação acontece sob os sinais simbólicos da morte sacrificial de Cristo, e não como uma morte exterior e física: ela, todavia, acontece de modo real, enquanto Jesus Cristo está verdadeiramente presente sob estes sinais e presente na sua realidade e vítima e de sacerdote santificador. BARTMANN, Bernard. *Teologia dogmática*: Sacramentos e Escatologia. p. 233.

<sup>142</sup>*Además, nada tiene que ver con un sacrificio expiatorio la posible vinculación entre la muerte de Jesús y la de cordero pascual sacrificado en el templo. Por otra parte, hay ciertas objeciones que impiden el que, en un primer momento y desde una clave de comprensión judía, Jesús o sus discípulos pudieran haber entendido la muerte, así como la cena última, en un sentido de sacrificio estrictamente expiatorio; como es, en primer lugar, el que fuese para la mentalidad hebrea algo inaudito que la carne o la sangre humanas pudiesen reemplazaren un sacrificio a la carne y la sangre de un animal. En segundo lugar, era ajena a la religiosidad judía toda vinculación entre sacrificio expiatorio y banquete, pues aunque el judaísmo conocía el banquete sacrificial como prolongación del sacrificio, aquél quedaba descartado en el caso del sacrificio expiatorio, en el que la víctima debía*

dos seres humanos, unindo-os novamente a Deus. Para compreender o sentido sacrificial da última ceia, primeiramente, faz-se necessário deter-se sobre a categoria de memorial tão presente na cultura judaica quanto no cristianismo.

A palavra memorial provém da tradução da palavra *zikkaron*. Quando foi traduzida para grego foi usado o termo *anamnesis*, - recordar, lembrar de um acontecimento, torná-lo presente. Não seria uma mera lembrança e sim sinal sacramental de um acontecimento, que torna as pessoas presentes naquele ato<sup>143</sup>. O Concílio de Trento define bem essa questão.

Este nosso Deus e Senhor, embora se houvesse de oferecer uma vez por todas a Deus Pai sobre o altar da cruz por sua morte (cf. Hb 7,27), para realizar para eles uma redenção eterna, contudo, porque seu sacerdócio não se devia extinguir pela morte (cf. Hb 7,24), na última ceia 'na noite em que era entregue' (I Cor 11,23), para deixar à sua dileta esposa, a Igreja, um sacrifício visível (como a natureza humana exige), pelo qual fosse tornado presente aquele sacrifício cruento que se havia de realizar uma vez por todas na cruz e seu memorial permanecesse até o fim dos séculos e sua eficácia salvífica fosse aplicada para a remissão dos pecados que diariamente cometemos, declarando-se constituído sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedec (cf. Sl 110,4; Hb 5,6; 7,17), ofereceu a Deus Pai seu corpo e sangue sob as espécies de pão e vinho e, sob os símbolos destas mesmas coisas, transmitiu aos Apóstolos (que constituía então sacerdotes do Novo Testamento) para que as comessem, e com as palavras: 'Fazei isto em meu memorial' (Lc 22,19; I Cor 11,24) etc., ordenou a eles e seus sucessores no sacerdócio que os oferecessem, como a Igreja católica sempre entendeu e ensinou. De fato, depois de ter celebrado a páscoa antiga, que a multidão dos filhos de Israel imolava em memorial da saída do Egito, instituiu a nova Páscoa que era ele próprio, a ser imolado pela Igreja, sob sinais visíveis, por meio dos sacerdotes, em memorial de sua passagem deste mundo ao Pai, quando pela efusão de seu sangue, nos remiu e 'nos arrancou do poder trevas e nos transportou a seu reino' (Cl 1, 13)<sup>144</sup>.

---

*ser quemada (Lv 16,27), pero su carne no podía ser comida. En tercer lugar, era totalmente opuesto al espíritu judío el dar a beber la sangre de una víctima: ésta debía ser asperjada sobre el altar, nunca bebida, ni siquiera en el banquete sacrificial. En cuarto lugar, tampoco cabría pensar en la cena como un banquete sacrificial antes de que el sacrificio de Jesús hubiese tenido lugar: ello contradiría los esquemas sacrificiales tanto judíos como paganos. No parece, pues, acertado ir a buscar en la anterior tradición judía de sacrificio expiatorio o del banquete sacrificial los antecedentes inmediatos que hayan podido servir de pauta a Jesús para expresar el sentido sacrificial de su muerte, así como de la cena última. Jesús desborda esos esquemas situándose en una clave sacrificial nueva.* GESTEIRA, Manuel. *La Eucaristía Misterio de Comunión*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2006. p. 304.

<sup>143</sup>Cf. HILBERATH, Bernd Jochen; MAYER, Annemarie. *Memorial*. IN: BROUARD, Maurice (org). *Enciclopédia da Eucaristia*. São Paulo: Paulus, 2006.p. 976.

<sup>144</sup>DENZINGER, Henrici. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2010. DS1740-1741.

Além disso, apresenta dois sentidos: um descendente segundo o qual Deus vem ao encontro dos seres humanos, permitindo ser tocado e conhecido; e um sentido ascendente, em que os seres humanos vão ao encontro de Deus através de seus atos, mas de maneira muito especial, através do sacramento da Eucaristia<sup>145</sup>. Dessa forma, a participação na Eucaristia, com base no memorial e na última ceia, não acontece de forma estática, mas dinâmica porque coloca o fiel diante do ato de doação de Jesus que corresponde ao ato de doação do Pai e do Espírito Santo<sup>146</sup>.

Não é um mero lembrete subjetivo, mas objetivo, uma celebração que atualiza o que lembra, um sinal visível, sacramental, de uma realidade que não se considera passada, mas presente. Não se celebra tanto a aliança de séculos passados, mas a que ainda subsiste e à qual Deus continua sendo fiel<sup>147</sup>.

O memorial cristão, como o dos judeus, evoca o passado, o torna presente e dá a esperança do futuro num contexto não só humano, mas também escatológico, do encontro definitivo com Deus<sup>148</sup>. Todo o dinamismo do memorial é para que os cristãos se recordem que Deus se manifesta na história, para mostrar o valor e a dignidade do ser humano, porém isso não fica apenas no viés de uma mera lembrança. Ela sempre se torna atual e ajuda as pessoas a perceberem que conformar a vida com o seguimento de Jesus, através da doação, é um processo e não algo rápido e que não necessita de esforço.

Com esta categoria tão assimilada pelos judeus compreende-se como a primeira comunidade pôde celebrar a Eucaristia aplicando está chave à nova realidade histórica – agora a morte salvadora de Cristo – com abertura para o futuro – o ‘até que ele venha’ de Paulo – mas, sobretudo com uma consciência feliz de que no ‘hoje’, na própria celebração, Cristo se faz presente, fazendo-nos partícipes desse acontecimento salvador na cruz e de seu Reino escatológico<sup>149</sup>.

Mesmo com o conceito de memorial, a reflexão teológica, no decorrer dos séculos, teve certa dificuldade de unir a última ceia com a noção de sacrifício, pois a narração da mesma mostra que Jesus fez algo novo, em relação à festa judaica. Numa dinâmica de continuidade e descontinuidade, o cordeiro pascal, na tradição judaica, não estava presente, foi usado pão - que não se sabe ao certo, se era sem fermento

---

<sup>145</sup>Cf. ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 43-44.

<sup>146</sup>Cf. EE 11.

<sup>147</sup>ALDAZÁBAL, José. Op Cit., p. 44.

<sup>148</sup>Cf. Id.

<sup>149</sup>Ibid., p. 45.

e, a narração do lava-pés (cf. Jo 13) mostra que o ato de Jesus, não foi de um pai de família e sim de um escravo/servo<sup>150</sup>.

Além disso, o questionamento acerca de que Cristo anteciparia o sacrifício da cruz na ceia, coloca o seguinte questionamento: Teria sido vontade do Pai que Jesus morresse de forma tão violenta; Que tudo ocorreu segundo planos pré-estabelecidos os quais não eram passíveis de mudança?

Com base nas passagens de Jo 3,16<sup>151</sup> e Rm 8,32<sup>152</sup> é possível começar a responder à pergunta e perceber que a vida de Jesus foi uma entrega de si aos outros e a Deus; que o sacrifício vai além de uma morte, mas sim é entrega de si, de sua vida, em nome de uma causa. Assim sendo, toda a ação da trindade<sup>153</sup>, é uma forma de sacrifício, doação em favor da humanidade, através da encarnação de Jesus Cristo.

A doação da vida é algo existencial no Filho<sup>154</sup> essa entrega de amor já é perceptível na encarnação. Infelizmente nos dias atuais sacrifício é compreendido apenas como sofrimento, porém Jesus, antes mesmo da cruz, já tinha realizado, pela doação de sua vida, o sacrifício. A última ceia aponta para essa realidade.

[...] é preciso tomar consciência da identidade entre doador e o dom oferecido, pelo menos o suficiente para saber em que medida se doa a si mesmo ao oferecer o seu dom. Isto significa que, do fato natural da minha identidade com aquilo que é “meu”, nasce a obrigação moral de sacrificar-me inteiramente, ou aquela parte da minha que se identifica com dom. É preciso ter consciência de que se faz doação ou a entrega de si mesmo e também de que a esse ato se ligam pretensões correspondentes, e isto tanto mais quanto menos delas se tem consciência. Somente essa tomada de consciência é capaz de garantir que a doação seja realmente um sacrifício<sup>155</sup>.

Toda vida de Jesus foi uma antecipação amorosa do Pai, que por sua vez, para mostrar a concretude do seu amor, precisava saber de qual modo iria entregar seu Filho para que os atos de Jesus pudessem ter sentido e não como alguém fora

<sup>150</sup>Cf. GESTEIRA, Manuel. *La Eucaristía: Misterio de comunión*. pp. 66-68.

<sup>151</sup>Pois Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho único, par que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

<sup>152</sup>Quem não poupou o seu próprio Filho e o entregou por todos nós, como não haverá de agraciar em tudo junto com ele?

<sup>153</sup>*Esto hace pensar en un sacrificio que es, antes que nada, acción, de la trinidad mediante Jesús; un sacrificio que afecta, de algún modo, a las tres personas divinas, igual que ha sucedido con la encarnación: Si ponderamos todo lo dicho, resulta que la encarnación de la segunda persona de Dios no deja sin afectar a las relaciones de las personas divinas.* DÍAZ, Lorenzo Trujillo; SÁEZ, Francisco José López. *Meditación sobre la eucaristía*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2008. p. 214.

<sup>154</sup>Cf. *Ibid.*, p. 214.

<sup>155</sup>JUNG. C.G. *O símbolo da transformação na missa*. Petrópolis: Vozes, 1979. p.56.

do tempo e da experiência humana<sup>156</sup>. Concretude essa que torna a Celebração Eucarística manifestação do amor do Pai, da ação do Espírito Santo e memorial que torna eterno o sacrifício da cruz na comunhão do banquete do corpo e sangue de Cristo; o estar em torno da mesa (altar) mostra a proximidade de Deus para com seus filhos e filhas<sup>157</sup>.

Na última ceia Jesus faz com que todos participem o que seria o resumo de sua vida<sup>158</sup> e da instauração do Reino de Deus já nesse mundo; através do seu exemplo de doação e de entrega de si, como já sendo um sacrifício, através do simbolismo de beber do mesmo cálice e da fração do pão faz com que a humanidade seja unida novamente a Deus<sup>159</sup>. Portanto, a Igreja guia as pessoas a participarem da Eucaristia de forma consciente para celebrarem com dignidade tal mistério.

Por isso a Igreja com diligente solicitude zela para que os fiéis não assistam a este mistério da fé como estranhos expectadores mudos. Mas cuida para que bem compenetrados pelas cerimônias e pelas orações participem consciente, piedosa e ativamente da ação sagrada, sejam instruídos pela Palavra de Deus, saciados pela mesa do Corpo do Sentir e dêem graças a Deus. E aprendam a oferecer-se a si próprios oferecendo a hóstia imaculada, não só pelas mãos do sacerdote, mas também juntamente com ele e assim a Cristo como Mediador, dia a dia se aperfeiçoem na união com Deus e entre si, para que, finalmente, Deus seja tudo em todos<sup>160</sup>.

Através do sacrifício celebrado na Eucaristia as pessoas adentram ao Mistério Pascal de Cristo, não como meras espectadoras, mas como participantes ativas, assim, a doação e entrega da ceia ganha sentido na vida; começam a perceber que o único sacrifício foi o de Jesus e agora cabe com a oferta da sua vida fazerem a diferença no mundo, a partir da misericórdia.

---

<sup>156</sup>Cf. DÌAZ, Lorenzo Trujillo; SÁEZ, Francisco José López. *Meditación sobre la eucaristía*. p. 216.

<sup>157</sup>Cf. EE 12.

<sup>158</sup>Cf. GESTEIRA, Manuel. *La Eucaristía: Misterio de comunión*. p. 51

<sup>159</sup>*Otra razón, sin duda más válida, es que Jesús, al dar de beber de su propia copa, hubiese querido realizar un gesto simbólico inédito: la comunicación de un don único que es ofrecido por igual a todos los comensales a través de la participación de todos ellos en su propia copa [...] Este gesto de donación venía insinuado ya por la fracción del pan, del que, como un todo, participaban los comensales. El gesto de fracción y donación del pan en anteriores comidas presididas por Jesús sirvió sin duda como signo de participación en el banquete del reino de Dios y en la salvación escatológica. Pues bien: el Señor asimila ahora el gesto de la copa al del pan, tratando de recalcar de forma nueva y original la participación de todos en un único don, en la misma y única "bendición", en la "copa de salvación". Ibid., p. 55.*

<sup>160</sup>SC 48.

## 2. ***Sacrificium amoris: quero misericórdia e não sacrifício***

O evangelho de Mateus 12, 1-7, apresenta a passagem na qual os discípulos de Jesus, passando pela plantação de milho, por estarem com fome, começam a arrancar espigas. Jesus é criticado pelos Mestres da Lei, porque permite isso no sábado. Uma célebre frase norteará toda a reflexão: “Misericórdia é o que eu quero e não sacrifício, não condenaríeis os que não têm culpa” (Mt 12,7).

Essa crítica presente no Evangelho, nas Cartas aos Romanos e aos Hebreus<sup>161</sup> existe, para mostrar o caminho do seguimento e da experiência de Deus. Apresenta um sistema religioso todo pautado pelo poder, dominação e superioridade no qual o seguimento da “Lei” é imposto como um grande fardo os fiéis. Criam-se novas “leis”, de conduta ou preceitos religiosos, para afastar as pessoas de Deus ou para incutir o “medo” de serem castigadas<sup>162</sup>.

Nessa prática, observam-se o “deus” do sacrifício pelo fogo e as práticas rituais totalmente diferentes das que são apresentadas por Jesus Cristo, que se organizam a partir do amor e da solidariedade, sem causar opressão à vida das pessoas. De outra parte, o ritual de sacrifício sugeria apenas uma manifestação externa do cumprimento da Lei, da manutenção dos critérios de pureza, do cumprimento ritual por medo de exclusão do convívio social não significando que no seu interior a verdade de fé estava realmente enraizada<sup>163</sup>.

[..] O Sacrifício, portanto, deve ser como uma perda, para que não persista a pretensão egoística. Por isso [...] o dom deve ser feito de tal maneira, como se tivesse sido destruído. Mas como ele representa a minha pessoa, eu me aniquilarei nele, isto é, me entregarei sem esperar nada em troca<sup>164</sup>.

O centro do discurso de Jesus (como já visto anteriormente) é a libertação, o consolo dos oprimidos e dos que sofrem, a conversão de todas as pessoas, inclusive das que causam tais abominações<sup>165</sup>. Algo que marca o ser humano, que vem desde os tempos mais remotos, está ligado com a justiça e com o ser justo, que infelizmente, não acontece. Assim sendo, aquilo que o Concílio Vaticano - preconiza que a Liturgia seja expressão do amor de Deus - acaba não sendo posto em prática.

<sup>161</sup>Cf. FONTBONA, Jaume. *Los sacramentos de la iniciación cristiana*. pp. 82-92.

<sup>162</sup>Cf. VARONE, François. *Esse Deus que dizem amar o sofrimento*. p. 91.

<sup>163</sup>Cf. GIRARD, René. *A Violência e o sagrado*. p. 57.

<sup>164</sup>JUNG, C.G. *O símbolo da transformação na missa*. p. 57.

<sup>165</sup>Cf. *Ibid.*, p. 91.

Pois a Liturgia, pela qual, principalmente no divino Sacrifício da Eucaristia, se exerce a obra de nossa Redenção, contribui do modo mais excelente para que os fiéis expressem em suas vidas e aos outros manifestem o mistério de Cristo e a genuína natureza da verdadeira Igreja. Caracteriza-se a Igreja de ser, a um tempo, humana e divina, visível, mas ordenada de dons invisíveis, operosa na ação e devotada à contemplação, presente no mundo e no entanto peregrina. E isso de modo que nela o humano se ordene ao divino e a ele se subordine, o visível ao invisível, a ação à contemplação e o presente à cidade futura que buscamos. Por isso, enquanto a liturgia cada dia edifica em templo santo no Senhor, em tabernáculo de Deus no Espírito aqueles que estão dentro dela, até a medida da idade da plenitude de Cristo, ao mesmo tempo admiravelmente lhes robustece as forças para que preguem Cristo. Destarte ela mostra a Igreja e aos que estão de fora como estandarte erguido diante das nações, sob o qual se congregam num só corpo os filhos de Deus dispersos, até que haja um só rebanho e um só pastor<sup>166</sup>.

O contraposto à misericórdia e ao sacrifício acontece pela deturpação do termo sacrifício, abordado no primeiro capítulo desta dissertação. Assim, a misericórdia é posta à mercê da vontade humana<sup>167</sup>.

A palavra misericórdia, em sua etimologia, quer dizer: “a misericórdia emana do homem *miseriors*, aquele cujo coração reage diante da miséria do outro”<sup>168</sup>. Consequentemente pode ser usado o termo compaixão, que é entendido como: compadecer-se pela miséria do outro ou sentir com o mesmo coração<sup>169</sup>.

Dessa forma, temos o eixo da dinâmica bíblica, do seguimento e práxis do Cristo. O sacrifício é tornar algo sagrado, ou fazer com que algo volte a ser sagrado, a partir da misericórdia para com as pessoas. Tomando como exemplo o evangelho

---

<sup>166</sup>SC 2.

<sup>167</sup>Irineu de Lião quando escreve contra as heresias nos põe diante da tensão entre misericórdia e sacrifício: Deus queria dos Israelitas, para sua salvação, não os sacrifícios e holocaustos, mas a fé, a obediência e justiça. Deus manifestava-lhes a sua vontade pela boca do profeta Oseias, dizendo: Antes quero misericórdia que o sacrifício, antes quero o conhecimento de Deus que os holocaustos. E também Nosso Senhor os advertia igualmente, dizendo: Se soubésseis o que quer dizer: Antes quero misericórdia que o sacrifício, nunca teríeis condenado os inocentes. Assim dava testemunho de que os profetas pregavam a verdade e acusava os seus interlocutores de ignorância culpável. [...] O sacrifício puro e agradável a Deus é a oblação da Igreja, que o Senhor mandou que se oferecesse em todo mundo, não porque Deus tenha necessidade do nosso sacrifício, mas porque aquele que oferece é ele mesmo glorificado no que oferece, se a oferenda é aceitável. A oferta fazemos ao rei é uma demonstração de honra e afecto; e o Senhor nos ensinou que devemos apresentar as oferendas com toda a sinceridade e inocência, quando disse: Se estás para apresentar a tua oferenda ao altar e te recordas que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa a tua oferenda diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão, e depois volta para apresentar a tua oferenda. IRENEU DE LIÃO. *Contra as heresias*. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. *Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. pp. 185-186.

<sup>168</sup>CERBELAUD, Dominique. *Misericórdia*. p. 1150.

<sup>169</sup>Cf. *Ibid.*, p. 1150.

de Lucas 15<sup>170</sup>, a carta aos romanos e aos filipenses terá a base para compreender a misericórdia e como fazer para que a vida das pessoas seja sagrada.

A celebração eucarística surge aqui em toda a sua força como fonte e ápice da existência eclesial, enquanto exprime a origem e simultaneamente a realização do culto novo e definitivo, o culto espiritual [...] As palavras que encontramos sobre isto, na Carta de São Paulo aos Romanos, são a formulação mais sintética do modo como a Eucaristia transforma toda a nossa vida em culto espiritual agradável a Deus: 'Peço-vos, irmãos, pela misericórdia de Deus, que ofereçais os vossos corpos como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus. Tal é o culto espiritual que Lhe deveis prestar' (12, 1). Nesta exortação, aparece a imagem do novo culto como oferta total da própria pessoa em comunhão com toda a Igreja. A insistência do Apóstolo sobre a oferta dos nossos corpos sublinha o concretismo humano dum culto de forma alguma desencarnado. E, a propósito, o santo de Hipona lembra-nos que 'este é o sacrifício dos cristãos, ou seja, serem muitos e um só corpo em Cristo. A Igreja celebra este mistério através do sacramento do altar, que os fiéis bem conhecem e no qual se lhes mostra claramente que, naquilo que se oferece, ela mesma é oferecida'. De fato, a doutrina católica afirma que a Eucaristia, enquanto sacrifício de Cristo, é também sacrifício da Igreja e, conseqüentemente, dos fiéis. Esta insistência sobre o sacrifício — *sacrum facere*, tornar sagrado — exprime aqui toda a densidade existencial que está implicada na transformação da nossa realidade humana alcançada por Cristo (FI 3, 12)<sup>171</sup>.

Portanto, o sacrifício cultural do Antigo Testamento, combatido por Jesus, não passa de mero "formalismo" religioso. Em vez de promover concórdia, paz, solidariedade e amor entre as pessoas, promovia um sistema desumano, individualista e egoísta. Não valorizava a preocupação com o próximo, e sim a preocupação consigo mesmo. A pessoa fazia o que bem entendia, pois a moral estava condicionada a esse sistema. Cumprindo o rito de sacrifício, o fiel era redimido de sua falta e muitas vezes não se preocupava em "sanar" a falta cometida. Este "sistema" que está presente em nossos dias, embora sob outra forma<sup>172</sup>.

Para rejeitar uma prática de tipo somente exterior e propor uma participação interior, compassiva, capaz conseqüentemente de amor e de disponibilidade com o próximo [...] o coração da fé não reside no sacrifício enquanto tal, realizado legalistamente, mas na disponibilidade para a misericórdia que *precede, acompanha e segue o mesmo sacrifício*. Só então o gesto cultural torna-se significativo. A

<sup>170</sup>Trata do capítulo acerca da moeda e ovelha perdida e do Pai Misericordioso (Filho Pródigo).

<sup>171</sup>BENTO XVI. Exortação apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*. São Paulo: Paulinas, 2007. SCa 70.

<sup>172</sup>Cf. JUNG. C.G. *O símbolo da transformação na missa*. p. 61-62.

dimensão do perdão e do amor; do contrário, tudo se torna inútil e falso<sup>173</sup>.

O ser humano, no decorrer da existência, depara-se não só com situações boas que lhe proporcionam alegria, paz e esperança, mas também com situações que lhe causam angústia, dor e sofrimento. Todavia, quando enfrenta uma situação difícil ou de dor e busca alguma explicação humana, normalmente deposita a culpa em alguém e esse “alguém” é, geralmente, Deus.

As perguntas e respostas são as mais variadas: “Foi Deus quem quis assim!”, “Por que Deus não salvou a pessoa de uma morte ou de uma doença tão drástica?”, “Graças a Deus fui salvo! Coitado do outro que não teve a mesma sorte”. Pode-se afirmar que o sofrimento, mais cedo ou mais tarde, estará presente na vida humana, por uma traição, uma doença, uma morte ou alguma frustração. No entanto, não é culpa de Deus, ou de um “ser superior”, porque o homem tem liberdade, e as consequências de suas escolhas podem prejudicá-lo e aos outros.

O sofrimento humano é o resultado normal da fragilidade física e moral da humanidade e do mundo. O sentido de tal ou tal sofrimento é, dessa forma, puramente imanente ao acontecimento e às causas concretas, em princípio assinaláveis. [...] A essa primeira causa, que é a fragilidade, acrescentam-se infelizmente a maldade, a violência e a injustiça do homem<sup>174</sup>.

O homem é responsável por causar tantos sofrimentos ao próprio ser humano - a falha de um pode ser o prejuízo existencial e material do outro. Contudo, pelo bom uso da liberdade, pode, sem dúvida, amenizar tais situações. Assim, cabe homem, com sua liberdade, escolher qual o melhor caminho a seguir. Deus não interfere na liberdade.

Essa condição de fragilidade e de vulnerabilidade, Deus a quer para o homem a fim de que, pela escolha, pela fé, pela esperança e pela resistência, ela seja o caminho de seu devir, o caminho histórico e único em que uma multidão de desejos humanos possam aparecer e se estruturar; como capacidades da glória de Deus – multidão que Deus, no fim desse devir; acolhe e recria na participação de sua plenitude<sup>175</sup>.

O maior exemplo de superação do sofrimento e realização da vontade de Deus, até as últimas consequências, é o próprio Cristo. Ele assume a condição

<sup>173</sup>ROCCHETA, CARLO. *Teologia da ternura* um “evangelho” a descobrir. p.245.

<sup>174</sup>VARONE, François. *Esse Deus que dizem amar o sofrimento*. p. 266.

<sup>175</sup>Ibid., p. 268.

humana, passa por todo o processo humano, exceto o pecado. Na sua origem, o homem, criado imagem e semelhança de Deus, não foi feito para o erro, mas, de alguma forma, o projeto original foi ferido. Assim, com Cristo a dignidade do ser humano é restituída<sup>176</sup>.

Isto posto, considerando que o suplício da cruz deveu-se ao embate de Cristo com a estrutura religiosa de uma época que não aceitava a verdadeira imagem de Deus, faz-se mister anular a falsa ideia inserida no seio das comunidades, inclusive as religiosas, de que Cristo teria buscado o sofrimento e, portanto, os homens também deveriam e devem buscar e aceitar qualquer tipo de sofrimento em suas vidas.

É assim que ele é sem pecado, mantendo-se até o fim sua prática de verdade, de serviço, de beneficência e de amor. [...] O sofrimento do Cristo não é portanto de modo algum um valor em si. Jesus não procurava sofrer, mas viver uma prática positiva mesmo se devesse sofrer cruelmente por causa dela. [...] o sofrimento é para Jesus a ocasião de revelar o amor que tem para conosco e, para nós, a possibilidade desconcertante de o reconhecer<sup>177</sup>.

Portanto, cabe a cada pessoa, na sua realidade, não ficar presa ao sofrimento que vem, porque pode causar-lhe uma paralisia emocional, na tentativa de encontrar um “culpado”. Para o seguimento de Cristo, é preciso ter fé e esperança em sua mensagem e promessa, independente da situação vivida.

Ao contrário, Deus tem um gosto especial, muito especial, pela fé do homem: Deus deseja ser conhecido por ele como seu Criador fiel e que esse conhecimento se torne vida e prática fiel, *mesmo se for preciso sofrer* (por causa dessa prática ou por qualquer outra razão natural)<sup>178</sup>.

Dessa forma, o homem tem a capacidade e os conteúdos necessários para depositar um sentido às situações que sucedem, na sua vida, assumindo sua responsabilidade e jamais esquecendo de ser protagonista da existência.

---

<sup>176</sup>Cf. PAGOLA, José Antonio. *Jesus aproximação histórica*. p. 454.

<sup>177</sup>Cf. VARONE, François. *Esse Deus que dizem amar o sofrimento*. p. 271.

<sup>178</sup>Ibid., p. 279.

### 3. Sacrifício em algumas Anáforas/Orações eucarísticas

A oração eucarística ou anáfora<sup>179</sup>, de maneira especial, nos remete à dimensão sacrificial de toda a Celebração Eucarística; porém, deve ficar claro que tal dimensão está presente nela como um todo. O sentido da oração eucarística é sacramental e, conseqüentemente, expressão da instituição da ceia e do Mistério Pascal na celebração<sup>180</sup>.

A dimensão sacrificial da missa, o teólogo da eucaristia não tem, outro caminho que se deixar iluminar por aquela intuição de fé que está

<sup>179</sup>Segundo Jungmann em todas as liturgias antigas, a oração eucarística foi compreendida de maneira geral como anáfora, porém em diferentes ritos ela também pode ser compreendida de outras formas como nas orações que antecedem ou a parte da comunhão, em nosso estudo, permanece o sinônimo de oração eucarística. Cf. JUNGSMANN, Josef A. *Missarum Sollemnia*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 572.

<sup>180</sup>Cirilo de Jerusalém, foi quem sistematizou uma estrutura para as anáforas a saber: *Introdução à anáfora* – diálogo inicial. Em seguida, o pontífice proclama: corações ao alto. Verdadeiramente, naquela hora tremenda, é preciso ter o coração voltado para o alto, para Deus, e não para baixo, para a terra e para as coisas deste mundo. A todos manda o pontífice, com autoridade, nesta hora, que ponham de lado preocupações da vida e os cuidados domésticos, e orientem os seus corações para o céu, para Deus misericordioso. Vós então respondeis: Já os elevamos ao Senhor, manifestando, pelas palavras da vossa confissão, que estais de acordo com o que vos foi mandado. Nenhum dos presentes diga apenas com a boca: Já elevamos os corações ao Senhor, tendo o espírito voltado para as preocupações da vida. Deveríamos lembrar-nos de Deus em todo o tempo. Mas, se isso é impossível por causa da fraqueza humana, ao menos naquela hora devemos procurar que assim seja. Depois o pontífice diz: Demos graças ao Senhor. Na verdade, devemos agradecer a Deus o ter-nos chamado, apesar de indignos, a esta tão grande graça de nos reconciliar consigo, quando éramos seus inimigos, e de nos ter julgado dignos do Espírito de adoção filial. E vós dizeis então: É digno e justo. Quando damos graças, fazemos uma ação digna e justa; mas Ele, agindo, não é apenas com justiça, mas para além de toda a justiça encheu-nos dos seus benefícios e tornou-nos dignos de tão grandes dons. *Anáfora, louvor, ação de graças e introdução ao Sanctus*. Depois, fazemos menção do céu, da terra e do mar, do sol e da lua, dos astros e de toda criatura racional e irracional, visível e invisível, dos Anjos e dos Arcanjos, das Virtudes e Dominações, dos Principados e potestades, dos Tronos e Querubins de muitas faces, dizendo como David: Enaltecei comigo ao Senhor. Lembramo-nos ainda dos Serafins, que Isaias contemplou, no Espírito Santo, de pé, em volta do trono de Deus, e que escondiam o rosto com duas asas, aos pés com outras duas e com mais duas voavam e diziam: Santo, Santo, Santo é o Senhor do universo. Dizendo esta doxologia que nos foi transmitida pelos Serafins, associamo-nos, neste cântico de louvor, aos exércitos celestes. *Invocação do Espírito ou Epiclese*. Depois de santificados por estes hinos espirituais, suplicamos a Deus, amigo dos homens, que envie o Espírito Santo sobre os dons colocados no altar, para que faça do pão Corpo de Cristo e do vinho Sangue de Cristo. Pois tudo o que o Espírito Santo toca é santificado e transformado. *Intercessões*. Em seguida, realizado o sacrifício espiritual, o culto incruento, pedimos a Deus, em presença desse sacrifício de propiciação, pela paz comum das Igrejas, pela estabilidade do mundo, pelos imperadores, pelos exércitos e seus aliados, pelos doentes, pelos aflitos e por todos os que têm necessidade de ajuda. Todos rezamos e todos oferecemos este sacrifício. Depois fazemos menção dos que já adormeceram: primeiro dos patriarcas, dos Profetas, dos Apóstolos e dos Mártires, para que Deus, por suas preces e intercessões, aceite a nossa súplica. Depois, rezamos pelos santos padres e bispos falecidos e, em geral, por todos aqueles que morreram antes de nós, certos de que isto será de grande proveito para as almas em favor dos quais tal súplica se faz, enquanto está presente a vítima santa e temível. CIRILO DE JERUSALEM. *Quinta catequese mistagógica*. SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. *Antologia Litúrgica: textos litúrgicos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima, Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. pp. 561-562.

ligada à noção bíblico-litúrgica de *sacramento* e à gama de termos afins. É claro que, a luz da razão, a missa não pode ser “fisicamente” o cenáculo, nem pode ser “fisicamente” o Calvário, eventos únicos e irrepetíveis em sua fisicidade. Mas, à luz da fé, é igualmente claro que a missa é “sacramentalmente” o Calvário e que essa identificação “sacramental” se tornou possível graças à mediação do sinal profético dado no cenáculo<sup>181</sup>.

Um dos sentidos da oração eucarística é memorial de tudo aquilo que Deus realizou e ainda realiza por meio de todo o processo da história da salvação, que teve seu cume em Cristo e que continua em nós. As orações eucarísticas, em seus formulários, remetem a três elementos que ressaltam o processo salvífico: o rito (a oração), evento fundador (o Cristo) e o sinal profético (referência textual da promessa divina)<sup>182</sup>.

A Oração Eucarística é ‘o ponto central e culminante de toda a celebração’; merece ser convenientemente ressaltada a sua importância. As diversas Orações Eucarísticas contidas no Missal foram-nos transmitidas pela Tradição viva da Igreja e caracterizam-se por uma riqueza teológica e espiritual inesgotável; os fiéis devem poder ser capazes de apreciá-la<sup>183</sup>.

Na oração eucarística, os três elementos citados ficam explícitos no relato da instituição e nos dois momentos de epiclese. O “fazer em memória de mim” nos remete a formação da comunidade eclesial, do Deus fiel a aliança e da passagem do Antigo Testamento para o Novo Testamento, como “inclusão” e não superioridade.

Em referência à eucaristia, não devemos temer falar de aliança – de preferência a “testamento”, - mas até das duas alianças, aproveitando ao máximo todos os paralelismos que se delineiam entre elas. Contudo, a nova aliança, por causa da posição absolutamente única de Cristo, supera infinitamente a antiga, de forma a implodir todo paralelismo rígido que a queira conter. De fato, o paralelismo entre as duas alianças é um paralelismo de identidade, mas de superação [...] não exclui, mas sim inclui<sup>184</sup>.

Por conseguinte, a ação sacramental, como memorial, é manifestação do único sacrifício de Cristo. Assim, os locais do cenáculo, do calvário se realizam na celebração da eucaristia, que transcende todo o espaço-tempo, que é a expressão do kairós no Cronos<sup>185</sup>.

<sup>181</sup>GIRALDO, Cesare. *Num só corpo*: tratado mistagógico sobre a eucaristia. p. 508-509.

<sup>182</sup>Cf. JUNGSMANN, Josef A. *Missarum Sollemnia*. p. 570.

<sup>183</sup>SCa 48.

<sup>184</sup>GIRALDO, Cesare. Op Cit., p.513.

<sup>185</sup>Cf. TABORDA, Francisco. *O memorial da páscoa do Senhor*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 86.

Enfim, todo sentido teológico da oração eucarística nos remete à união do sacrifício de Cristo, como evento salvífico, e sua continuidade na Igreja por meio de cada fiel batizado, inserido no mistério pascal de Cristo. Por meio da vida e testemunho de cada um para ajudar na construção do reino de Deus, inserindo-o na sociedade e sendo expressos nas celebrações dos sacramentos.

### 3.1 Anáfora de Hipólito de Roma

Hipólito de Roma<sup>186</sup> em sua história e em seus escritos, datados no século III, procurou resgatar a tradição proveniente dos apóstolos e manter viva sua tradição, com seus ensinamentos e valores, pois foram eles as testemunhas primeiras de Jesus Cristo e seus ensinamentos.

Agora, impelidos pelo amor para com todos os santos, chegamos ao essencial da tradição que convém às Igrejas, a fim de que todos, bem instruídos, conservem a tradição que veio até hoje e, conhecendo-a pela nossa exposição, dela tomem consciência e permaneçam firmes, por causa da queda ou do erro que ocorreu recentemente, motivado pela ignorância e pelos ignorantes. Conceda o Espírito Santos a graça perfeita aos que têm uma fé ortodoxa, para que os que se encontram à frente da Igreja saibam como devem ensinar e conservar todas estas coisas<sup>187</sup>.

---

<sup>186</sup>Seus dados biográficos são incertos, pois temos dados que era sacerdote de uma Igreja de Roma outros que era bispo, porém não citam o local. O que chama atenção em seus escritos é uma tentativa a volta da tradição dos apóstolos. Foi autor, do século III, de várias obras desde a combate as heresias até obra que nos mostram como era o ritmo oracional e tradição cristã em seu tempo, com destaque a sua Tradição Apostólica.

<sup>187</sup>HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica*. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. *Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 244.

Em sua obra “Tradição Apostólica” temos a mais antiga anáfora eucarística<sup>188</sup>, com base na Didaqué<sup>189</sup> e em Justino de Roma<sup>190</sup>, que hoje seria a

<sup>188</sup>JUNGMANN, Josef A. *Missarum Sollemnia*. p. 43.

<sup>189</sup>Celebrem a Eucaristia deste modo: Digam primeiro sobre o cálice: ‘nós te agradecemos, Pai nosso, por causa da santa vinha do teu servo Davi, que nos revelaste por meio do teu servo Jesus. A ti a glória para sempre’. Depois digam sobre o pão partido: ‘nós te agradecemos, Pai nosso, por causa da vida e do conhecimento que nos revelaste por meio do teu servo Jesus. A ti a glória para sempre. Do mesmo como este pão partido tinha sido semeado sobre as colinas, e depois recolhido para se tornar um, assim também a tua Igreja seja reunida desde os confins da terra no teu reino, porque tua é a glória e o poder, por meio de Jesus Cristo, para sempre’. Ninguém coma nem beba a Eucaristia, se não tiver sido batizado em nome do Senhor, porque sobre isso o senhor disse: ‘não deem as coisas santas aos cães’. Depois de saciados, agradeçam deste modo: Nós te agradecemos, Pai santo, por teu santo nome, que fizeste habitar em nossos corações, e pelo conhecimento, pela fé e imortalidade que nos revelaste por meio de teu servo Jesus. A ti a glória para sempre. Tu, Senhor Todo-poderoso, criaste todas as coisas por causa do teu Nome, e deste aos homens o prazer do alimento e da bebida, para que te agradeçam. A nós, porém, deste uma comida e uma bebida espirituais, e uma vida eterna por meio do teu servo. Antes de tudo, nós te agradecemos porque és poderoso. A ti a glória para sempre. Lembra-te, Senhor, da tua Igreja, livrando-a de todo o mal e aperfeiçoando-a no teu amor. Reúne dos quatro ventos esta Igreja santificada para o teu reino que lhe preparaste, porque teu é o poder e a glória para sempre. Que a tua graça venha, e este mundo passe. Hosana ao Deus de Davi. Quem é fiel, venha: quem não é fiel, converta-se. Maranata. Amém. *DIDAQUÉ*. In: *Padres Apostólicos*. Col. Patrística. Vol 1. São Paulo: Paulus, 2008. pp. 353-354. Essa narração, presente da Didaqué, não é o rito eucarístico que conhecemos hoje, porém deve levar em consideração que a estrutura ritual mais sistemática é bem posterior a era apostólica.

<sup>190</sup>Entre nós este alimento chama-se Eucaristia. Só dele pode participar aquele que, admitido como verdadeiros os nossos ensinamentos, tenha sido purificado pelo batismo para remissão dos pecados e a regeneração, e leve uma vida como Cristo ensinou. Na verdade, aquilo que recebemos não é pão nem vinho comum. Com efeito, assim como Jesus Cristo, nosso Salvador, Se fez homem pelo Verbo de Deus e assumiu a carne e o sangue para nossa salvação, assim também nos foi ensinado que o alimento sobre o qual foi pronunciada a ação de graças com as mesmas palavras de Cristo, e do qual, depois de transformado, se alimenta o nosso sangue e a nossa carne, é a própria Carne e Sangue de Jesus encarnado. Os Apóstolos, nos seus comentários, chamados Evangelhos, transmitiram-nos que foi Jesus Cristo quem assim os mandou fazer, quando Ele, tomando o pão e, dando graças, disse: *Fazei isto em memória de mim. Isto é o meu Corpo*; e tomando igualmente o cálice e dando graças, disse: *Este é o meu Sangue*; e somente a eles foi comunicado. É certo que, por arremedo, isso também foi ensinado pelos Demônios perversos para ser feito nos mistérios de Mitra. Com efeito, como sabeis ou podeis informar-vos, nos ritos de um novo iniciado apresenta-se pão e uma vasilha de água, acompanhados de certas orações. Desde então, nunca mais deixamos de trazer isto à memória uns dos outros; e os que possuem bens socorrem os que têm necessidades, e perseveramos sempre unidos uns aos outros. Em todas as oblações louvamos o Criador do universo por Jesus Cristo, seu Filho, e pelo Espírito Santo. E, no chamado dia do Sol, reúnem-se num mesmo lugar todos os que moram nas cidades e nos campos, e leem-se, na medida em que o tempo o permite, as memórias dos Apóstolos e os escritos dos Profetas. Quando o leitor termina, o presidente toma a palavra para fazer uma exortação, convidando os presentes a imitar tão belos ensinamentos. a seguir pomo-nos todos de pé e elevamos as nossas preces e, como já dissemos logo que as preces terminam, apresenta-se o pão, vinho e água. Então, aquele que preside eleva, com todo o fervor, preces e ações de graças, e o povo aclama: *Amém*. Depois procede-se à distribuição dos dons sobre os quais foi pronunciada a ação de graças; cada um dos presentes participa deles, e os diáconos levam também os ausentes. Os que vivem em abundância e querem repartir, dão, cada um o que lhe apraz e parece bem. E o que se recolhe é deposto aos pés daquele que preside, e ele, por seu turno, presta assistência aos órfãos, às viúvas, aos doentes, aos pobres, aos prisioneiros, aos estrangeiros de passagem, numa palavra, a todos os que sofrem necessidade. Reunimo-nos todos precisamente do dia do Sol, não só porque foi o primeiro dia em que Deus, transformando as trevas e a matéria, criou o mundo, mas também porque Jesus Cristo, nosso Salvador, nesse dia ressuscitou dos mortos. Crucificaram-no na véspera do dia de Saturno; e, no dia a seguir este, ou seja, no dia do Sol, aparecendo aos seus Apóstolos e discípulos, ensinou-lhes tudo o que também vos propusemos como digno de consideração.

Oração Eucarística II do Missal Romano. Até então não havia uma oração própria para o momento da consagração. Cada um que presidia a Eucaristia realizava uma oração espontânea. A anáfora de Hipólito, se tornou, a estrutura basilar para outras Igrejas porque Hipólito acreditava que “a anáfora seria um modelo passível de ser ampliado ou modificado conforme a inspiração do Espírito”<sup>191</sup>.

A dimensão sacrificial na anáfora de Hipólito está ligada diretamente com a doação e entrega da vida de Jesus Cristo porque era um modo de vencer a concepção pagã e judaica de sacrifício. Assim, o sacrifício dos cristãos entrava na dinâmica da doação da vida na construção do Reino de Deus e não a oferta obrigatória de algum tipo sacrifício animal ou até mesmo do próprio sangue <sup>192</sup>. Logo no início da anáfora destaca-se o seu caráter cristológico permeado por menções veterotestamentárias<sup>193</sup> no que diz respeito a criação e o mistério da encarnação do Verbo e a ação do Espírito Santo em Maria.

Nós vos damos graças, ó Deus, por Jesus Cristo, vosso muito amado Filho, que nestes últimos tempos nos enviastes (como) Salvador, Redentor e Mensageiro da vossa vontade. Ele é a vossa Palavra inseparável, por quem tudo criastes e que, porque assim foi do vosso agrado, enviastes do céu ao seio de uma Virgem. Tendo sido concebido, fez-Se homem e manifestou-Se como vosso Filho, nascido do Espírito Santo e da Virgem<sup>194</sup>.

Logo após esse momento inicial de ação graças, direcionado a Deus, é apresentada, na anáfora, a motivação de Jesus em realizar sua missão: fazer a vontade do Pai e reunir novamente um povo santo, com base na eleição de Israel como Povo de Deus, que havia se afastado da aliança com Deus e se perdido em seu próprio ambiente religioso fazendo com que as pessoas sofressem<sup>195</sup>.

Para cumprir a vossa vontade e adquirir para Vós um povo santo, estendeu as mãos enquanto padecia, para livrar do sofrimento os que confiaram em Vós<sup>196</sup>.

---

JUSTINO DE ROMA. *I Apologia*. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. *Antologia Litúrgica: textos litúrgicos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima, Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. pp. 1489-149.

<sup>191</sup>GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. *Eukharistia verdade e caminho da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2008. p. 77.

<sup>192</sup>JUNGMANN, Josef A. *Missarum Sollemnia*. p. 43.

<sup>193</sup>Cf. *Ibid.*, p. 48.

<sup>194</sup>HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica*. p. 246.

<sup>195</sup>JUNGMANN, Josef A. *Op Cit.*, p. 48.

<sup>196</sup>HIPÓLITO DE ROMA. *Op Cit.*, p. 246.

Na narrativa da instituição, percebe-se a ênfase dada à entrega livre de Jesus, que consciente das suas escolhas, demonstrou o dom de sua entrega às pessoas. Através de Sua vida, tem-se a fé como lei e a ressurreição como vitória - a morte ganha um novo viés - não mais de fim e sim de passagem.

Na hora que Ele Se entregava voluntariamente à paixão para destruir a morte, despedaçar as cadeias do Diabo, calcar aos pés o Inferno, conduzir os justos à luz, estabelecer a lei (da fé) e manifestar a (vitória da) ressurreição, tomou o pão e deu-vos graças, dizendo: Tomai, comei, isto é o meu Corpo, que será destruído por vós. De igual modo, tomou o cálice, dizendo: Este é o meu Sangue, que será derramado por vós. Quando fizerdes isto, fazei-o em memória de mim<sup>197</sup>.

Após as palavras sobre o pão e vinho, a anáfora de Hipólito propõe uma oração de benção sobre dos dons do pão e do vinho, como sinais da criação e produzidos pelo próprio ser humano, ofertados na celebração como sinal da oferta da vida das pessoas. Este era caracterizado também com a oferta de outros tipos de alimentos para a ajuda das pessoas mais necessitadas da comunidade, como uma forma de ajudar na santificação na vida dos outros membros da comunidade através da partilha<sup>198</sup>.

Por isso, lembrando-nos da sua morte e da sua ressurreição, nós vos oferecemos este pão e este cálice e Vos damos graças, porque nos julgastes dignos de estar de pé diante de vós e de Vos servir como sacerdotes<sup>199</sup>.

Ao final da anáfora, encontra-se a mais antiga *epiclese* (invocação) do Espírito Santo, não apenas sobre as ofertas apresentadas ao altar, mas de maneira especial sobre a oferta de toda a Igreja<sup>200</sup>, de todas as pessoas reunidas, que participam da comunhão do corpo e sangue de Cristo, para que imbuídos do Espírito Santo possam permanecer unidos na caridade e que estão inseridos no mistério de Deus revelado em Jesus Cristo a partir da encarnação<sup>201</sup>.

Nós Vos pedimos que envieis o vosso Espírito sobre a oblação da santa Igreja. Reunindo na unidade todos aqueles que participam nos vossos santos (mistérios), dai-lhes a graça de serem repletos do Espírito Santo, para fortalecerem a sua fé na verdade, a fim de que Vos louvemos e glorifiquemos pelo vosso Filho Jesus Cristo, pelo qual

<sup>197</sup>HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica*. p. 246.

<sup>198</sup>Cf. FONTBONA, Jaume. *La cena del Señor, misterio de comunión*. p. 246.

<sup>199</sup>HIPÓLITO DE ROMA. *Op Cit.*, p. 246.

<sup>200</sup>JUNGMANN, Josef A. *Missarum Sollemnia*. p. 47.

<sup>201</sup>Cf. FONTBONA, Jaume. *Op Cit.*, p. 247.

a Vós a honra e a glória (Pai e Filho), com o Espírito Santo, na santa Igreja, agora e pelos séculos dos séculos. Amém<sup>202</sup>.

Portanto, mesmo que desenvolvida de maneira simples, e servindo como modelo para orações espontâneas, a anáfora de Hipólito mostra a riqueza da Celebração Eucarística, já nos primeiros séculos de cristianismo, assim, percebe-se a preocupação em se manter fiel a tradição e a importância de fixar uma doutrina coesa acerca dos mistérios de Deus revelados a nós.

### 3.2 Anáfora de Addai e Mari

A anáfora de Addai e Mari é uma das anáforas eucarísticas mais antigas, mesmo sendo a anáfora de Hipólito de Roma de datação mais remota ela recebe essa “dignidade” de ser a oração eucarística que chegou até nós mais próxima do seu escrito original<sup>203</sup>. A anáfora tem sua origem nas Igrejas caldeias e é denominada: “Anáfora primeira ou Anáfora dos bem-aventurados apóstolos Mar Addai e Mar Mari”<sup>204</sup>.

A oração, na sua origem, escrita na língua Síria é usada pelos ortodoxos e caldeus. Além disso, chama atenção dos estudiosos em liturgia o fato dela não possuir a narrativa da instituição<sup>205</sup>. Assim, fica a tentativa de se explicar se isso é algo proposital ou não, a anáfora<sup>206</sup>. Entretanto, mesmo que não possua o relato da instituição de forma explícita, a anáfora o pressupõe no decorrer de sua estrutura<sup>207</sup>.

Estar diante do Deus [...] que para os discípulos de Cristo consiste em celebrar, dando graças, o memorial da morte e ressurreição do Senhor por ele entregue à última ceia. A formulação da oração é muito feliz e mostra, num texto muito denso, a unidade de ação de graças do

<sup>202</sup>HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica*. p. 246.

<sup>203</sup>Cf. GIRALDO, Cesare. *Num só corpo: tratado mistagógico sobre a eucaristia*. p. 340.

<sup>204</sup>Id.

<sup>205</sup>*Es una anáfora cuya tradición manuscrita se remonta solamente los siglos XV y XVI, no teniendo estos manuscritos las palabras de la institución. En los misales caldeos (1767, 1901, 1936) las palabras se han introducido en medio del post sanctus; en el misal siro oriental ortodoxo se ha puesto al final de esta oración; en el misal de José de Qelayta (1928) faltan las palabras; en los misales malabares (1774, 1844, 1912, 1929) están colocadas fuera de la anáfora, antes de la fracción.* NIN, Manuel. *Las liturgias orientales*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2008. p. 48.

<sup>206</sup>Nosso estudo não tem a intenção de analisar o motivo de tal anáfora não possui a narrativa da instituição, mas de analisar o seu caráter sacrificial, mesmo que haja a necessidade de esbarrar em tal questão.

<sup>207</sup>Cf. GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. *Eukharistia verdade e caminho da Igreja*. p. 123.

memorial e da oferenda, sobre a qual se invoca a seguir a ação do Espírito Santo<sup>208</sup>.

Temos um diálogo que podemos denominar de um “diálogo inicial” presente na anáfora de Addai e Mari, que se assemelha aos que são usadas nas celebrações eucarísticas. Nele pode-se perceber que suplica-se a comunhão entre os participantes a exemplo da comunhão trinitária bem como observa-se a referência da oblação a Deus não de pessoas simplesmente, mas atualização da entrega do próprio Cristo.

Presidente: A graça de nosso Senhor Jesus Cristo e o amor de Deus Pai e a comunhão do Espírito Santo esteja com todos nós, agora e sempre e nos séculos dos séculos! Assembleia: Amém. Presidente: Estejam no alto as vossas mentes! Assembleia: A Ti, Deus de Abraão e de Isaac e de Israel, rei louvável. Presidente: É oferecida a oblação a Deus, Senhor de todos! Assembleia: É conveniente e justo<sup>209</sup>.

O prefácio da anáfora celebra a criação<sup>210</sup>, onde se pode perceber a manifestação divina no meio das pessoas. Por isso, afirma o mérito do louvor por tão grande dom, além de reconhecer que é por graça divina que acontece o mistério da redenção e que foi Deus quem quis reunir os homens em sua bondade<sup>211</sup>.

É Digno de louvor por todas as nossas bocas e de confissão por todas as nossas línguas o Nome adorável e louvável do Pai e do Filho e do Espírito Santo, que criou o mundo na sua graça na sua graça e seus habitantes em sua piedade, e remiu os homens em sua clemência e fez uma grande graça aos mortais. Tua grandeza, Senhor, adoram milhares de seres superiores e dez mil miríades de Anjos, os exércitos de seres espirituais, ministros de fogo e de espírito, junto com os santos Querubins e Serafins louvam teu Nome, bradando e louvando incessantemente e clamando um para o outro dizendo:<sup>212</sup>

A oração do *sanctus* em Addai e Mari segue a tradição da bíblia siríaca<sup>213</sup>, assim, temos a substituição de “Senhor dos Exércitos”, das orações eucarísticas atuais, por “Deus poderoso” porque visa proclamar a grandeza de Deus, anteriormente no prefácio mencionava-se a criação, agora se tem a menção encarnação de Jesus Cristo que se começa a perceber, de forma mais concreta, a entrega de Deus pela salvação dos homens.

<sup>208</sup>GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. *Eukharistia* verdade e caminho da Igreja..., p. 124.

<sup>209</sup>GIRALDO, Cesare. *Num só corpo*: tratado mistagógico sobre a eucaristia. p. 341. Nesse trecho é apresentado um diálogo inicial da anáfora, os termos “presidente” e “assembleia” foram acrescentador pelo autor da dissertação para mostrar o diálogo que acontece nesse momento entre quem preside a celebração e a as demais pessoas.

<sup>210</sup>NIN, Manuel. *Las liturgias orientales*. p.48.

<sup>211</sup>Cf. GIRALDO, Op Cit., p. 343.

<sup>212</sup>Ibid., p. 341.

<sup>213</sup>Cf. Ibid., p. 343.

Santo, santo, santo é o Senhor Deus poderoso; plenos estão o céu e a terra de seus louvores. Hosana nas alturas e hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor. Hosana nos lugares excelsos!<sup>214</sup>

No pós sanctus acontece algo interessante - a retomada - no início, de uma conclusão da oração anterior, pois o termo “potências celestes” diz respeito aos anjos. Em seguida realiza uma anamnese histórico-salvífica<sup>215</sup> que caracteriza a fraqueza humana e o modo pelo qual Deus restaura a dignidade do mesmo, Por isso, esse momento se encerra com uma ação de graças (doxologia) na qual é reconhecida e louvada a bondade de Deus<sup>216</sup>.

E com essas potências celestes te confessamos, Senhor, porque nós teus servos fracos e enfermos e miseráveis, porque nos fizeste uma grande graça que não se pode pagar: pois revestiste nossa humanidade para vivificar-nos mediante tua divindade e suspendeste nossa opressão e levantaste nossa queda e ressuscitastes nossa mortalidade e perdoastes nossas dívidas e justificaste nossa condição-de-pecado e iluminaste nossa mente e superaste, nosso Senhor e nosso Deus, nossos adversários e fizeste resplandecer a debilidade de nossa natureza enferma com as misericórdias abundantes de tua graça. E por todos os teus auxílios e tuas graças para conosco te damos louvor e honra e confissão e adoração agora e em todo tempo e nos séculos dos séculos. (R/ Amém)<sup>217</sup>.

A seguir ocorre o momento de invocação do Espírito Santo na anáfora para as oferendas apresentadas, que provavelmente narra na forma de continuidade<sup>218</sup> a instituição em relação à ceia realizada por Jesus juntamente com seus apóstolos. Oferta, sacrifício e esperança escatológica se unem nesse momento em Addai e Mari porque é realizado um pedido para que a graça do Espírito repouse sobre as oferendas, momento da instituição.

<sup>214</sup>GIRALDO, Cesare. *Num só corpo*: tratado mistagógico sobre a eucaristia. p. 341.

<sup>215</sup>Cf. *Ibid.*, p. 343.

<sup>216</sup>Cf. *Ibid.*, p. 344.

<sup>217</sup>*Ibid.*, pp. 341-342.

<sup>218</sup>*Sobre el altar (liturgia siro-oriental) hay siempre un pequeño cáliz con harina, sal y agua en el que se introduce un fragmento del pan consagrado en la celebración. Este fermento servirá para la confección del pan de la próxima eucaristía. Se trata de una antiquísima tradición que se remonta a la última cena: Jesús habría dado un fragmento de pan a Juan evangelista, quien lo habría mezclado con el agua que cayó del cuerpo de Jesús en su bautismo y con la sangre y el agua que brotaron del costado de Cristo en la cruz. Este fermento se repartió entre los apóstoles. [...] Es un posible camino de solución a la falta de las palabras de la institución de la anáfora de Addai y Mari. NIN, Manuel. Las liturgias orientales. pp. 51-52.*

Após se pede que essa oferta ajude na santificação dos homens, na vida, na terra, em sinal de doação e entrega a mensagem de Jesus Cristo e, por fim, tem-se a esperança da ressurreição dos mortos e a entrada no reino dos céus<sup>219</sup>.

Venha, Senhor, teu Espírito Santo e repouse sobre esta oblação de teus servos e a bendiga e a santifique, a fim de que seja para nós, Senhor, para a expiação das dívidas e para remissão dos pecados e para a grande esperança da ressurreição dos mortos e para vida nova no reino dos céus com todos os que foram agradáveis diante de ti<sup>220</sup>.

A doxologia final de Addai e Mari coloca diante da assembleia reunida o grande motivo do porque estão ali reunidos, trata da remissão dos seres humanos realizada por Deus, em Jesus Cristo. Assim, é com a vida e corações abertos a graça de Deus se deve proclamar essa verdade ao mundo com a palavra e com a própria vida em forma de adoração e de entrega a Deus<sup>221</sup>.

E por toda a tua economia admirável para conosco te confessamos e te louvamos incessantemente, na tua Igreja redimida com o sangue precioso de teu Cristo, com bocas abertas e de rostos descobertos, dando louvor e honra e confissão e adoração a teu Nome vivo e santo e vivificante, agora e sempre e nos séculos dos séculos. Amém<sup>222</sup>

Após análise de duas anáforas da Igreja nos primeiros séculos do cristianismo - objetivando mostrar que a dimensão sacrificial da Eucaristia já estava presente desde os primórdios - a abordagem será sobre as duas orações eucarísticas presentes no missal atual a fim de demonstrar que tal dimensão se faz presente também nos nossos dias.

### 3.3 Oração Eucarística I

A Igreja romana acabou por fixar uma única oração eucarística, confirmada pelo concílio de Trento e utilizada até 1968. Após o concílio Vaticano II, resgataram-se orações eucarísticas antigas e elaboraram-se novas.<sup>223</sup> Entretanto, o “cânon romano” ou, como é comumente conhecida, a Oração Eucarística I tem destaque pela

<sup>219</sup>GIRALDO, Cesare. *Num só corpo*: tratado mistagógico sobre a eucaristia. pp. 347-348.

<sup>220</sup>Ibid., p. 342.

<sup>221</sup>Cf. Ibid., pp. 347-348

<sup>222</sup>Ibid., p. 343.

<sup>223</sup>TABORDA, Francisco. *O memorial da páscoa do Senhor*. p. 98.

sua antiguidade (mesmo havendo outras orações mais antigas), e pela possibilidade de o prefácio ser variado<sup>224</sup>.

O prefácio da Oração Eucarística I é mutável, pois para a Igreja de Roma a Celebração da Eucaristia era um conjunto, em relação à história da salvação. Assim, existiam prefácios variados de acordo com as festas do tempo litúrgico.<sup>225</sup> O prefácio é dirigido ao Pai como louvor e ação de graças pelas maravilhas de Deus na história da salvação, e também ressalta um aspecto importante da história da salvação, em Jesus Cristo, de acordo com o que é no calendário litúrgico<sup>226</sup>.

Após o prefácio, o presidente da celebração une-se à assembleia na recitação do *sanctus* um louvor a Deus e um cântico dos anjos e santos do céu<sup>227</sup>. Concluída a oração do *sanctus*, inicia-se a primeira intercessão presente na Oração I. Trata-se de um pedido de bênção das oferendas presentes sobre o altar, e de um pedido de intercessão aos vivos que ofertam os frutos da terra (pão e vinho) e a própria vida para a construção da Igreja como corpo de Cristo por meio das comunidades e hierarquia<sup>228</sup>.

Pai de misericórdia, a quem sobem nossos louvores, nós vos pedimos por Jesus Cristo, Vosso Filho e Senhor nosso, que abençoeis + estas oferendas apresentadas ao vosso altar.[...]Nós as oferecemos pela vossa Igreja santa e católica: concedei-lhe paz e proteção, unindo-a num só corpo e governando-a por toda a terra. Nós vos oferecemos também pelo vosso servo o papa N., por nosso bispo N., e por todos os que guardam a fé que receberam dos apóstolos. [...] Lembrai-vos, ó Pai, dos vossos Filhos e Filhas N. N. e de todos os que circundam este altar, dos quais conheceis a fidelidade e a dedicação em vos servir. Ele vos oferecem conosco este sacrifício de louvor por si e por todos os seus, e elevam a vós as suas preces para alcançar o perdão de suas faltas, a segurança em suas vidas e a salvação que esperam<sup>229</sup>.

Lembra-se de maneira especial daqueles que já foram testemunhas primeiras de Cristo até o fim: apóstolos e mártires; há uma primeira comemoração dos santos e, em seguida, pede-se que toda a comunidade seja reunida entre os eleitos<sup>230</sup>.

Em comunhão com toda Igreja, veneramos a sempre Virgem Maria, Mãe de nosso Deus e Senhor Jesus Cristo; e também São José, esposo de Maria, os santos Apóstolos e Mártires: Pedro e Paulo,

<sup>224</sup>JUNGMANN, Josef A. *Missarum Sollemnia*. p. 573.

<sup>225</sup>Cf. ALDAZÁBAL, J. *A eucaristia*. p. 256.

<sup>226</sup>JUNGMANN, Josef A. *Op Cit.*, p. 588.

<sup>227</sup>Cf. *Ibid.*, p. 297.

<sup>228</sup>Cf. TABORDA, Francisco. *O memorial da páscoa do Senhor*. p. 109.

<sup>229</sup>RITUAL ROMANO. *Missal*. São Paulo: Paulus, 1992. p. 469-470.

<sup>230</sup>Cf. ALDAZÁBAL, J. *Op Cit.*, p. 257.

André, (Tiago e João, Tomé, Tiago e Filipe, Bartolomeu e Mateus, Simão e Tadeu, Lino, Cleto, Clemente, Sisto, Cornélio e Cipriano, Lourenço e Crisógono, João e Paulo, Cosme e Damião), e todos os vossos Santos. Por seus méritos e preces concedei-nos sem cessar a vossa proteção. (Por Cristo, Senhor nosso. Amém) [...] Recebei, ó Pai, com bondade, a oferenda dos vossos servos e de toda a vossa família; dai-nos sempre a vossa paz, livrai-nos da condenação e acolhei-nos entre os vossos eleitos. (Por Cristo, Senhor nosso. Amém)<sup>231</sup>.

Observa-se uma lacuna na Oração Eucarística I, pois na epiclese (invocação) há a omissão da teologia do Espírito Santo, que pode ser compreendida apenas dedutivamente, ao contrário das demais orações eucarísticas, porque a teologia ocidental, de maneira geral, não levou em consideração por muitos séculos a pessoa do Espírito Santo<sup>232</sup>.

Dignai-vos, ó Pai, aceitar e santificar estas oferendas, a fim de que se tornem para nós o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, vosso Filho e Senhor nosso<sup>233</sup>.

O relato da instituição narrado a seguir, apresenta um diálogo direto com o Pai e não uma forma “teatral” de “reproduzir”<sup>234</sup> o que Jesus fez na ceia, pois “o louvor se converte em memorial sacramental daquilo que Cristo disse e realizou na última ceia”<sup>235</sup>.

Na noite em que ia ser entregue, ele tomou o pão em suas mãos, elevou os olhos a vós, ó Pai, deu graças e o partiu e deu a seus discípulos, dizendo: TOMAI, TODOS, E COMEI: ISTO É O MEU CORPO, QUE SERÁ ENTREGUE POR VÓS. Do mesmo modo, ao fim da ceia, ele tomou o cálice em suas mãos, deu graças novamente e o deu a seus discípulos, dizendo: TOMAI, TODOS, E BEBEI: ESTE É O CÁLICE DA NOVA E ETERNA ALIANÇA, QUE SERÁ DERRAMADO POR VÓS E POR TODOS PARA REMISSÃO DOS

<sup>231</sup>RITUAL ROMANO. *Missal*. p. 470-472.

<sup>232</sup>TABORDA, Francisco. *O memorial da páscoa do Senhor*. p. 99.

<sup>233</sup>RITUAL ROMANO. *Missal*. p. 472.

<sup>234</sup>Cipriano de Cartago exorta aos sacerdotes que sigam as palavras da instituição como diz a tradição e como uma oração e não uma representação: Embora eu saiba, irmão caríssimo, que muitos bispos... que estão à frente das Igrejas do Senhor em todo o mundo guardam a verdade do Evangelho e dos ensinamentos divinos e não se afastam daquilo que Cristo, nosso mestre, ensinou e fez..., no entanto, dado que alguns por ignorância ou simplicidade, ao consagrar o cálice do Senhor e ao administrá-lo ao povo, não observam o que Jesus Cristo nosso Deus e Senhor, autor e doutor deste sacrifício [...] Ao oferecermos o cálice, devemos observar a tradição do Senhor, e não fazermos mais do aquilo que Ele foi o primeiro a fazer por nós [...] não há dúvida de que só realiza o ministério de Cristo aquele sacerdote que reproduz o que Cristo fez, e então oferece na Igreja, a Deus Pai, o sacrifício verdadeiro e pleno, quando oferece segundo o modo como o próprio Cristo ofereceu. CIPRIANO DE CATARGO. *Carta 63*. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. *Antologia Litúrgica: textos litúrgicos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima, Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

<sup>235</sup>ALDAZÁBAL, J. *A eucaristia*. p. 260.

PECADOS. FAZEI ISTO EM MÉMORIA DE MIM. Eis o mistério da fé<sup>236</sup>.

A anamnese, memorial, que acontece logo após o relato da instituição, traz presente toda a história da salvação na pessoa do Cristo, fazendo memória, de maneira especial, do Mistério Pascal<sup>237</sup>.

Celebrando, pois, a memória da paixão do vosso Filho, da sua ressurreição dentre os mortos e gloriosa ascensão aos céus, nós, vossos servos, e também vosso povo santo, vos oferecemos, ó Pai, dentre os bens que nos destes, o sacrifício perfeito e santo, pão da vida eterna e cálice da salvação<sup>238</sup>.

Uma característica própria da Oração I, que não permite pensar a primeira epiclese separada da segunda epiclese, diz respeito à assembleia que irá participar da comunhão do corpo e sangue de Cristo. Não fica clara, também a teologia do Espírito Santo. Entretanto, apresenta uma teologia muito profunda acerca do sacrifício como oferta e o sacrifício definitivo de Cristo<sup>239</sup>.

Recebei, ó Pai, esta oferenda, como recebestes a oferta de Abel, o sacrifício de Abraão e os dons de Melquisedec. Nós vos suplicamos que ela seja levada à vossa presença, para que, ao participarmos deste altar, recebendo o Corpo e o Sangue de vosso Filho, sejamos repletos de todas as graças e bênçãos do céu. (Por Cristo, Senhor nosso. Amém)<sup>240</sup>.

Aparece a seguir, uma segunda intercessão, por aqueles que adormeceram na esperança da ressurreição<sup>241</sup>, e que foram fiéis ao seguimento de Cristo<sup>242</sup> e mostra que a eucaristia é uma celebração de unidade da Igreja terrestre com a celeste<sup>243</sup>.

Lembra-vos, ó Pai, dos vossos Filhos e Filhas N. N. que partiram desta vida, marcados com o sinal da fé. A eles, e a todos os que

<sup>236</sup>RITUAL ROMANO. *Missal*. p. 472-473.

<sup>237</sup>INSTRUÇÃO GERAL DO MISSAL ROMANO. São Paulo: Paulinas, 2007. IGMR 78.

<sup>238</sup>RITUAL ROMANO. Op Cit., p. 474.

<sup>239</sup>Cf. TABORDA, Francisco. *O memorial da páscoa do Senhor*. p. 99.

<sup>240</sup>RITUAL ROMANO. Op Cit., p. 472.

<sup>241</sup>Cirilo de Jerusalém ensina a importância da oração aos defuntos na eucaristia: Quero persuadir-vos com um exemplo. Sei que muitos dizem: que aproveita à alma que parte deste mundo com faltas ou sem elas, ser eventualmente mencionada na oferenda eucarística? Vejamos: se acaso um rei banir os que se revoltaram contra ele e, em seguida, os seus companheiros, tecendo uma coroa, a ofereceram ao rei em favor dos condenados, não é verdade lhes concederá o perdão do castigo? Do mesmo modo também nós, oferecendo orações a Deus pelos defuntos, mesmo pecadores, não lhe tecemos uma coroa, mas oferecemos-lhes Cristo Imolado pelos nossos pecados, procurando conciliar a clemência de Deus em favor do deles. CIRILO DE JERUSALEM. *Quinta catequese mistagógica*. p. 562.

<sup>242</sup>Cf. TABORDA, Francisco. Op Cit., p. 106.

<sup>243</sup>Cf. IGMR 79.

adormeceram no Cristo, concedei a felicidade, a luz e a paz. (Por Cristo, Senhor nosso. Amém)<sup>244</sup>.

Há, também, uma segunda comemoração dos santos, os apóstolos, fora do grupo dos doze, João Batista (o precursor) e em especial os mártires, que eram tidos como as grandes testemunhas do Cristo, porque deram seu sangue em nome da fé que professavam<sup>245</sup>.

E a todos nós pecadores, que confiamos na vossa imensa misericórdia, concedei, não por nossos méritos, mas por vossa bondade, o convívio dos Apóstolos e Mártires: João Batista e Estêvão, Matias e Barnabé, (Inácio, Alexandre, Marcelino e Pedro; Felicidade e Perpétua, Águeda e Luzia, Inês, Cecília, Anastácia) e todos os vossos santos. Por Cristo, Senhor nosso<sup>246</sup>.

Por fim, há a doxologia, que exprime uma glorificação a Deus, na qual se explicita a doação de Deus por cada pessoa, em Jesus Cristo, pela ação do Espírito Santo (não omitindo uma teologia e ação do Espírito) nas pessoas; então, é confirmado pelo “amém” tudo o que foi rezado e aclamado pela assembleia como gesto de fé<sup>247</sup>.

Por ele não cessais de criar e santificar estes bens e distribuí-los entre nós. Por Cristo, com Cristo, em Cristo, a vós, Deus Pai todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória, agora e para sempre. Amém<sup>248</sup>.

A análise da oração eucarística I, a qual também serve de base para as demais orações eucarísticas, permite perceber a riqueza teológica no que diz respeito ao sacrifício de Cristo e à oferta da vida.

### **3.4 Oração Eucarística IV**

A oração eucarística IV “é a oração que mais deixa transparecer as raízes da tradição litúrgica cristã”<sup>249</sup>. Dessa forma, é possível afirmar, que a oração é uma síntese de toda história da salvação.

<sup>244</sup>RITUAL ROMANO. *Missal*. p. 474-475.

<sup>245</sup>Cf. ALDAZÁBAL, J. *A eucaristia*. p. 257.

<sup>246</sup>RITUAL ROMANO. Op Cit., p. 475-476.

<sup>247</sup>IGMR 79.

<sup>248</sup>RITUAL ROMANO. Op Cit., p. 476.

<sup>249</sup>GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. *Eukharistia* verdade e caminho da Igreja. p. 216.

É uma longa bênção ou ação de graças através da memória-proclamação da realização histórica do plano de Deus da salvação que tem sua origem no ato da criação. Louva-se a Deus: 1) por Si mesmo, 2) pela criação, 3) pelos começos da salvação, 4) pela missão do salvador, Jesus Cristo, 5) pela missão do Espírito à Igreja<sup>250</sup>.

A manifestação trinitária, expressa na Oração IV, é um modo de sacrifício de Deus, quando diz respeito a entrega de si, por amor, ao seres humanos; uma síntese do amor de Deus Pai<sup>251</sup>, manifestado na história, revelado e plenificado em Jesus Cristo e mantido atualizado através do Espírito Santo que santifica os seres humanos<sup>252</sup>.

No prefácio da oração IV o tema central é a luz<sup>253</sup>, que mesmo sendo inacessível quis se manifestar na criação para as criaturas. Assim, Deus tem o louvor por se permitir conhecer. Outra característica do prefácio é ser fixo porque possui uma característica própria do mistério cristão sendo explanado que se trocado provocará rompimento com a sequência oracional de memória, presente na história da salvação contida nele<sup>254</sup>.

Percebe-se no prefácio o impulso de louvor e ação de graças em três momentos: primeiramente no que diz respeito ao mistério de Deus em sua doação/transcendência; em segundo lugar o louvor pelas coisas criadas, pela obra da criação em si e em terceiro uma resposta de todo ser criado que é caracterizada no convite da oração do *sanctus*<sup>255</sup>.

NA VERDADE, ó Pai, é nosso dever dar-vos graças, é nossa salvação dar-vos glória: só vós sois o Deus vivo e verdadeiro que existis antes de todo o tempo e permanecéis para sempre, habitando em luz inacessível. Mas, porque sois o Deus de bondade e a fonte da vida, fizestes todas as coisas para cobrir de bênçãos as vossas criaturas e a muitos alegrar com a vossa luz. Eis, pois, diante de vós todos os anjos que vos servem e glorificam sem cessar, contemplando a vossa glória. Com eles, também nós, e, por nossa voz, tudo o que criastes, celebramos o vosso nome, cantando (dizendo) a uma só voz:<sup>256</sup>

<sup>250</sup>GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. *Eukharistia* verdade e caminho da Igreja. p. 216.

<sup>251</sup>Cf. FONTBONA, Jaume. *La cena del Señor, misterio de comunión*. p. 249.

<sup>252</sup>*Aparece claramente la obra de las tres personas divinas: el Padre ha creado todas las cosas con sabiduría y amor; y por amor ha dado a la humanidad entera a su Hijo, que se ha encarnado y ha llevado a cabo el designio del Padre destruyendo la muerte y dándonos nueva vida, es decir, vivir para Dios en la comunión del Espíritu; el cual santifica todas las cosas y lleva a la plenitud la obra de Cristo en el mundo. Ibid., p. 24.*

<sup>253</sup>GIRALDO, Cesare. *Num só corpo: tratado mistagógico sobre a eucaristia*. p.399.

<sup>254</sup>Cf. GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. *Op Cit.*, p. 216.

<sup>255</sup>Cf. ALDAZÁBAL, José. *A eucaristia*. p. 249.

<sup>256</sup>RITUAL ROMANO. *Missal*. p. 488.

A oração do Sanctus é sucedida por uma profunda narração da história da salvação, a qual primeiramente apresenta a dignidade do homem e da mulher criados à Imagem e Semelhança de Deus e sua missão confiada pelo criador<sup>257</sup>. Nela, de modo muito particular, o termo amizade é empregado para caracterizar a relação de Deus com o ser humano, pois mostra uma relação não de submissão, mas de proximidade e, inclusive, de afeto que acabou sendo perdida pelo próprio ser humano, mostrando as várias etapas da relação do ser humano com Deus<sup>258</sup>.

NÓS PROCLAMAMOS a vossa grandeza, Pai Santo, a sabedoria e o amor com que fizestes todas as coisas: criastes o homem e a mulher à vossa imagem e lhes confiastes todo o universo, para que, servindo a vós, seu Criador, dominassem toda criatura. E quando pela desobediência perderam a vossa amizade, não os abandonastes ao poder da morte, mas a todos socorrestes com bondade, para que, ao procurar-vos, vos pudessem encontrar. E, AINDA mais, oferecestes muitas vezes aliança aos homens e às mulheres e os instruístes pelos profetas na esperança da salvação<sup>259</sup>.

Necessário se faz apontar a existência de um momento de transição de tradições veterotestamentárias para a neotestamentária<sup>260</sup> porque após apresentar as tentativas de Deus de refazer a aliança com o Povo, passando pelos profetas, é apresentado um viés cristológico-pneumatológico<sup>261</sup> que vai da encarnação, passa por pentecostes e termina na santificação realizada pelo Espírito, demonstrando a vontade de Deus de fazer a aliança com os seres humanos<sup>262</sup>.

E de tal modo, Pai Santo, amastes o mundo que, chegada a plenitude dos tempos, nos enviastes vosso próprio Filho para ser o nosso Salvador. Verdadeiro homem, concebido do Espírito Santo e nascido da Virgem Maria, viveu em tudo a condição humana, menos o pecado, anunciou aos pobres a salvação, aos oprimidos, a liberdade, aos tristes, a alegria. E para realizar o vosso plano de amor, entregou-se à morte e, ressuscitando dos mortos, venceu a morte e renovou a vida. E, a fim de não mais vivermos para nós, mas para ele, que por nós morreu e ressuscitou, enviou de vós, ó Pai, o Espírito Santo, como primeiro dom aos vossos fiéis para santificar todas as coisas, levando à plenitude a sua obra<sup>263</sup>.

Necessário apontar, também, que a primeira *epiclese* tem o tema na unidade expreso porque convida para celebrar o mistério, remetendo à dinâmica de

<sup>257</sup>Cf. GIRALDO, Cesare. *Num só corpo*: tratado mistagógico sobre a eucaristia. p.399.

<sup>258</sup> Cf. ALDAZÁBAL, José. *A eucaristia*. p. 251.

<sup>259</sup>RITUAL ROMANO. *Missal*. pp.488

<sup>260</sup>GIRALDO, Cesare. *Op Cit.*, p.400.

<sup>261</sup>Cf. *Id.*

<sup>262</sup>Cf. Cf. ALDAZÁBAL, José. *Op Cit.*, p. 251.

<sup>263</sup>RITUAL ROMANO. *Op Cit.*, p.490.

celebração dos primórdios do cristianismo, na qual a comunidade se reunia para celebrar a Eucaristia como sacramento da comunhão que infelizmente desapareceu durante a Idade Média uma vez que, na tentativa de salvaguardar a eucaristia, na verdade, acabou criando um culto individual, de divisão em vez de comunhão<sup>264</sup>.

POR ISSO, nós vos pedimos que o mesmo Espírito Santo santifique estas oferendas, a fim de que se tornem o Corpo e † o Sangue de Jesus Cristo, vosso Filho e Senhor nosso, para celebrarmos este grande mistério que ele nos deixou em sinal da eterna aliança<sup>265</sup>.

O relato da instituição, por sua vez, na sua introdução, possui um viés joanino (Cf. Jo 13,1-2). Após a narração da ceia apresenta uma anamnese<sup>266</sup> que mostra a oferta que se fez do pão e do vinho para realização do sacrifício eucarístico de Jesus Cristo, assim, cada fiel participa dessa oferta, como dom de si para os outros<sup>267</sup>.

Quando, pois, chegou a hora, em que por vós, ó Pai, ia ser glorificado, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim. Enquanto ceavam, ele tomou o pão, deu graças, e o partiu e deu a seus discípulos, dizendo: TOMAI, TODOS, E COMEI: ISTO É O MEU CORPO, QUE SERÁ ENTREGUE POR VÓS. Do mesmo modo, ele tomou em suas mãos o cálice com vinho, deu graças novamente, e o deu a seus discípulos, dizendo: TOMAI, TODOS, E BEBEI: ESTE É O CÁLICE DO MEU SANGUE, O SANGUE DA NOVA E ETERNA ALIANÇA, QUE SERÁ DERRAMADO POR VÓS E POR TODOS PARA REMISSÃO DOS PECADOS. FAZEI ISTO EM MEMÓRIA DE MIM. Eis o mistério da fé!. Celebrando, agora, ó Pai, a memória da nossa redenção, anunciamos a morte de Cristo e sua descida entre os mortos, proclamamos a sua ressurreição e ascensão à vossa direita, e, esperando a sua vinda gloriosa, nós vos oferecemos o seu Corpo e Sangue, sacrifício do vosso agrado e salvação do mundo inteiro<sup>268</sup>.

Assim, como na primeira epiclese, a segunda mantém o tema da unidade e da comunhão, como intuito provável do papa Paulo VI<sup>269</sup> de fazer que o sacramento da Eucaristia recuperasse seu sentido teológico-litúrgico como o sacramento da unidade.

<sup>264</sup>Cf. FONTBONA, Jaume. *La cena del Señor, misterio de comunión*. p. 250.

<sup>265</sup>RITUAL ROMANO. *Missal*. p. 490

<sup>266</sup>[...] *desarrollan en tres tempos: un elemento de transición que une la anamnesis al mandamiento; la enumeración de los misterios de Cristo; y la ofrenda al Padre de los dones. El memorial tiende a la ofrenda y la ofrenda procede del memorial. Hay un profundo vínculo entre el proceso admirativo y el proceso imitativo que expresa nuestro seguimiento de Cristo en su entrega.* FONTBONA, Jaume. *Op Cit.*, p. 251.

<sup>267</sup>Cf. Cf. GIRALDO, Cesare. *Num só corpo: tratado mistagógico sobre a eucaristia*. p. 400.

<sup>268</sup>RITUAL ROMANO. *Op Cit.*, pp.491-492.

<sup>269</sup>Cf. FONTBONA, Jaume. *La cena del Señor, misterio de comunión*. pp. 250-251.

OLHAI, com bondade, o sacrifício que destes à vossa Igreja e concedei aos que vamos participar do mesmo pão e do mesmo cálice que, reunidos pelo Espírito Santo num só corpo, nos tornemos em Cristo um sacrifício vivo para o louvor da vossa glória<sup>270</sup>.

A Oração Eucarística IV segue a estrutura de intercessões: primeiramente pelos membros da hierarquia, por todos os ministros e por todos os fiéis para mostrar o sentido de unidade e comunhão entre todos os membros da Igreja como um todo<sup>271</sup> (Igreja Universal). Após se tem o cuidado e a lembrança dos mortos e, por último, a intercessão da Igreja militante a Igreja celeste.

Observa-se que a dinâmica de oferta continua. Embora seja a oferta do sacrifício eucarístico, assim, pode-se dizer que acontece a oferta da oferta ou de um sacrifício do próprio sacrifício, não de forma que aconteça outro sacrifício de Cristo, mas como desdobramentos dessa ação em que as pessoas colhem os frutos do sacrifício pela oferta que faz de si.

E AGORA, ó Pai, lembrai-vos de todos pelos quais vos oferecemos este sacrifício: o vosso servo o Papa Francisco, os bispos do mundo inteiro, os presbíteros e todos os ministros, os fiéis que, em torno deste altar, vos oferecem este sacrifício, o povo que vos pertence e todos aqueles que vos procuram de coração sincero. Lembrai-vos também dos que morreram na paz do vosso Cristo e de todos os mortos dos quais só vós conhecestes a fé. E a todos nós, vossos filhos e filhas, concedei, ó Pai de bondade, que, com a Virgem Maria, Mãe de Deus, com os Apóstolos e todos os Santos, possamos alcançar a herança eterna no vosso reino, onde, com todas as criaturas, libertas da corrupção do pecado e da morte, vos glorificaremos por Cristo, Senhor nosso<sup>272</sup>.

Na doxologia final, cabe a mesma reflexão feita na Oração Eucarística I, pois com a reforma litúrgica, manteve-se a mesma doxologia para todas as orações eucarísticas para que não houvesse problemas teológicos ou de interpretação sobre o seu fim e sentido<sup>273</sup>.

Por ele dais ao mundo todo bem e toda graça! POR CRISTO, com Cristo, em Cristo, a vós, Deus Pai Todo-Poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória, agora e para sempre. Amém!<sup>274</sup>

<sup>270</sup>RITUAL ROMANO. *Missal*. p. 492.

<sup>271</sup>Cf. ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. p. 277.

<sup>272</sup>RITUAL ROMANO. Op Cit., pp. 493-494.

<sup>273</sup>Cf. GIRALDO, Cesare. *Num só corpo*: tratado mistagógico sobre a eucaristia. p. 393.

<sup>274</sup>RITUAL ROMANO. Op Cit., p.494.

A Oração Eucarística IV possui um estilo bíblico, que mesmo sendo de forma implícita faz grandes alusões a Sagrada Escritura, expressões bíblicas<sup>275</sup>. Os temas centrais de tal oração são:

O amor de Deus pela humanidade, a centralidade do ser humano no mundo como intérprete de louvor a Deus de toda a criação, o sentido universal e cósmico da salvação, o Mistério Pascal como fonte de renovação libertadora de tudo quanto existe, através do mistério eucarístico, presença sacramental, do Mistério da páscoa de Cristo<sup>276</sup>.

As análises das anáforas e orações eucarísticas, mesmo aparentando um caráter repetitivo, mostram que a Eucaristia possui um caráter sacrificial que não pode ser menosprezado, simplesmente esquecido ou considerado como algo absurdo. A questão que foi esplanada nesse capítulo é de que houve um sacrifício com sangue (cruento), realizado por Jesus Cristo, mas que toda a sua vida foi uma oferta ao Pai. Assim, deve ser considerada como sacrifício. Portanto, pode-se entender qual o tipo de sacrifício, que as pessoas devem realizar na vida.

A seguir se analisará os desdobramentos dessa noção de sacrifício na vida eclesial, comunitária e social e, de como ocorreu a banalização e se tornou instrumento de alienação ou de submissão a imagem de um “deus” alheio ao que foi revelado pelo Cristo.

---

<sup>275</sup>Cf. GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. *Eukharistia* verdade e caminho da Igreja. p. 216.

<sup>276</sup>Id.

## CAPÍTULO III

### COMO VIVER HOJE O SACRIFÍCIO EUCARÍSTICO

O ser humano, criado à Imagem e Semelhança de Deus, tem uma necessidade intrínseca de relação com o Criador. No entanto, não é uma relação de pura submissão; é uma relação de amor, que exige fé. Porém vivemos num contexto adverso em que vivencia integral da fé está praticamente descartada.

Muitos abandonam silenciosamente sua fé em Deus, sendo secularizados antes que eles próprios percebam; outros não se sujeitam tão facilmente à pressão social de dentro e fora; e outros ainda começam a “resgatar” com sua fé: abandonam certas práticas de fé e conservam outras<sup>277</sup>.

Com a eleição de Israel, o povo se relaciona com o Deus libertador, que pede lealdade e afastamento dos deuses que escravizam. A aliança é o momento decisivo na história da revelação. Como já foi mencionado no primeiro capítulo, o grande marco foi a libertação do Egito, e o ápice é Jesus Cristo, que revelou a proximidade de Deus, a ponto de podermos chamá-lo de Pai.

Agostinho, nas Confissões, relata que a busca de sentido levou-o a experimentar várias situações até perceber que Deus é a fonte e o fundamento da vida, pois o coração só terá descanso quando repousar n’Ele<sup>278</sup>. Entretanto, essa busca de sentido pode ser hoje ofuscada pela secularização e pelo relativismo.

Esquece-se que essa pluralidade de opções possíveis tornou-se também qualificação interna de sua própria convicção de vida [...] A convicção interior da pessoa é, enquanto confirmação, tão forte como antes, mas, quanto à natureza, mais modesta e reservada nesse sentido de certa forma “relativizada”: o crente moderno sabe que existe também em outras convicções de vida<sup>279</sup>.

Importante lembrar que é Deus que se permite conhecer - a revelação e todo o seu processo - é iniciativa divina. Assim, se tem o que seria a revelação natural, ou seja, aquilo que a natureza humana é capaz de conhecer por meio de sua capacidade intelectual.

---

<sup>277</sup>SCHILLEBEECKX, Edward. *História humana: Revelação de Deus*. p. 77.

<sup>278</sup>Cf. AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 55.

<sup>279</sup>SCHILLEBEECKX, Edward. *Op Cit.*, p. 76.

Não se pode deixar de lado a revelação sobrenatural ou transcendente, à qual se chega, pela fé, porque não está adstrita à lógica da razão. Infelizmente “a consciência moderna também fez os homens pobres de experiência”<sup>280</sup> da busca pelo contato com Deus e na percepção dos “sinais divinos”. Para tanto é necessário um processo de amadurecimento na fé.

## 1. Amor e sociedade Líquida

Para compreender a situação atual, Zygmunt Bauman<sup>281</sup> ajuda a refletir sobre a crise da impotência humana diante das próprias ambições<sup>282</sup>. Por causa da má distribuição de renda e das riquezas, ocorre a concentração da economia e de seu poderio nas mãos de determinados grupos. Dessa forma, há a exclusão do restante da população mundial, que muitas vezes luta e se sacrifica para sobreviver.

O Gênero humano encontra-se hoje em uma fase nova de sua história, na qual mudanças profundas e rápidas estendem-se progressivamente ao universo inteiro [...] já podemos falar então de uma verdadeira transformação social e cultural, que repercute na própria vida religiosa. Como acontece em qualquer crise de crescimento, essa transformação acarreta sérias dificuldades. Assim, enquanto o homem estende tão amplamente o seu poder, contudo nem sempre consegue submetê-lo a seu serviço<sup>283</sup>.

Bauman apresenta uma sociedade na qual aquilo que era sólido<sup>284</sup> foi sendo substituído por aquilo que é líquido<sup>285</sup>. As pessoas são inseridas numa sociedade do provisório e do imediato, assim, não se leva em consideração às relações humanas. Só interessa o que pode satisfazer imediatamente, e, se

<sup>280</sup>SCHILLEBEECKX, Edward. *História humana: Revelação de Deus*. p. 78.

<sup>281</sup>Sociólogo polonês, iniciou a sua carreira na Universidade de Varsóvia, onde ocupou a cátedra de sociologia geral. Teve artigos e livros censurados e em 1968 foi afastado da universidade. Logo em seguida emigrou para a Polônia, reconstruindo sua vida no Canadá, Estados Unidos e Austrália, até chegar na Grã-Bretanha, onde em 1971 se tornou professor titular de sociologia na universidade de Leeds, cargo que ocupou por 20 anos. Foi o formulador da teoria de “modernidade líquida” e “tempos líquidos” que iremos abordar nesse tópico.

<sup>282</sup>Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Vidas para consumo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. pp. 18-23.

<sup>283</sup>CONSTITUIÇÃO. *Gaudium et Spes sobre A Igreja no Mundo De Hoje*. In: CONCÍLIO VATICANO II. 1962-1965. São Paulo: Vozes, 1998. GS 4.

<sup>284</sup>Segundo o pensamento de Bauman sólido é aquilo não sofre fluxo, não pode ser distorcido e tem sempre a capacidade de voltar a formar original. Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 7.

<sup>285</sup>Os líquidos não conseguem manter a sua forma com facilidade e sempre se adaptam as situações independente das circunstâncias e fins para se chegar as metas que se desejam alcançar. Cf. *Ibid.*, p. 8.

necessário for, se invertem até mesmo valores para conseguir conquistar isso. É o jogo do vale-tudo.

Os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas “por um momento”. Em certo sentido, os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é que importa. Ao descrever os sólidos, podemos ignorar inteiramente o tempo; ao descrever os fluidos, deixar o tempo de fora é um grave erro. Descrições de líquidos são fotos instantâneas, que precisam ser datadas. [...] Do encontro com sólidos emergem intactos, enquanto os sólidos que encontraram, se permanecem sólidos, que encontram, se permanecem sólidos, são alterados [...] Associamos a inconstância<sup>286</sup>.

O capitalismo com suas ideias totalitárias incute no indivíduo o desejo de consumir. As pessoas detentoras do poder econômico pensam e agem para dominar e controlar os consumidores, ditando regras para nortear os dominados. Portanto, o homem vai perdendo sua individualidade e acaba se tornando mais individualista, chegando a negar o humanismo que o ser humano tanto buscou, transformando-se em escravo daquilo que gerou, assim, aquilo que é sólido é posto de lado para dar lugar ao líquido, ao passageiro<sup>287</sup>.

Uso aqui a expressão “modernidade líquida” para denominar o formato atual da condição moderna, descrita por outros autores como “pós-modernidade”, “modernidade tardia”, “segunda modernidade” ou “hipermodernidade”. O que torna “líquida” a modernidade, e assim justifica a escolha do nome, é sua “modernização” compulsiva e obsessiva, capaz de impulsionar e intensificar a si mesma, em consequência do que, como ocorre com os líquidos, nenhuma das formas consecutivas de vida social é capaz de manter seu aspecto por muito tempo<sup>288</sup>.

O ser humano quando se torna brinquedo de suas próprias obras e brinquedo de si mesmo acaba negando sua própria humanidade, que é a base da felicidade. Nesse contexto, pessoas que não possuem condições para consumir devem ser excluídas, os quais se tornam uma ameaça, um perigo para si e para os outros<sup>289</sup>.

As relações humanas estão sujeitas a uma espécie de flexibilidade decorrente da fragilidade tão em voga. Por isso não estão sendo construídas para durar, mas para se desfazer tão logo mudem os focos de interesse. Em consequência

<sup>286</sup>BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. pp. 8-9.

<sup>287</sup>Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Vidas para consumo*. p. 40-43.

<sup>288</sup>BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 8.

<sup>289</sup>Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.p. 128.

o ser humano torna-se desvinculado e especialmente sem algum tipo de compromisso com o outro. Mas quem não possui vínculo com o próximo é norteado pelo medo e pela insegurança, que geram um sentimento de desconfiança e de infelicidade<sup>290</sup>. É um golpe contra a pessoa.

Em suma, as relações do homem com seus semelhantes multiplicam-se continuamente. E ao mesmo tempo a própria socialização introduz novas relações, sem contudo, promover sempre em pleno desenvolvimento da pessoa e de relações realmente pessoais, isto é, a personalização<sup>291</sup>.

No auge do desenvolvimento da razão, tanto o discurso quanto a prática humanista não foram capazes de evitar que o indivíduo se tornasse um objeto nas mãos do capitalismo. Isso, como já dissemos, pôde ser visto nas guerras e na busca pelo progresso econômico e material. Na valorização da razão, o que parecia impossível se efetivou. O homem, buscando o controle da natureza, da sociedade, e de si mesmo, acabou se enclausurando no seu próprio ego. O século XX não foi capaz de cumprir a promessa de melhoria de condição para todos e chegou a transformar o outro num “não ser”.

Se os desastres morais de nossa época fogem as explicações em termos de motivos e propósitos é graças [...] a capacidade de ação e engenhosidade modernos em sua luta contra a interferência das intenções humanas, notoriamente caprichosas, no grande projeto de um mundo disciplinado, ditado pela razão, que se deseja imune a todas as pressões capazes de conduzir ao desequilíbrio. Essa guerra tinha de ser travada, explicitamente ou não, contra a mesmíssima agência humana autônoma que estava para emergir, aparentemente reforçada, de suas transformações modernas<sup>292</sup>.

O anti-humanismo dos tempos atuais fica evidente no momento em que a racionalidade afirma que o desenvolvimento técnico-científico é a chave para a melhoria de vida. O Ser humano acabou tornando-se escravo daquilo que produziu. O pretense caminho para a racionalidade conduziu ao desejo desenfreado de dominação e alimentou um estado de guerra constante.

Planejar e construir novas e sólidas estruturas que determinariam um novo ritmo de vida dariam forma à massa momentaneamente “amorfa”, já libertada dos grilhões da tradição, mas ainda não acostumada à nova rotina e ao novo regime disciplinar; em outras

---

<sup>290</sup>Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. p. 86.

<sup>291</sup>GS 6.

<sup>292</sup>BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. p. 114.

palavras, introduzir uma “ordem social”, ou mais precisamente, “colocar a sociedade em ordem”<sup>293</sup>.

A relação com o outro acabou sendo deixada de lado. O processo de racionalização e secularização acabou produzindo uma barbárie mascarada por um falso humanismo, muito presente atualmente, embora que despercebido. O ser humano, preso em si mesmo e submisso à sociedade que visa principalmente o crescimento econômico e faz dele uma mercadoria, se deparou com uma situação de angústia que faz com que ele se esqueça do que realmente é ser – humano. Assim, o que é fugaz ganha destaque e a lealdade é posta em cheque.

Para se livrar do embaraço de ser deixado para trás, de ficar preso a algo com o qual ninguém mais quer ser visto, de ser pego cochilando e de perder o trem do progresso em vez de viajar, deve-se ter em mente que é da natureza das coisas exigir vigilância e não lealdade. No mundo líquido-moderno, a lealdade é motivo de vergonha e não de orgulho<sup>294</sup>.

O ser humano contemporâneo está fechado em sua totalidade, no seu Eu, pensando apenas em si mesmo e buscando um sentido para sua existência. Mas qual é esse sentido? Por que busca a realização na sua existência e não a encontra? Está pensando em si ou ele está buscando se firmar no outro quando faz do outro um objeto?

Em pleno século XX e início do século XXI o ser humano que poderia já ter alcançado índices sustentáveis de sobrevivência, acabou em meio a uma inversão de valores. Tornou-se objeto, mercadoria; não se contentou apenas em fechar-se em si mesmo, mas foi em encontro do outro, tornando-o um rival, para poder tirá-lo de seu caminho e assim, buscar a sua auto-afirmação reduzindo o outro a nada.

A sociedade, ao se deparar com aqueles que não concordam com o modo como o outro é tratado, tenta, de várias maneiras, dominar esses que vão contra o pensamento vigente. Com o passar do tempo percebem que aquele que tenta dominar torna-se dominado e, ao adquirirem essa consciência, o retorno à humanidade acontece.

Se a burocracia da era sólido-moderna “adioforizava” ativamente os efeitos moralmente impactantes das ações humanas, a tecnologia

---

<sup>293</sup>BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. p. 53.

<sup>294</sup>BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 17.

emancipada de nossos tempos líquido-modernos obtém efeitos similares por meio de uma “tranquilidade ética” de tudo<sup>295</sup>.

O indivíduo contemporâneo é um ser que impõe a si mesmo desejos e exigências, antes deixadas de lado, oscilando de acordo com o grupo que está inserido. E sua subjetividade acaba sendo superficial. Portanto, o homem contemporâneo perdeu-se em si mesmo, entregou-se sem reservas a ideias totalitárias, assim, o totalitarismo experimentado no decorrer dos séculos, nas guerras, por exemplo, evoluiu e atacou de uma maneira mais “sutil” e sucinta. Pensou-se que cada ser humano poderia ser livre e autônomo, porém seu individualismo e egoísmo alcançaram proporções gigantescas, tornando-se instrumento de uma civilização bárbara e cruel por um medo imposto a sociedade.

Os medos nos estimulam a assumir uma ação defensiva. Quando isso ocorre, a ação defensiva confere proximidade e tangibilidade ao medo. São nossas respostas que reclassificam as premonições sombrias como realidade diária, dando corpo à palavra. O medo agora se estabeleceu, saturando nossas rotinas cotidianas; praticamente não precisa de outros estímulos exteriores, já que as ações que estimula, dia após dia, fornecem toda a motivação e toda energia de que ele necessita para se reproduzir. Entre os mecanismos que buscam aproximar-se do modelo dos sonhos do moto-perpétuo, a auto-produção do emaranhado do medo e das ações inspiradas por esse sentimento está perto de reclamar uma posição de destaque<sup>296</sup>.

Esse caos é instaurado pela questão de se buscar um amor-próprio, contrário à necessidade intrínseca do ser humano, que é de amar e ser amado. Tal necessidade não se desenvolve porque se exige profundidade nas relações, ou seja, marcar a vida das pessoas. Hoje sinceridade se confunde com falta de educação e de humilhação aos outros.

Interessante como hoje a proximidade não exige mais contato físico, o olho no olho, porque nas redes sociais a pessoa se contenta com aquilo que é virtual e pode mostrar algo de si que não é verdadeiro, simplesmente para agradar as pessoas ou porque não se aceita como é, assim, as redes sociais se tornam uma “terra de ninguém” em que as pessoas falam o que querem, criticam umas às outras, muitas vezes, sem fundamento algum e sim pelo prazer de se chamar a atenção,

---

<sup>295</sup>BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*. p. 118.

<sup>296</sup>BAUMAN, Zygmunt. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 15.

prejudicando os outros e sem se preocupar com isso, assim, se perdeu a identidade das relações<sup>297</sup>.

Atualmente, é mais difícil esconder essa verdade do que no início da era moderna. As forças mais determinadas a ocultá-la perderam o interesse, retiraram-se do campo de batalha e estão contentes com a tarefa de encontrar ou construir uma identidade para nós, homens e mulheres, individual ou separadamente, e não conjuntamente. A fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem ser mais ocultadas<sup>298</sup>.

Além disso, uma proximidade física não diz que há algum tipo de proximidade, pois as pessoas estão esquizofrênicas, no que diz respeito às relações, o que importa é demonstrar que está tudo bem e esconder o que realmente pensa ou o que está sentindo.

Bauman mostra o quanto o amor está se “misturando” ao desejo. Primeiramente o amor está numa relação com a vontade de possuir, não possuir de forma mesquinha e egoísta, mas de cuidar e assumir responsabilidades. Já o desejo se relaciona com o desejo de consumo, então, se esqueceu dessa realidade do amor que tange uma responsabilidade e se substituiu com por desejo que visa mais um prazer e satisfação pessoal do que algum tipo de cuidado<sup>299</sup>.

O desaparecimento dessa noção significa, inevitavelmente, a facilidade dos testes pelos quais uma experiência deve passar para ser chamada de ‘amor’. Em vez de haver mais pessoas atingindo mais vezes os elevados padrões de amor, esses padrões foram baixados. Como resultado, o conjunto de experiências às quais nos referimos com a palavra expandiu-se muito. Noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome de ‘fazer amor’<sup>300</sup>.

A grande preocupação do homem contemporâneo, além de buscar seus próprios interesses, é a de possuir mais dinheiro para poder consumir, alicerçando cada vez mais o sistema capitalista e obedecendo às leis do proprietário e do mercado. No espaço acadêmico, o consumismo é um dos assuntos mais discutidos e abordados, mas infelizmente prevalece o mesmo e velho discurso a favor do consumismo, que seduz e traz a ilusão de que quem consome é feliz e torna a vida das pessoas mais fácil e mais confortável<sup>301</sup>.

<sup>297</sup>Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 12.

<sup>298</sup>BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. p. 22.

<sup>299</sup>Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. pp. 23-25.

<sup>300</sup>Ibid., p. 19.

<sup>301</sup>Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*. p. 97.

Nesse dinamismo, pode-se apontar caminhos para superação desse consumismo, individualismo e egoísmo que assolam a humanidade tendo como meta o desenvolvimento da pessoa em sua totalidade e valorização do outro.

Em todo amor há pelo menos dois seres, cada qual a grande incógnita na equação do outro é isso que faz o amor parecer capricho do destino – aquele futuro misterioso, impossível de ser descrito antecipadamente, que deve ser realizado ou protelado, acelerado ou interrompido. Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo num amálgama irreversível. Abrir-se ao destino significa, em última instância, admitir a liberdade do ser: aquela liberdade que se incorpora ao Outro, o companheiro no amor<sup>302</sup>.

A sociedade, na qual se vive hoje, torna as pessoas consumidoras representando um conjunto simbólico de condições existenciais. Cada indivíduo cria uma expectativa de que a maioria dos homens e mulheres venha a abraçar a cultura consumista em vez de qualquer outra, e de que a maior parte do tempo obedece aos preceitos delas com máxima dedicação.

No contexto mediático ou midiático em que se vive, no qual as pessoas querem as coisas prontas, o consumismo apresenta-se como algo supremo a ser alcançado para poder chegar à felicidade.

Na liturgia a questão de midiático é algo muito presente e pertinente. Entretanto, se se usam categorias como “valorização da cultura” e “adaptação” para satisfazer um desejo pessoal e até mesmo fazer “curvar” toda uma tradição em nome de uma adaptação naquilo que é celebrado que, quase sempre, é para chamar atenção e vender o que se celebra porque quanto mais gente, mais se arrecada e quanto mais se arrecada mais se pode ter e fazer em nome de uma evangelização fictícia que na verdade tornou mais um viés líquido em vez de sólido.

A sociedade de consumo tem por premissa satisfazer os desejos humanos de uma forma que nenhuma sociedade do passado pôde realizar ou sonhar. A promessa da satisfação, no entanto, só permanecerá sedutora enquanto o desejo continuar irrealizado; o que é mais importante, enquanto houver uma suspeita de que o desejo não foi plena e totalmente satisfeito<sup>303</sup>.

Chega-se a um ponto chave para a saída desse processo que degrada o ser humano, que quer tornar-se outra pessoa para serem diferente, mas não

---

<sup>302</sup>BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*. p. 21.

<sup>303</sup>BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. p. 105.

consegue. O “outro” que as pessoas buscam é o mesmo que elas tentam dominar, é o mesmo no qual tentam colocar rédeas, porque é o diferente, é o que foge ao controle delas, é epifania, é mistério.

Dessa maneira, as celebrações não visam a experiência do Mistério. O Mistério não é valorizado, por exemplo, em missas consideradas “show”, porque o que se tem nada mais é do que, por um lado dar uma satisfação pessoal e, por outro, fazer que a pessoa continue vazia interiormente, privando-a do sentido da sua existência e não permitindo que amadureça e aprenda a caminhar por si. Assim se promove um infantilismo em vez de um amadurecimento que coloque a pessoa responsável por si e pelos demais.

[...] um mundo em que a solidariedade, a compaixão, a troca, a ajuda e a simpatia mútuas (noções estranhas ao pensamento econômico e abominadas pela prática econômica) suspendem ou afastam a escolha racional e a busca do auto interesse. Um mundo cujos habitantes não são nem concorrentes nem objetos de uso e de consumo, mas colegas (ajudantes e ajudados) no esforço contínuo e interminável de construir vidas compartilhadas e torná-las possíveis<sup>304</sup>.

O mundo da compaixão e da solidariedade é estranho à frieza econômica que rege a cultura do consumismo. Tal mundo, apontado por Bauman, também é vislumbrado pelos cristãos e pela boa-nova de Cristo. Para isso precisa-se reconhecer os erros e buscar em exemplos concretos a mudança necessária a partir da própria pessoa. Dignidade e consumismo não se encontram, pois cidadão agora é aquele que consegue consumir os produtos disponíveis pelo mercado, mesmo que não sejam necessários para sua sobrevivência<sup>305</sup>.

Os jovens vivem à mercê das “marcas” que usam<sup>306</sup>, para serem inseridos no meio social. Aqui o que importa é a marca da roupa que se veste e o tênis da moda. Caso contrário, o jovem não será aceito no grupo de amigos que o circunda. Onde fica a personalidade e o caráter irrenunciável da pessoa?

Até mesmo no ambiente religioso se percebe esse mercado, deixando o seguimento de Jesus para o segundo plano.

Contudo, esse mercado consumista vive um grande paradoxo, pois necessita de consumidores e gera multidões de excluídos do consumo. Por aí se vê que se trata de um consumo obsessivo e doentio.

---

<sup>304</sup>BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido*. p. 91.

<sup>305</sup>Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Vidas para consumo*. pp. 107-108.

<sup>306</sup>Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Tempos Líquidos*. pp. 11-12.

Esse processo obsessivo de consumo gera uma violência sem precedentes, na qual o homem sonha em se tornar um “objeto” digno de ser amado num processo de coisificação da existência. A única saída para esse caos é a relação de amor próprio e manifestação desse amor nas relações.

Pois o que amamos em nosso amor-próprio são os eus apropriados para serem amados. O que amamos é o estado, ou a esperança de sermos amados. De sermos objetos dignos de amor, de sermos reconhecidos como tais e recebermos a prova desse reconhecimento. Em suma: para termos amor-próprio, precisamos ser amados. A recusa do amor –a negação do status de objeto digno de ser amado– alimenta a auto aversão. O amor-próprio é construído a partir do amor que nos é oferecido por outros. Se na sua construção forem usados substitutos, eles devem parecer có- pias, embora fraudulentas, desse amor. Outros nos devem amar primeiro para que comecemos a amar a nós mesmo<sup>307</sup>.

O ser humano tem a chance de poder ir além, de sair de si mesmo e ir ao encontro do outro até chegar ao totalmente Outro. Mas para isso é necessário buscar uma alteridade verdadeira, com valores que norteiem a vida para o bem comum e para a transcendência. Portanto, a vivência cristã de sacrifício como doação de vida, amor como ágape e a fé o ajudará a superar essas consequências da modernidade líquida que está infiltrada, inclusive, no ambiente eclesial e em certa interpretação da mensagem evangélica.

## **2. Um amor exigente e comprometido**

O estudo acerca do amor de Deus como Ágape, já iniciado no capítulo I, pode também ser analisado de uma maneira mais concreta e profunda, no que diz respeito à vivência, por causa da fé em Jesus Cristo e do seguimento, com a consequente entrega, celebrada, de maneira especial, no Sacramento da Eucaristia.

Ao Deus que revela deve-se a “obediência na fé” [...] pelo qual o homem livremente se entrega todo a Deus prestando “ao Deus revelador um obséquio pleno do intelecto e da vontade” e dando voluntário assentimento à revelação feita por Ele. [...] A fim de tornar sempre mais profunda a compreensão da Revelação, o mesmo

---

<sup>307</sup>BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido*. p. 100.

Espírito Santo aperfeiçoa continuamente a fé por meio de Seus dons<sup>308</sup>.

Primeiramente “ágape” não é algo abstrato ou puramente sentimentalista, mas uma realidade ontológica constituinte do ser humano<sup>309</sup>. É justamente aí que o Batismo introduz<sup>310</sup>, cada fiel na vida eclesial, conformando a vida do crente à realidade ontológica do ágape.

[...] assim como Cristo, em cujo ser transborda a ágape, também os cristãos, ai se agregarem a Cristo, são igualmente tomados pela mesma ágape; e a recebem da fonte da qual Cristo recebeu: o Pai. O dado é, antes de tudo, elemento litúrgico, pois o momento pontual em que a ágape é derramada pela primeira vez em nossos corações, instalando-se na situação metafísica do amor, é o Batismo (cf. Rm 5,5). A partir dessa revolução ontológica, os cristãos podem senão realizar sua revolução moral, isto é, transformar radicalmente a existência [...] os batizados não devem ter outra vida senão aquela vivida no amor<sup>311</sup>.

A revolução ontológica é a condição para a revolução moral, que deve colocar o ser humano no patamar da consciência crítica. Entende-se que o ágape tem o poder de transformar a vida da pessoa e construir sua liberdade. Daí é que nasce o agir ético.

O agir ético tem seu impulso numa ‘espiritualidade’ que compreende duas dimensões: experiencial e transcendente. A experiência que faz ecoar um apelo ético é a que abre o ser humano para os outros e para o Outro [...] um abrir de olhos para o que não se via até então ou se via com outros olhos, um sacudir a existência humana e arrancá-la da rotina e do torpor<sup>312</sup>.

Não basta apenas ter o ágape como parte constituinte do ser; é necessário que haja expansão do amor de Deus no ser humano, de tal forma que provoque mudança no agir, levando em consideração a eternidade<sup>313</sup> presente já aqui e agora. Essa ação do ágape é para todos.

<sup>308</sup>CONSTITUIÇÃO *Dei Verbum* sobre A revelação divina. In: CONCÍLIO VATICANO II. 1962-1965. São Paulo: Vozes, 1998. DV 5.

<sup>309</sup>Cf. COSTA, Valeriano. *Noções teológicas de liturgia*. p. 29.

<sup>310</sup>L’amore divino deve essere l’único criterio per qualsiasi considerazione dell’amore umano. Quindi lá,ore è definito “dall’alto”. Inoltre, tutte e quattro le impostazione sono ulterioemente motivate da ciò che le vede opposte. Cioè il tentativo de ligittimare de forme umane dell’amore di sé e dell’altro. JEANROND, Werner G. *Teologia dell’amore*. p. 121.

<sup>311</sup>COSTA, Valeriano. Op Cit., pp. 29-30.

<sup>312</sup>TABORDA, Francisco. *Nas fontes da vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2012. p. 50.

<sup>313</sup>Amare Dio e il prossimo è un comandamento, um dovere, e solo se lo si riconosce come tale è amore teologicamente rilevante. Solo allora si apre el suo orrizzonte eterno. L’amore “che diventa dovere e sottostà alla mutazione dell’eternità non conosce gelosia; esso non ama per essere amato, ma ama”. Questo amore é independente e orientado verso l’eterno. JEANROND, Werner G. Op Cit., p. 124.

No serviço da caridade, há uma atitude que nos há de animar e caracterizar: devemos cuidar do outro enquanto pessoa confiada por Deus à nossa responsabilidade [...] o serviço da caridade a favor da vida deve ser profundamente unitário: não pode tolerar unilateralismos e discriminações, já que a vida humana é sagrada e inviolável em todas as suas fases e situações; é um bem indivisível. Trata-se de 'cuidar' da vida e da vida de todos. Ou melhor ainda e mais profundamente, trata-se de ir até às próprias raízes da vida e do amor<sup>314</sup>.

A responsabilidade de cuidar do outro não admite omissão. Essa omissão mostra que o amor fica apenas na superfície como uma teoria sem práxis, uma fé sem obras<sup>315</sup>.

Esta santidade da Igreja incessantemente manifesta-se e deve manifestar-se nos frutos da graça que o Espírito Santo produz nos fiéis. Ela se exprime multiformemente nos indivíduos que em sua vida tendem à perfeição da caridade, edificando assim os outros. E de modo todo peculiar esta santidade aparece na prática dos costumes chamados conselhos evangélicos. Esta prática dos conselhos abraçada por muitos cristãos sob o impulso do Espírito Santo, seja em forma particular, seja em condição ou estado sancionado na Igreja, dá e deve dar ao mundo um preclaro testemunho e exemplo dessa santidade<sup>316</sup>.

Assim sendo, o ágape ajuda na mudança de critérios de julgamento<sup>317</sup>, tendo como base a convivência fraterna entre irmãos que se favorecem mutuamente e não fecham os olhos às dificuldades alheias. O ágape favorece um olhar contemplativo e comprometido, chamando sempre a um senso de generosidade e responsabilidade<sup>318</sup>. Esse olhar mais contemplativo não permite que as pessoas caiam em desânimo, quando se deparam com um enfermo, marginalizado, atribulado, às portas da morte ou até mesmo diante de crimes. Desperta nelas o olhar caridoso que vê no rosto do outro a necessidade de cuidado e atenção. Assim se toma consciência da finitude<sup>319</sup>.

A primazia do ético que se quer abraçar incondicionalmente abriga uma hierarquia nos critérios de julgamento que não necessariamente coincide com a primazia usual na sociedade que se vive [...] Não basta ver e julgar a realidade numa espécie de esteticismo contemplativo.

---

<sup>314</sup>JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Evangelium Vitae*. São Paulo: Paulinas, 2005. EV 87.

<sup>315</sup>Cf. EV 87-88.

<sup>316</sup>LG 39.

<sup>317</sup>Cf. TABORDA, Francisco. *Nas fontes da vida cristã*. p.50.

<sup>318</sup>Cf. EV 83.

<sup>319</sup>Cf. EV 83-84.

Trata-se, em primeiro lugar, de agir sobre a realidade, de acordo com princípios éticos, para torná-la ética<sup>320</sup>.

O agir ético, com base no ágape, exige e compromete as pessoas a se doarem umas às outras num ambiente de partilha, de comunhão e de vivência comunitária, assim, percebe-se que todo seguimento a Jesus Cristo não é algo isolado e que pertence apenas a pessoa. Ele é uma realidade comunhão e fraternidade em que todos devem se responsabilizar pela vida uns dos outros, não num sentido de controle e dominação, mas na liberdade e no amor em estado de permanente atenção não só às realidades impeditivas, mas também as novas que surgem.

A doutrina da Igreja é frequentemente julgada como intransigência intolerável, sobretudo nas situações extremamente complexas e conflituosas. Muitas vezes é acusada de atrapalhar o desenvolvimento social, econômico e político<sup>321</sup>. Na verdade, é uma pista para que os cristãos não se deixem levar pelos males do mundo e não se influenciem por doutrinas e condutas contrárias à fé e ao amor que professam. É uma defesa da dignidade da pessoa humana e proposta de caminho para a manutenção harmoniosa convivência<sup>322</sup>.

A dignidade de cada pessoa humana e o bem comum são questões que deveriam estruturar [...] Embora aparentemente não nos traga benefícios tangíveis e imediatos, é indispensável prestar atenção e debruçarmos sobre as novas formas de pobreza e fragilidade, nas quais somos chamados a reconhecer Cristo sofredor:: os sem abrigo, os toxicodependentes, os refugiados, os povos indígenas, os idosos cada vez mais sós e abandonados etc.<sup>323</sup>

Assim, é necessário que haja sempre uma conversão. No caso do cristão, conversão é: “tornar-se pascal”<sup>324</sup>, ou seja, viver de modo a possibilitar a volta a Deus a manter a capacidade de voltar à origem e de se doar, tendo que passar da realidade humana para uma realidade transcendente.

Para o cristão, Jesus não pode ser o ‘centro’ num sentido estático; ele só pode ser o centro não sendo centro, mas transito, passagem, páscoa; só pode ser o centro, se a afirmação da centralidade de Jesus significar segui-lo, entrar na dinâmica do seu Espírito. Permanecer em Jesus é passar com ele deste mundo ao Pai e aos irmãos e irmãs<sup>325</sup>.

<sup>320</sup>Cf. TABORDA, Francisco. *Nas fontes da vida cristã*. pp. 50-51.

<sup>321</sup>Cf. JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Veritatis Splendor*. São Paulo: Paulinas, 2009. VE 95.

<sup>322</sup>Cf. FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.VE 96.

<sup>323</sup>EG 210.

<sup>324</sup>TABORDA, Francisco. *Nas fontes da vida cristã*. p. 97.

<sup>325</sup>Id.

Algo que demonstra que o amor está na dinâmica da exigência e do comprometimento consiste na ação daquela pessoa que realiza o ato de bondade como um ato de doação de si, como fez o próprio Cristo, na superação da limitação humana de fechamento em si mesmo e abertura às possibilidades do cuidado aos pobres, enfermos e necessitados<sup>326</sup>.

Na sociedade atual constata-se que falar de exigência e compromisso soa pesaroso, que só vale a pena quando traz consigo algum benefício pessoal, não havendo espaço para a gratuidade.

### **3. A fé que age pelo amor (Gl 5,6)**

A definição mais comum de fé é a contida na Sagrada Escritura: “a fé é a garantia dos bens que se esperam, a prova das realidades que não se veem” (Hb 11,1). Significa que ter fé é acreditar em algo que não se vê, não se pode medir, não se pode tocar; é acreditar e esperar que uma situação aconteça.

Entretanto, para os cristãos, a fé consiste no seguimento e experiência de uma pessoa concreta, Jesus Cristo. Por meio do processo de conformidade, a Ele, há uma mudança de comportamento. O testemunho se dá na eclesialidade dos batizados. Cada qual, com sua função e ministério<sup>327</sup>, é chamado a ser discípulo e missionário, independentemente da situação pessoal, distinguindo-se somente pelo amor a Deus e pelo amor ao próximo<sup>328</sup>. A fé é graça de Deus e adesão pessoal que parte do coração.

Crer só é possível pela graça e pelos auxílios interiores do Espírito Santo. Mas não é menos verdade que crer é um ato autenticamente humano. Não contraria nem a liberdade nem a inteligência do homem confiar em Deus e aderir às verdades por Ele Reveladas<sup>329</sup>.

No entanto, mesmo tendo uma dimensão individual da fé, ela pode ser vivenciada de forma plural, levando em consideração sempre a experiência que o outro faz. Atualmente um sério problema em relação à iniciação cristã é a ênfase dada

<sup>326</sup>Cf. DÍAZ, Lorenzo Trujillo; SÁEZ, Francisco José López. *Meditación sobre la eucaristía*. p. 324.

<sup>327</sup>Cf. LG 10.

<sup>328</sup>LG 42.

<sup>329</sup>CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola; Paulinas; Ave-Maria; Paulus; 1998. CEC 154.

à questão “plural” da fé, em detrimento da individual, uma vez que a dimensão pessoal e dimensão plural estão interligadas.

A fé é um ato pessoal: a resposta livre do homem à iniciativa de Deus que se revela. Ela não é, porém, um ato isolado. Ninguém pode crer sozinho, assim como ninguém pode viver sozinho. Ninguém deu a fé a si mesmo, assim como ninguém deu a vida a si mesmo. O crente recebeu a fé de outros, deve transmiti-la a outros. Nosso amor por Jesus e pelos homens nos impulsiona a falar aos outros de nossa fé. Cada crente é como um elo na grande corrente dos crentes. Não posso crer sem ser carregado pela fé dos outros, e pela minha fé contribuo para carregar a fé dos outros<sup>330</sup>.

A fé necessita ser amadurecida, passando por um processo de ascese, que é uma forma de purificação. A ascese requer método e disciplina em vista do progresso e objetivo, pois a prática ajuda o ser humano a atingir o autocontrole em vista do crescimento da vida moral, religiosa e espiritual<sup>331</sup>.

Para os cristãos, a ascese está direcionada à vitória sobre o pecado e ao crescimento das virtudes, especialmente a caridade, porém evitando o dualismo que leva ao menosprezo dos bens terrenos e à dicotomia entre corpo e alma. A maneira de agir deve ser fundamentada na fé. Assim, é possível refletir e perceber que o agir moral unido à fé e à ascese tem como ganho virtudes para nortear toda a existência. Com o passar do tempo, essa concepção começou a perder suas características, seu sentido, tornando-se superficial. Contudo, são as virtudes que norteiam o proceder humano na busca de superar os vícios.

Virtudes são modos e costumes recebidos da família, da sociedade e do meio no qual o sujeito vive<sup>332</sup>, os quais fundamentam a vida e lhe dão sentido<sup>333</sup>. Assim o processo ascético deveria ser o fio condutor, que serve de parâmetro e orientação para a práxis. Nesta perspectiva, a práxis embasada nas ações do próprio Cristo não pode ser motivo de dominação, de opressão, de dureza, de imposição de ideologia; deve ajudar o ser humano a viver bem consigo e com os demais, servindo de sustento para uma vida melhor e de proximidade com Deus.

As disciplinas ascéticas adotadas dependem da concepção que se tem do homem, a qual habitualmente se relaciona com as culturas e com o estado das ciências psicológicas [...] não se vê como a ascese pode deixar de levar em conta as descobertas da psicologia profunda,

<sup>330</sup>CEC 166.

<sup>331</sup>Cf. BERNARD, Ch.A. Ascese. In: FIORES, Stefano; GOFFI, Tullo. *Dicionário de espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 50.

<sup>332</sup>Cf. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.p. 1176.

<sup>333</sup>Cf. VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 135.

referentes às motivações inconsistentes de nossos comportamentos<sup>334</sup>.

Não podemos esquecer que o ser humano em sua natureza pode ser considerado consequência de contrastes, pois as pessoas são capazes de fazer o bem ou o mal, de amar e de odiar, de comunicar e de isolar<sup>335</sup>.

Dessa forma, todo fiel é capaz de reinventar-se sempre. Para conduzir sua vida, o cristão deve optar pelo seguimento radical e sincero de Jesus Cristo. Deve ser ousado para decidir, para tomar atitude e não pode ficar parado no óbvio. Deve ter capacidade para ir além de si mesmo, superar seus limites e abrir-se ao novo que Deus lhe oferece.

Contudo, vive-se hoje uma crise de fé e conduta. A ausência de sentido tem como fator determinante a defesa da cultura ocidental, a razão dominante, originando o “eu egoísta”, voltado apenas para a sua existência, da qual ninguém faz parte e ou se interessa.

A responsabilidade como pessoa em assumir o projeto de Cristo não deve ser posta de lado por nenhuma “experiência” contrária ao evangelho e à sua radicalidade. O cristão deve ter plena consciência de ser responsável pela construção do Reino, na sociedade em que vive, por si mesmo e pelos outros porque “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo”<sup>336</sup>.

Ao criticar a sociedade e seus meios, o cristão deve lembrar-se de que também faz parte dela. Não vive num mundo paralelo. O Homem contemporâneo, em seu individualismo desenvolveu sem reservas uma tendência para reprimir a dessemelhança, pondo de lado os desiguais e os colocando nas margens sociais. O “outro” dessa maneira é tido como definitivamente desprendido de singularidade individual.

Desse modo, o amor e a fé devem gerar a comunhão que manifesta a relação de Deus para com as pessoas e gera comunhão entre as pessoas. O

---

<sup>334</sup>BERNARD, Ch. A. *Ascese*. p. 51.

<sup>335</sup>ARDUINI, Juvenal. *Antropologia: ousar para reinventar a humanidade*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 8.

<sup>336</sup>GS 1.

Sacramento da Eucaristia<sup>337</sup> é expressão da comunhão com Deus e seus filhos e das pessoas entre si como irmãos e irmãs. O grande desafio é promover a tomada de consciência de que a comunhão, fraternidade e amor se dão na saída de si e na “saída da Igreja” como nos exorta o Papa Francisco:

Saiamos, saiamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa em um emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temos de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessa: ‘Dai-lhes vós mesmos de comer’ (Mc 6, 37)<sup>338</sup>.

O dom da fé tem como fator constituinte uma solidez, que precisa estar no interior dos corações, porque gera convicção. Entretanto, essa solidez só será possível nas relações, pois a fé nasce do amor de Deus, somente concretizado na ajuda ao próximo<sup>339</sup>.

A Igreja não se faz apenas no templo, ela se faz também fora dele, na saída dos fiéis ao encontro dos mais necessitados. O templo não pode torna-se desculpa para não ir ao encontro dos outros ou de formar grupos que separam os “santos” dos “pecadores” em nome de Deus.

Na família, por exemplo, pode-se perceber a ação da fé e no amor porque pela união de homem e mulher, em que as responsabilidades e o cuidado com os membros passará por todas as idades: seja no cuidado dos filhos e depois com a

---

<sup>337</sup>La celebración eclesial de la Eucaristía, como memorial de la Última Cena, confiesa sacramentalmente la obra de amor de Dios Padre manifestada en Jesucristo y en la comunión del Espíritu Santo, con el fin de que la humanidad llegue a ser familia de Dios y una fraternidad entre todos los humanos. Y esta convicción se arraiga en la eclesiología de comunión, que destaca que la celebración de la única Eucaristía en cada lugar es el acontecimiento sacramental en el que la Iglesia se expresa en su identidad más profunda de existir como *comunión de comuniones*, como unidad en la diversidad reconciliada en Cristo y por el Espíritu con el Padre, que, a la vez reconciliada a humanidad consigo misma y con toda la creación. FONTBONA, Jaume. *La cena del Señor, misterio de comunión*. p. 261.

<sup>338</sup>EG 49.

<sup>339</sup>Cf. FRANCISCO. Carta Encíclica *Lumen Fidei*. São Paulo: Paulinas, 2013. LF 50.

idade avançada o cuidado dos filhos para com os seus pais<sup>340</sup>. Isso só será possível se as pessoas perceberem que a família é uma escola de afetos em que se aprende o amor e como demonstrá-lo de forma concreta, sendo expressão da fé que se tem em Deus.

Outra característica da fé, que age no amor, é de não esquecer jamais que é necessário respeitar a cultura dos povos e suas diversidades, para que aconteça a fraternidade entre os cristãos<sup>341</sup>.

Faz-se necessário, também, afastar o perigo do fanatismo e fundamentalismo religioso, que em nome da fé busca justificar todo e qualquer tipo de ação, inclusive, atrocidades em nome, inclusive, do amor que se tem a Deus.

É mister que a Igreja se faça presente nessas sociedades por seus filhos que entre elas vivem ou são enviados. Onde quer que vivam, pelo exemplo da vida e pelo testemunho da palavra, devem todos os cristãos manifestar o novo homem que pelo batismo vestiram, e a virtude do Espírito Santo que os revigorou pela confirmação. Assim os outros, vendo essas obras, glorificarão ao Pai e mais perfeitamente compreenderão o autêntico sentido da vida humana. Para que eles possam frutuosamente dar esse testemunho de Cristo, liguem-se aos demais homens com estima caridosa. Reconheçam-se como membros do corpo social através de várias ocupações da vida humana. Familiarizem-se com suas tradições nacionais e religiosas. Com alegria e respeito descubram as sementes do Verbo aí ocultas. Também atendam à profunda transformação que se realiza entre os povos. E empenhem-se para que os homens desta época, por demais engolfados na ciência e na técnica do mundo moderno, não se alienem das coisas divinas. Mas antes despertem para um mais ardente desejo da verdade e caridade divinamente revelados. Cristo mesmo sondou o coração humano e o conduziu à luz divina em um colóquio deveras humano. Da mesma forma Seus discípulos, profundamente impregnados de Seu Espírito, conheçam seus concidadãos e relacionem-se com eles, para que esses mediante um diálogo cheio de sinceridade e paciência venham a conhecer quantas riquezas o munificente Deus prodigalizou aos povos. Ao mesmo tempo à luz do Evangelho procurem iluminar, libertar e submeter essas riquezas ao domínio de Deus Salvador<sup>342</sup>.

Nesse contexto, de valorização da cultura e dos povos, a fé, no amor, também é uma forma de luz para a vida em sociedade e guia das relações de todos

---

<sup>340</sup>Cf. LF 52

<sup>341</sup>La fraternidad significada y realizada por la fracción del pan y el hecho de compartir la misma copa de bendición, no sólo es una fraternidad reunida al redor de Jesús, sino también la fraternidad reunida por un don de Dios, que no es otro que le propio Jesús. FONTBONA, Jaume. *La cena del Señor, misterio de comunión*. p. 268.

<sup>342</sup>DECRETO *Ad Gentes* sobre a Atividade Missionária da Igreja. In: CONCÍLIO VATICANO II. 1962-1965. São Paulo: Vozes, 1998. AG 11.

os âmbitos sociais<sup>343</sup>. A questão é que quando se fala de fraternidade, acredita-se que não existam conflitos insuperáveis e que há consenso, na perspectiva evangélica, dos benefícios para todos. Portanto não podemos esquecer o diálogo.

Quando se esquece do princípio do diálogo<sup>344</sup>, se ignora que cada ser humano é ser único e irrepetível.

Este Povo de Deus encarna-se nos povos da Terra, cada um dos quais tem a sua cultura própria. A noção de cultura é um instrumento precioso para compreender as diversas expressões da vida cristã que existem no povo de Deus. Trata-se do estilo de vida que uma determinada sociedade possui, da forma peculiar que têm os seus membros de se relacionar entre si, com as outras criaturas e com Deus. Assim entendida, a cultura abrange a totalidade da vida de um povo. Cada povo, na sua evolução histórica, desenvolve a própria cultura com legítima autonomia. Isso deve-se ao fato de que a pessoa humana, 'põe sua natureza, necessita absolutamente da vida social' e mantém contínua referência à sociedade, na qual vive uma maneira concreta de se relacionar com a realidade. O ser humano está sempre culturalmente situado: 'natureza e cultura encontram-se intimamente ligadas'. A graça supõe a cultura, e o dom de Deus encarna-se na cultura de quem o recebe<sup>345</sup>.

A presença dos cristãos no mundo precisa ser animada pela fé e caridade que professam<sup>346</sup>, levando o amor uns com os outros, não sendo, dessa forma, indiferentes aos problemas e situações das pessoas, encarando que se o mal que acontece, por vezes, é pela falta de ação e compromisso com o meio que vive a luz do evangelho até mesmo nas celebrações que participam.

#### **4. Fazer da vida um sacrifício de amor**

Após a análise sobre o amor, fé e práxis cabe refletir sobre como unir essa dinâmica sacrificial presente na Eucaristia na vida das pessoas através dos demais sacramentos. Sacramentos, pela definição clássica, são sinais sensíveis (perceptíveis) da graça invisível de Deus, uma efusão especial do Espírito Santo para uma realidade específica da pessoa, que abarca desde o nascimento até a morte.

---

<sup>343</sup>Cf. LF 54.

<sup>344</sup>Cf. LF 54.

<sup>345</sup>EG 97.

<sup>346</sup>Cf. AG 12.

Além disso, eles não contêm apenas uma graça específica, mas comunicam para quem os recebe<sup>347</sup>.

[...] Por isso a Igreja anuncia aos não-crentes a mensagem da salvação, para que todos os homens conheçam o único e verdadeiro Deus e Aquele que enviou, Jesus Cristo, e se convertam de seus caminhos fazendo penitência. Aos que creem, porém sempre deve pregar-lhes a fé a penitência; deve, além disso, dispô-los aos Sacramentos, ensinar-lhes a observar tudo o que Cristo mandou e estimulá-los para toda a obra de caridade, piedade e apostolado. Por estas obras os fiéis cristãos manifestem que são deste mundo, mas sim a luz do mundo e os glorificadores do Pai diante dos homens<sup>348</sup>.

Antes da renovação litúrgica, do Concílio Vaticano II, os sacramentos eram tidos apenas como ritos cerimoniais. Mas conforme o Vaticano II, “a liturgia seria a primeira e necessária fonte, da qual os fiéis hauriam o espírito verdadeiramente cristão. E por isso, mediante a instrução devida, deveria com empenho ser buscada”<sup>349</sup> por todos os cristãos, pois os insere no Mistério Pascal de Cristo não só pela participação dos ritos, mas também pela ação nas mais variadas situações.

Mesmo após o Concílio, muitos ainda não têm a consciência do que é um sacramento e de sua importância. Passos significativos têm sido dados para mudar esse quadro. Porém, esse caminho ainda está longe de chegar ao fim.

A Igreja confessa sua fé e oferece seu apoio a cada cristão. Aí se manifesta e fortalece a vida segundo o Espírito de Jesus Cristo. Os sacramentos devem ser sinais de vida, mas como todas as realidades eclesiais, também estão sujeitos a uma deformação [...] que os ritos visíveis sirvam para a comunhão entre Deus e a humanidade. Esse objetivo não é atingido com uma reforma superficial; ele pressupõe uma profunda renovação do espírito evangélico<sup>350</sup>.

Os sacramentos são direcionados para a santificação, para a instrução e para a edificação de todo o povo de Deus, como membros da Igreja, como membros do corpo de Cristo<sup>351</sup> pode-se afirmar que continuam o sacrifício de Deus em tornar as pessoas sagradas diante Dele. Consequentemente precisa-se de uma vivência cristã autêntica, com uma participação ativa na vida eclesial e expressa na sociedade.

A celebração dos sacramentos é também o modo de preparar os fiéis para receberem a graça de Deus com maior consciência e “frutuosidade”.

---

<sup>347</sup>Cf. DS 1310.

<sup>348</sup>SC 9.

<sup>349</sup>SC 14.

<sup>350</sup>CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (CELAM). *Manual de Liturgia*. Vol I. São Paulo: Paulus: 2007. p. 275.

<sup>351</sup>Cf. SC 59.

A história oficial da salvação nada mais é do que o tornar-se explícito e a tangibilidade histórica da história e da graça que, desde o fundo da natureza humana divinizada pela autocomunicação divina, expande-se por todas as dimensões do homem, por toda sua história [...] portanto, o que chamamos de sacramentos não passam de eventos particularmente marcantes, eventos que se manifestam de forma clara e tangível, que integram uma história da salvação que se identifica com a vida do homem em sua totalidade<sup>352</sup>.

Os sacramentos de iniciação cristã marcam o processo de inserção na fé, como base de sustentação para a vida. Completam um ciclo inicial de aprendizagem e vivência da fé que deverá ser continuando por toda a vida. Pelo batismo a pessoa torna-se membro da Igreja, pertencente a uma comunidade. A expressão sacrificial do batismo está na renúncia de uma vida solitária em prol de uma vida comunitária, expressando a eclesialidade em que todo batizado está inserido. Deve haver comprometimento com os outros, porque, pelo batismo, o fiel “é destinado a ser portador da palavra, a testemunha da verdade, o representante da graça de Cristo no mundo”<sup>353</sup>.

O Batismo, porta da vida e do Reino, é o primeiro sacramento da nova Lei que Cristo instituiu para que todos possam alcançar a vida eterna [...] Assim, o batismo é, antes de tudo, o sinal daquela fé com a qual os seres humanos respondem ao evangelho de Jesus Cristo, iluminados pela graça do Espírito Santo. Por conseguinte, a Igreja nada tem de mais importante e de mais próprio do que despertar em todos, catecúmenos, pais padrinhos dos batizados, aquela fé verdadeira e ativa, pela qual, dando sua adesão a Cristo, iniciam ou confirmam o pacto da nova aliança<sup>354</sup>.

O sacramento da confirmação tem um papel especial no processo de iniciação cristã, apontando que o passo seguinte é viver eucaristicamente até o fim da existência, primando pelo testemunho.

A confirmação é o sacramento do testemunho da fé, da plenitude carismática, da missão no mundo confiada a quem recebeu o selo do Espírito, a fim de que o mundo se sujeite à soberania de Deus [...] A graça da confirmação é, portanto, justamente a graça da Igreja para a missão ao mundo e para anunciar a sua transfiguração [...] isto é disposto por Deus através de sua vocação e da distribuição dos carismas do Espírito<sup>355</sup>.

---

<sup>352</sup>RAHNER, KARL. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 476.

<sup>353</sup>Ibid., p. 481-482.

<sup>354</sup>RITUAL ROMANO. *Ritual da iniciação cristã de adultos*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 10.

<sup>355</sup>DS 482.

A resposta ao amor de Deus por cada cristão católico deve ser gratuita, livre, espontânea não por obrigação. Assim, com a própria vida, se de demonstrar a identidade sacrificial no ser cristão na doação de si porque sente a necessidade de contribuir na construção do Reino, da Igreja e para propagação da boa-nova de Cristo ao mundo, mostrando com a vida a dignidade de cada ser humano como filhos de Deus como ser criando a Imagem e Semelhança em que foi depositado a própria essência de Deus. Portanto, Deus chama o ser humano a dar continuidade à sua obra salvadora, a fim de que mais homens se salvem e cheguem ao conhecimento da salvação. Assim, temos os dois sacramentos de serviço: matrimônio e ordem.

Pelo sacramento do matrimônio, que revela mais do que uma condição natural e social presente nas mais diversas sociedades<sup>356</sup>, os fiéis o contraem e vivem, no dia a dia, o mistério de unidade de amor de Cristo com sua Igreja, que é sempre um amor fecundo<sup>357</sup>. Dessa forma, os cônjuges contribuem diretamente para a santificação de um para com o outro (ajuda mútua), na aceitação e educação dos filhos que lhes são confiados “e têm para com isso, no seu estado e função um dom especial dentro do povo de Deus”<sup>358</sup>.

A aliança matrimonial, pela qual o homem e a mulher constituem entre si uma comunhão para toda a vida, recebe da criação seu vigor e sua força, bem como é levada a uma dignidade mais alta em favor dos fiéis, uma vez que se inclui entre os sacramentos da Igreja [...]. Este vínculo sagrado, portanto, não depende do arbítrio humano, mas do próprio autor do Matrimônio, que o quis dotado de vários fins<sup>359</sup>.

O matrimônio é sinal da união e doação de Cristo a Igreja. Assim, torna-se Igreja, pois se trata de uma comunidade de pessoas redimidas e santificadas, que se baseiam no mesmo fundamento de unidade no qual está alicerçada a Igreja. Constituem, sem dúvida, uma verdadeira Igreja particular<sup>360</sup> sinal de união presente pelo caráter do sacramento que torna duas pessoas uma única pessoa mostrando a comunhão que deve ser buscada na relação esponsal.

A Igreja é constituída de pessoas, que, a partir do Batismo, formam um povo sacerdotal que participa do único sacerdócio, que é o de Cristo, em suas três dimensões: real, profético e sacerdotal. No decorrer da história da Igreja, essa

---

<sup>356</sup>Cf. JOÃO PAULO II. *Código de direito canônico*. São Paulo: Loyola, 2010. CIC 1055.

<sup>357</sup>Cf. RITUAL ROMANO. *Ritual do matrimônio*: Introdução Geral. São Paulo: Paulus, 2011. p. 14.

<sup>358</sup>LG 10

<sup>359</sup>RITUAL ROMANO., Op cit., p. 10.

<sup>360</sup>Cf. GS 48-52.

concepção de povo sacerdotal foi esquecida e posta de lado. Com o Concílio Vaticano II, há a “redescoberta” dessa dignidade de todos os fiéis e não apenas de um grupo “seleto”.

O povo sacerdotal exerce seu ministério de duas formas: como ministros não ordenados, o que corresponde à maioria dos fiéis, que são os leigos, religiosos e religiosas; e como ministros ordenados (bispos, presbíteros e diáconos). Um ministério não é maior que o outro; estão em complemento e a serviço um do outro<sup>361</sup>.

O sacramento da ordem é um ministério para a santificação dos homens<sup>362</sup>, que mostra como Cristo santificou a vida dos seus, pelo qual uma pessoa é retirada do meio do povo para servir ao mesmo povo de Deus. O prefácio “O sacerdócio de Cristo e o ministério dos sacerdotes”<sup>363</sup>, diz o seguinte: “Por isso, Vosso Filho, Jesus Cristo, enriqueceu a Igreja com um sacerdócio real. E, com bondade fraterna, escolhe homens, que pela imposição das mãos, participem do seu ministério sagrado”<sup>364</sup>.

Nesse texto, percebe-se que o sacramento da ordem confere aos ministros, no corpo de Cristo, a Igreja, uma identidade essencialmente diferente da identidade dos demais leigos. Isso não quer dizer que possuam “maior dignidade” ou que estejam “acima deles”, mas que participam de forma diferente do múnus de Cristo. A oração do prefácio nos fala do “sacerdócio” como um todo e da pessoa que o instituiu a todos, Jesus Cristo, e não das pessoas que o exercem. Assim, os ordenados são distintos dos demais cristãos pelo fato de serem ungidos pelo Espírito para serem sinais de Cristo cabeça e pastor, para mostrar que as pessoas são sagradas a Deus agindo na pessoa de Cristo e não se colocando como “outro Cristo”.

A vida do ser humano é marcada pela inconstância entre o pecado e a graça, dicotomia entre o bem e mal, como já tratado anteriormente. Isso não lhe diminui dignidade, mas o ajuda a compreender-se como ser humano. Entretanto, para ajudar o fiel nessa dinâmica e fazê-lo aproximar-se cada vez mais em Deus e viver de sua palavra indulgente, há o sacramento da reconciliação<sup>365</sup>.

Pode-se afirmar que na contemporaneidade se expressa o que foi fomentado pelos séculos - a crise do sacramento da penitência, causada entre outros motivos pela a relativização do pecado e da própria conduta moral na sociedade que

---

<sup>361</sup>Cf. LG 10

<sup>362</sup>Cf. RAHNER, KARL. *Curso fundamental da fé*. p. 484.

<sup>363</sup>RITUAL ROMANO. *Pontifical Romano*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 229.

<sup>364</sup>Cf. *Ibid.*, p. 229.

<sup>365</sup>Cf. RAHNER, KARL. *Op Cit.*, p. 487.

permeia, inclusive o interior da Igreja. A noção de pecado possui dois extremos: ou tudo é pecado ou nada é pecado.

O pecador contrito, porém, pode contar sempre com o perdão de Deus. O perdão, sem dúvida, foge totalmente à lógica do ser humano e pode ser considerado como um dos maiores “milagres” do amor de Deus para com a humanidade. O perdão é a forma pela qual Deus se comunica as pessoas, que no seu cotidiano acabam dizendo não ao Seu projeto<sup>366</sup> e, conseqüentemente, negando tudo o que Deus fez. A Igreja, na pessoa do seu ministro ordenado no segundo grau do sacramento da ordem, fica responsável por administrar esse perdão de forma sacramental. O perdão é um pressuposto para a própria conversão. Na dinâmica do perdão de Deus, o pressuposto é que as pessoas perdoem-se mutuamente. Não é um processo fácil, porém é possível.

Em certo momento da vida, algumas pessoas se deparam com a situação de finitude, tanto pela velhice quanto por uma doença. Assim, o sacramento da unção dos enfermos apresenta-se como um alento de Deus para que a pessoa não se sinta só, mas cuidada por Ele e consiga atribuir um sentido ao momento ao momento da dor e da fragilidade.

A Igreja, compareça também visivelmente ao leito do doente, a fim de que aquela misteriosa circulação da vida divina não só circule livremente em nós, mas se encarne também na nossa experiência tangível e assim a graça nos seja de novo infundida também através dessa manifestação e penetre com mais vigor salvífico a nossa vida e nossa morte [...] criando a salvação para a Igreja e para a situação de enfermidade de seu membro, bastando que seja acolhida pelo homem que crê e deseja o perdão<sup>367</sup>.

Enfim, podemos perceber que toda a realidade do ser humano perpassa pela questão do sacrifício, da teoria e práxis. Os ritos dos sacramentos são expressões dessa dinâmica que abarca a busca do homem por Deus, a vida de fé e seu desenvolvimento pela ascese. Todos embasados na dinâmica sacrificial da eucaristia, sacramento da comunhão e expressão do amor de Deus a todos os seus filhos e filhas que mostra que a vida do cristão é uma doação que acarreta uma vida toda e não apenas um momento específico.

---

<sup>366</sup>Cf. RAHNER, KARL. *Curso fundamental da fé*. 487.

<sup>367</sup>Cf. *Ibid.*, p. 490.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a leitura desta dissertação, podem ser feitas algumas considerações acerca do conceito de sacrifício, do comportamento dos fiéis, na vida de fé, das concepções que precisam ser “purificadas”, no que diz respeito ao seguimento de Cristo e à participação ativa e participativa na vida litúrgica e inserção no mistério pascal.

O trabalho mostrou que existem várias compreensões acerca do que seja sacrifício, que irão variar de acordo com a cultura ou religião. Entretanto, para os cristãos, o sacrifício tem um valor redentor quando toca na questão de entrega da vida e doação de si em favor das pessoas. Tudo isso em comunhão com a mensagem do próprio Deus que através de Sua doação durante toda a história da salvação, em especial em Jesus Cristo, nos mostrou o valor do sacrifício em fazer com que as pessoas sejam sagradas.

Percebemos a necessidade de mudar certas posições referentes ao sofrimento, às suas consequências e à aceitação, pois os mais variados discursos atribuem a culpa a Deus e retiram totalmente a responsabilidade do ser humano. Dessa forma, conclui-se que há certo “apreço” pelo sofrimento simplesmente porque exime o homem da responsabilidade.

O homem esquece que aquilo de ruim que acontece em sua vida sempre parte da fragilidade do corpo humano, das más escolhas feitas na vida e também que as escolhas influenciam de forma negativa a vida dos outros. As escolhas alheias também influenciam a vida de forma negativa. Isso não é para mostrar que Deus se esqueceu do ser humano, mas para mostrar que a liberdade não pode ser retirada ou simplesmente suprimida por alguém e nem por Deus.

Busca-se um tipo de “sacrifício” que foge daquilo que Cristo ensinou; uma aceitação que pode ser considerada “neurótica”, como uma forma de purificar os pecados/erros cometidos em vista de desfrutar da parusia. Porém, não ensinam a amar ao próximo, nem de ir ao encontro dos mais necessitados e de nem buscar praticar a justiça.

Consequentemente se percebe uma aversão ao corpo e à própria questão da fragilidade do homem, porque se visa apenas ao “espiritual” e ao “sobrenatural”,

esquecendo que as pessoas são uma totalidade de alma, corpo e virtudes que não diminui o ser humano, mas o torna capaz de superar-se sempre.

Não se pode ficar na dicotomia de alma e corpo, em vez disso, é necessário compreender que o ser humano tem esse misto de sentimentos bons e maus, e que só poderão ser superados se forem encarados e as pessoas perceberem que são elas mesmas que preferem se entregar aos sentimentos ruins para se sentirem vítimas do meio e sempre colocar a culpa nos outros, em vez de assumir o protagonismo de sua existência.

A contemporaneidade indica que é preciso encontrar um equilíbrio entre o ser humano e a busca de Deus, não de forma superficial e até mesmo “infantil”, mas que leve em consideração o processo de encontro; sempre relacional: de um lado Deus, que se manifesta e Se revela, e de outro, o ser humano que responde por meio da sua liberdade, assumindo-a em todos os momentos. Não se pode esquecer que o ser humano é sagrado, e suas atitudes devem fazer com que as situações da vida e as pessoas que o rodeiam tornem-se sagradas.

Um segundo, ponto a ser destacado, que é possível perceber o modo como uma comunidade ou uma pessoa está se relacionando com Cristo, por meio das celebrações litúrgicas. Percebe-se que há cristãos que vão às celebrações litúrgicas, em especial a Eucaristia, para buscar saciar os próprios interesses. Esperam que aconteça algo extraordinário, que mude sua vida ou a de alguém que lhes é querido, como num processo de “troca” com Deus.

Chama atenção a necessidade de uma formação mais alicerçada e fundamentada, um processo catequético mistagógico, que não privilegie apenas o cumprimento de preceitos. Ao concluírem a iniciação cristã as pessoas não conseguem refletir sobre as ações da Igreja da qual elas também são membros, abraçando o inconsistente discurso do “pode” e “não pode”.

Além disso, pode-se perceber que alguns pastores da Igreja não estão muito preocupados com essa dinâmica, pois tratam as celebrações como um “ofício”, não se entregam ao mistério celebrado e vivido. Muitos leigos e leigas também não se comprometem nem se interessam em aprofundar a fé.

Jamais se deve esquecer que a Palavra alimenta a fé, ajuda a dar fundamentos a ela e a experimentar, cada vez mais, o amor do Pai na vida. Esse amor

está com o ser humano desde o princípio de tudo, pois Ele quis revelar-Se por meio de Jesus Cristo.

Sem a Palavra, perde-se o elo com Cristo. Esta consciência não está presente na vida da maioria das pessoas, pois muitos fiéis encaram a Palavra, a fé e a prática como convém e unem-se apenas ao um Deus amoroso, misericordioso, esquecendo-se do Deus que exorta, que aponta o que é preciso melhorar e, assim, permite encontrar um sentido para a existência.

Palavra e fé estão intimamente ligadas ao anúncio e à prática, de acordo com a abertura do coração à palavra de Deus e ao Espírito Santo, para que possa agir nele e fazer novas todas as coisas. Isso deve levar os fiéis comprometidos ao anúncio de Cristo às pessoas pelo testemunho cotidiano. É necessário ser um referencial de Deus. Todo esse processo deve levar o fiel a ser melhor na vida eclesial e na celebração da eucaristia, que por meio de uma participação ativa e frutuosa, rezando tudo o que é dito e realizado.

Infelizmente, todos estão inseridos numa sociedade em que aquilo que é momentâneo e passageiro, ou seja, aquilo que é líquido aparentemente tem mais valor do que aquilo que é sólido, do que aquilo que realmente dá sentido à existência nos parece não haver solução, porém pensar dessa forma é conformar-se com a situação e não perceber a realidade que “grita” através das pessoas que começam a perceber que necessitam voltar às origens da fé, as origens do próprio cristianismo.

Para que isso aconteça o amor de Deus, o ágape, necessita ser amadurecido em cada ser humano, para superar as concepções mesquinhas, egoístas e individualistas de amor.

Na liturgia, de maneira especial, as pessoas devem fazer uma experiência do mistério e que isso mude a vida delas se comprometendo mais na construção do Reino, na busca de uma sociedade mais justa e fraterna e, como consequência, aquilo que se celebre não seja algo meramente cultural e sim que mostre uma verdadeira liturgia existencial, que seja expressão da vida, expressão do próprio Deus, expressão da própria fé e expressão do próprio amor.

A Eucaristia é a expressão do sacrifício de amor que Deus realizou em favor de toda a humanidade em que se pode perceber que o sacrifício de Deus é muito mais abrangente e que sua síntese acontece na ceia como comunhão de Deus com

os irmãos e irmãs e na cruz que mostra a que ponto a comunhão e o amor entre os filhos de Deus precisam chegar.

A oração eucarística seja vista como uma oração de louvor, de ação de graças, de súplica e, de maneira especial, como memorial que conduz ao mistério celebrado e vivido, pois nos mostra todo o processo de manifestação de Deus no nosso meio, sua aliança e insistência em não desistir do ser humano. Além de colocar os fiéis diante do Deus que se entrega por amor a cada um de nós e que esse ato é atualizado a cada Celebração Eucarística.

Toda atualização do Mistério Pascal, em especial o que se vive na oração eucarística, tem que fazer as pessoas perceberem que quando celebram, não celebram para si, mas em comunhão com os outros, que pela fé, podem se chamar de irmãos e irmãs, assim, a cada eucaristia participada se celebra a comunhão com Deus e das pessoas entre si, não devendo permitir lugar para o egoísmo e individualismo.

Além disso, o rito precisa ser respeitado, para poder mostrar a unidade e clareza do que se celebra e não algo que acontece a partir de uma vontade pessoal e para agradar aos outros simplesmente por status ou para que as Igrejas estejam cheias. No contexto líquido em que vivemos, muitos “fiéis” vazios interiormente buscam em Deus favores sem nenhum comprometimento.

Ao participar das celebrações litúrgicas, é preciso deixar-nos interpelar por ela para que brote o compromisso com o Reino de Deus. Deve-se seguir Jesus Cristo na radicalidade da vida, na inteireza do ser e não na superficialidade ou mediocridade presente na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 1. Documentos do Magistério

BENTO XVI. Carta Encíclica *Deus caritas est*. São Paulo: Paulus, Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. Exortação apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*. São Paulo: Paulinas, 2007.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola; Paulinas; Ave-Maria; Paulus; 1998.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (CELAM). Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Brasília: Cnbb; São Paulo: Paulus; Paulinas, 2007.

CONSTITUIÇÃO. *Dei Verbum* sobre A revelação divina. In: CONCÍLIO VATICANO II. 1962-1965. São Paulo: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. *Gaudium et Spes* sobre A Igreja no Mundo De Hoje. In: CONCÍLIO VATICANO II. 1962-1965. São Paulo: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. *Lumen Gentium* sobre A Igreja. In: CONCÍLIO VATICANO II. 1962-1965. São Paulo: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada liturgia In: CONCÍLIO VATICANO II. 1962-1965. São Paulo: Vozes, 1998.

DECRETO *Ad Gentes* sobre a Atividade Missionária da Igreja. In: CONCÍLIO VATICANO II. 1962-1965. São Paulo: Vozes, 1998.

FRANCISCO. Carta Encíclica *Lumen Fidei*. São Paulo: Paulinas, 2013.

\_\_\_\_\_. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.

JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. São Paulo: Paulinas, 2005

\_\_\_\_\_. Carta Encíclica *Evangelium Vitae*. São Paulo: Paulinas, 2005.

\_\_\_\_\_. *Código de direito canônico*. São Paulo: Loyola, 2010.

\_\_\_\_\_. Carta Encíclica *Veritatis Splendor*. São Paulo: Paulinas, 2009.

### 2. Patrística

AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 2009.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *Stromata IV*. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. *Antologia Litúrgica: textos litúrgicos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima, Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

CIPRIANO DE CATARGO. *Carta 63*. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. *Antologia Litúrgica: textos litúrgicos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima, Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

CIRILO DE JERUSALEM. *Quinta catequese mistagógica*. SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. *Antologia Litúrgica: textos litúrgicos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima, Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

DIDAQUÉ. In: *Padres Apostólicos*. Col. Patrística. Vol 1. São Paulo: Paulus, 2008.

HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica*. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. *Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

IRENEU DE LIÃO. *Contra as heresias*. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. *Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

JUSTINO DE ROMA. *I Apologia*. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. *Antologia Litúrgica: textos litúrgicos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima, Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

### 3. Dicionários, enciclopédias e manuais

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

BARTMANN, Bernard. *Teologia dogmática: Sacramentos e Escatologia*. Vol III. São Paulo: Paulinas, 1962.

BROUARD, Maurice (org). *Enciclopédia da Eucaristia*. São Paulo: Paulus, 2006.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia*. Vol I. São Paulo: Paulus, 2010.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (CELAM). *Manual de Liturgia*. Vol I. São Paulo: Paulus: 2007.

DENZINGER, Henrici. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2010.

FIORES, Stefano; GOFFI, Tullio. *Dicionário de espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005.

BROUARD, Maurice (org). *Enciclopédia da Eucaristia*. São Paulo: Paulus, 2006.

LACOSTE, Jean-Yves (org). *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas, Loyola, 2004.

PIKAZA, Xavier. *Dicionario de la bíblia*. Navarra: Verbo Divino, 2007.

OTT, Ludwig. *Manual de teología dogmática*. Barcelona: Editorial Herder, 1966.

MCKENZIE, Johm. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1984.

#### 4. Rituais Romanos

- RITUAL ROMANO. *Missal*. São Paulo: Paulus, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Pontifical Romano*. São Paulo: Paulus, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Ritual da iniciação cristã de adultos*. São Paulo: Paulus, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Ritual do matrimônio: Introdução Geral*. São Paulo: Paulus, 2011.

#### 5. Bibliografia básica

- AGNOLIN, Adone. *História das religiões*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- ARDUINI, Juvenal. *Antropologia: ousar para reinventar a humanidade*. São Paulo: Paulus, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- \_\_\_\_\_. *A cultura no mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Vidas para consumo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BERNARD, Ch. A. *Ascese*. In: FIORES, Stefano; GOFFI, Tullo. *Dicionário de espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1981.
- BRITO, Emilio. *Kenose*. In: LACOSTE, Jean-Yves (org). *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas, Loyola, 2004.
- CANTALAMESSA, Raniero. *O mistério da ceia*. Aparecida: Santuário, 2008.
- CERBELAUD, Dominique. *Misericórdia*. In: LACOSTE, Jean-Yves (org). *Dicionário Crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2004.
- COMBLIM, José. *Epístola aos filipenses*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- COSTA, Valeriano Santos. *Noções teológicas de liturgia*. São Paulo: Ave-Maria, 2013.
- DÌAZ, Lorenzo Trujillo; SÁEZ, Francisco José López. *Meditación sobre la eucaristía*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2008.
- DUNN, James D. G. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2008.

- EICHRODT, W. *Teologia del Antiguo Testamento*. Vol I. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1975.
- FONTBONA, Jaume. *La cena del Señor, misterio de comunión*. Biblioteca Litúrgica. Vol 32. Barcelona: Centre de Pastoral litúrgica, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Los sacramentos de la iniciación cristiana*. Biblioteca Litúrgica. Vol 45. Barcelona: Centre de Pastoral litúrgica, 2014.
- FOHRER, Georg. *História da religião de Israel*. São Paulo: Academia Cristã, 2015.
- FORTE, Bruno. *Teologia da História: Ensaio sobre a revelação, o início e a consumação*. São Paulo: Paulus, 2009.
- GASS, Ildo Bohn. O antigo sacrifício e o sacrifício novo de Cristo: (Hb 9,1-14). In: *Estudos Bíblicos*, Petrópolis 34 (1992) 57.
- GESTEIRA, Manuel. *La Eucaristía: Misterio de comunión*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2006.
- GIRALDO, Cesare. *Num só corpo: tratado mistagógico sobre a eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003.
- GIRARD, René. *A Violência e o sagrado*. São Paulo: Editora Unesp, 1990.
- GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. *Eukharistia verdade e caminho da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2008.
- GROTTANELLI, Cristiano. *O sacrifício*. São Paulo: Paulus, 2008.
- HILBERATH, Bernd Jochen; MAYER, Annemarie. *Memorial*. IN: BROUARD, Maurice (org). *Enciclopédia da Eucaristia*. São Paulo: Paulus, 2006.
- HOJMAN, Andrea. *Vida amenazada y obediência a Dios: Génesis 22 y otros relatos*. Buenos Aires: San Pablo, 2010.
- INSTRUÇÃO GERAL DO MISSAL ROMANO. São Paulo: Paulinas, 2007.
- JEANROND, Wernwe G. *Teologia dell'amore*. Biblioteca di teologia contemporanea. Vol 159. Brescia: Queriniana, 2010.
- JUNG, C.G. *O símbolo da transformação na missa*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- JUNGMANN, Josef A. *Missarum Sollemnia*. São Paulo: Paulus, 2010.
- KASPER, Walter. *A Misericórdia: Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2015.
- KLAUCK, Hans-Josef. *O entorno religioso do cristianismo primitivo II*. São Paulo: Loyola, 2011.
- KUNG, Hans. *El judaísmo: pasado, presente, futuro*. Madrid: Editorial Trotta, 2013.
- MOLTMANN, Jurgen. *O Deus crucificado*. São Paulo: Academia cristã, 2014.
- NAKANOSE, Shigeyuki. *A Páscoa de Josias: Uma história para contar: Metodologia de leitura do Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- NIN, Manuel. *Las liturgias orientales*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2008.
- PAGOLA, José Antonio. *Jesus aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- PAUL, BEAUCHAMP. A eucaristia no antigo testamento. In: BROUARD, Maurice (org). *Enciclopédia da Eucaristia*. São Paulo: Paulus, 2006.

- RAHNER, KARL. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulus, 2008.
- RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição*. Parede: Principia, 2011.
- ROCCHETA, CARLO. *Teologia da ternura um “evangelho” a descobrir*. São Paulo: Paulus, 2014.
- SANTE, Carmine Di. *Liturgia Judaica: fontes, estrutura, orações e festas*. São Paulo: Paulus, 2004.
- SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. *Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.
- SHETH, Noel. *O Sacrifício no hinduísmo e na Eucaristia*. In: BROUARD, Maurice (org). *Enciclopédia da Eucaristia*. São Paulo: Paulus, 2006.
- SCHILLEBEECKX, Edward. *História humana: Revelação de Deus*. São Paulo: Paulus, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Jesus: A história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2015.
- TABORDA, Francisco. *O memorial da páscoa do Senhor*. São Paulo: Loyola, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Nas fontes da vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2012.
- TERRIN, Aldo Natale. *O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade*. São Paulo: Paulus, 2004.
- VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009.
- VANHOYE, Albert. *Sacerdotes Antigos e Sacerdote Novo*. São Paulo: Academia Cristã, 2007.
- VARONE, François. *Esse Deus que dizem amar o sofrimento*. Aparecida: Santuário, 2001.
- VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- VAUX, Roland. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2010.